



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM



VANESSA COSTA DE SOUZA

**REPERCUSSÕES DA ENTRADA DO HOMEM PARA A IMAGEM E A
IDENTIDADE DOS GRADUANDOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY**

RIO DE JANEIRO

2023

Vanessa Costa de Souza

**REPERCUSSÕES DA ENTRADA DO HOMEM PARA A IMAGEM E A
IDENTIDADE DOS GRADUANDOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Área de concentração: Enfermagem no contexto brasileiro.

Linha de pesquisa: A Enfermagem e a Sociedade: Uniformes na Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S729r Souza, Vanessa Costa de
REPERCUSSÕES DA ENTRADA DO HOMEM PARA A IMAGEM E
IDENTIDADE DOS GRADUANDOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY / Vanessa Costa de Souza. -- Rio de
Janeiro, 2023.
158 f.

Orientador: Pacita Geovana Gama de Sousa
Aperibense.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery,
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2023.

1. História da Enfermagem. 2. Vestuário. 3.
Identidade Profissional. 4. Gênero. 5. Ensino. I.
Gama de Sousa Aperibense, Pacita Geovana, orient.
II. Título.

Vanessa Costa de Souza

REPERCUSSÕES DA ENTRADA DO HOMEM PARA A IMAGEM E A IDENTIDADE
DOS GRADUANDOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em 27 de abril de 2023.

(Maria Angélica de Almeida Peres, Doutora em Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery)

(Camila Pureza Guimarães da Silva, Doutora em Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery)

(María Sagrario Gomez Cantarino, Doutora em Enfermagem, Universidad Castilla Lá Mancha, Facultad de Fisioterapia e Enfermería de Toledo)

A Deus. Sem Ele, nada seria possível. E a mim, pela coragem, superação, obstinação, abdições, renúncias, lutas e vitórias que tornaram possível alcançar esse belíssimo aprendizado científico e amadurecimento pessoal.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, e à espiritualidade, por todo auxílio e socorro nos momentos difíceis e pelas graças alcançadas ao longo da vida e desta empreitada, e por essa oportunidade ímpar de amadurecimento e aprendizado.

Aos meus pais, por me alicerçarem para que esse momento fosse possível, seguido por um pedido de perdão aos mesmos e a meu irmão e sobrinha por todos os momentos em que não pude dar suporte a vocês ou estar presente.

À minha orientadora, Pacita Geovana G. de S. Aperibense, por sua competência, escuta ativa, receptividade, por todo conhecimento transmitido, mas, principalmente, por todos os diálogos que possibilitaram um aprendizado para além do conhecimento científico, descortinando possibilidades, estimulando o raciocínio crítico e analítico e aguçando o prazer em estudar a história da enfermagem.

Aos colaboradores da pesquisa, pela sua disponibilidade e participação, compartilhando suas vivências e contribuindo enormemente para a historiografia da enfermagem brasileira e, principalmente, da Escola de Enfermagem Anna Nery.

Ao Laboratório de Pesquisa em História e Saúde Mental (LaPHiSM) e ao Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS), pela oportunidade de ampliar meus conhecimentos em história da enfermagem e no âmbito da pesquisa, pela oportunidade de compartilhar e formar parcerias, por aprimorar esta pesquisa por meio das contribuições dos colegas durante as reuniões de ambos os grupos nas muitas fases em que esta foi apresentada.

Aos membros da banca, que acompanharam todas as fases dessa pesquisa, dando contribuições riquíssimas e com análise cuidadosa.

Aos meus amigos, por compreenderem minha ausência e me apoiarem ao longo dessa jornada. Em especial, a Paulo Cezar Gonçalves da Silva, que foi capaz de perceber meu potencial e me desafiar a desbravar esse caminho, incentivar, ouvir, compartilhar seus conhecimentos e experiências pessoais e acadêmicos.

A Valdecir da Costa, que entrou na minha vida no meio dessa caminhada, trazendo luz, amor, alegria e paz, sendo capaz de compreender e estar ao meu lado nos momentos difíceis. Obrigada por todo amor, apoio, compreensão e o seu silêncio, que, por vezes, foi fundamental para me trazer a calma e o conforto de que eu precisava.

RESUMO

SOUZA, Vanessa Costa de. **Repercussões da entrada do homem para a imagem e a identidade dos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery**. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Estudo histórico-social com abordagem qualitativa, sob o recorte temporal 1971 a 1974, relativo ao ingresso e à formatura da primeira turma mista. Versa sobre a entrada do homem na Escola de Enfermagem Anna Nery, o uniforme masculino e sua linguagem, e as repercussões do uso do uniforme para a imagem e a identidade profissional desses estudantes.

Objetivos: Descrever as circunstâncias da entrada do homem a partir do primeiro vestibular unificado para a Escola de Enfermagem Anna Nery; caracterizar os uniformes masculinos a partir da linguagem das roupas e as adaptações no seu uso após o ingresso dos estudantes homens; analisar a construção da identidade profissional da primeira turma com estudantes homens a partir da indumentária. **Metodologia:** As fontes diretas incluíram documentos escritos e iconográficos selecionados no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ (CEDOC/EEAN/UFRJ), na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, nos centros de memória e arquivos das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro e acervo pessoal dos colaboradores. As fontes orais foram produzidas pelo método de História Oral Temática, seguindo roteiro semiestruturado. Foram realizadas 10 entrevistas, submetidas a transcrição e validação. Os documentos foram selecionados dentro do recorte temporal, aplicando-se o tratamento do *corpus* documental e análise estabelecidos pela pesquisa histórica. As fontes iconográficas foram analisadas pela metodologia de Roland Barthes. O referencial teórico pautou-se em Claude Dubar e Roland Barthes, que discorrem sobre construção de identidades e o conceito de imagem e vestuário como linguagem, respectivamente. Esta pesquisa tem aprovação no Comitê de ética da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/UFRJ. **Resultados:** A primeira turma mista ocorreu em 1971, majoritariamente com os não classificados para medicina. Ocorreram 11 chamadas reclassificatórias, gerando demora no preenchimento das vagas, dificuldade de ingresso no curso pelos candidatos, prejuízo no processo de entronização dos estudantes e alteração da metodologia de ensino. Criaram-se 2 uniformes masculinos, o hospitalar e o de formatura, ambos exibindo detalhes que remetem à vestimenta clerical. O gosto e o desejo por usar o uniforme hospitalar era divergente entre os colaboradores. Entretanto, homens e mulheres afirmam que seu uso influenciou na construção da identidade

profissional, atribuindo tal fato ao alto rigor de apresentação, postura ao seu uso, composição e o cuidado exigido na manutenção dos uniformes. Destaca-se, ainda, o conhecimento transmitido pelas professoras, a disciplina e a hierarquia como elementos construtores da identidade. **Conclusão:** A presença dos estudantes homens no corpo social da Escola constituiu-se num marco pelos avanços impulsionados a partir de então. O uso do uniforme foi uma estratégia exitosa para a formação de uma identidade ananeriana. Porém, atributos não mais ligados à identidade visual foram mais importantes para forjar uma identidade profissional em comparação às turmas anteriores. Tais fatores foram determinantes na construção de um espírito de pertencimento ao grupo, implicando reconhecimento e aproximação para ambos os sexos.

Palavras-chave: História da enfermagem; Vestuário; Identidade profissional; Gênero; Ensino.

ABSTRACT

SOUZA, Vanessa Costa de. **Repercussions of the entrance of men for the image and identity of the graduates of the Anna Nery School of Nursing.** Rio de Janeiro, 2023. Dissertation (Master in Nursing) – Anna Nery School of Nursing, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Historical-social study with a qualitative approach, under the time frame 1971 to 1974 relative to the entry and graduation of the first mixed class. It deals with the entry of men into the Anna Nery Nursing School, the male uniform and its language, and the repercussions of the use of the uniform for the image and professional identity of these students. **Objectives:** to describe the circumstances of the entrance of the man from the first unified entrance exam for the Anna Nery School of Nursing; to characterize the male uniforms based on the language of the clothes and the adaptations in their use after the entry of male students; to analyze the construction of the professional identity of the first class with male students based on clothing. **Methodology:** direct sources included written and iconographic documents selected at the Documentation Center of the Anna Nery School of Nursing at UFRJ (CEDOC/EEAN/UFRJ), at the National Library's Digital Library, at memory centers and archives at public universities in the state of Rio de Janeiro and personal collection of collaborators. The oral sources were produced using the Thematic Oral History method, following a semi-structured script. Ten interviews were carried out, submitted to transcription and validation. The documents were selected within the time frame, applying the treatment of the documentary corpus and analysis established by historical research. The iconographic sources were analyzed using Roland Barthes' methodology. The theoretical framework was based on Claude Dubar and Roland Barthes, who discuss the construction of identities and the concept of image and clothing as language, respectively. This research is approved by the Ethics Committee of the Anna Nery School of Nursing/Institute of Health Care São Francisco de Assis/UFRJ. **Results:** The first mixed class took place in 1971, mostly with those not qualified for medicine. There were 11 calls for reclassification, causing delays in filling vacancies, difficulty for candidates to enroll in the course, damage to the process of enrolling students and changing the teaching methodology. 2 male uniforms were created, the hospital and the graduation uniform, both displaying details that refer to clerical clothing. The taste and desire to wear the hospital uniform differed among employees. However, men and women claim that its use influenced the construction of professional identity, attributing this fact to the high rigor of presentation, attitude to its use, composition and the care required in maintaining the uniforms. Also noteworthy is the

knowledge transmitted by the teachers, discipline and hierarchy as elements that build identity.

Conclusion: The presence of male students in the social body of the School constituted a milestone for the advances driven from then on. The use of the uniform was a successful strategy for the formation of an Ananerian identity, however, attributes no longer linked to the visual identity were more important to forge a professional identity compared to the previous groups. Such factors were decisive in building a spirit of belonging to the group, implying recognition and rapprochement for both sexes.

Keywords: History of nursing; Clothing; Professional identity; Gender; Teaching.

RESUMEN

SOUZA, Vanessa Costa de. **Repercusiones del ingreso de hombres en la imagen e identidad de los egresados de la Escuela de Enfermería Anna Nery**. Rio de Janeiro, 2023. Disertación (Maestría en Enfermería) – Escuela de Enfermería Anna Nery, Universidad Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Estudio histórico-social con enfoque cualitativo, bajo el marco temporal 1971 a 1974 relativo al ingreso y egreso de la primera clase mixta. Se trata de la entrada de hombres en la Escuela de Enfermería Anna Nery, el uniforme masculino y su lenguaje, y las repercusiones del uso del uniforme para la imagen e identidad profesional de estos estudiantes. **Objetivos:** describir las circunstancias del ingreso del hombre de la primera prueba unificada de ingreso a la Escuela de Enfermería Anna Nery; caracterizar los uniformes masculinos con base en el lenguaje de la vestimenta y las adaptaciones en su uso luego del ingreso de estudiantes varones; analizar la construcción de la identidad profesional de la primera clase con estudiantes varones a partir de la vestimenta. **Metodología:** las fuentes directas incluyeron documentos escritos e iconográficos seleccionados en el Centro de Documentación de la Escuela de Enfermería Anna Nery de la UFRJ (CEDOC/EEAN/UFRJ), en la Biblioteca Digital de la Biblioteca Nacional, en centros de memoria y archivos de universidades públicas del estado de Río de Janeiro y colección personal de colaboradores. Las fuentes orales fueron producidas utilizando el método de Historia Oral Temática, siguiendo un guión semiestructurado. Se realizaron diez entrevistas, sometidas a transcripción y validación. Los documentos fueron seleccionados dentro del marco temporal, aplicando el tratamiento del corpus documental y el análisis establecido por la investigación histórica. Las fuentes iconográficas se analizaron utilizando la metodología de Roland Barthes. El marco teórico se basó en Claude Dubar y Roland Barthes, quienes discuten la construcción de identidades y el concepto de imagen y vestimenta como lenguaje, respectivamente. Esta investigación cuenta con la aprobación del Comité de Ética de la Escuela de Enfermería Anna Nery/Instituto de Atención a la Salud São Francisco de Assis/UFRJ. **Resultados:** La primera clase mixta tuvo lugar en 1971, en su mayoría con no titulados en medicina. Hubo 11 convocatorias de reclasificación, lo que provocó retrasos en la cobertura de vacantes, dificultad para que los candidatos se matriculen en el curso, perjuicios en el proceso de entronización de los alumnos y cambio en la metodología de enseñanza. Se crearon 2 uniformes masculinos, el de hospital y el de graduación, ambos con detalles que hacen referencia a la indumentaria clerical. El gusto y el deseo de usar el uniforme del hospital diferían entre los empleados. Sin embargo, hombres y mujeres afirman que su uso influyó en la construcción de la identidad profesional, atribuyendo este hecho al alto rigor de presentación,

actitud ante su uso, composición y cuidado requerido en el mantenimiento de los uniformes. También se destaca el conocimiento transmitido por los docentes, la disciplina y la jerarquía como elementos que construyen la identidad. **Conclusión:** La presencia de estudiantes varones en el cuerpo social de la Escuela constituyó un hito para los avances impulsados a partir de entonces. El uso del uniforme fue una estrategia exitosa para la formación de una identidad ananeriana, sin embargo, los atributos que ya no estaban vinculados a la identidad visual fueron más importantes para forjar una identidad profesional en comparación con los grupos anteriores. Dichos factores fueron determinantes en la construcción de un espíritu de pertenencia al grupo, implicando reconocimiento y acercamiento para ambos sexos.

Palabras clave: Historia de la enfermería; Ropa; identidad profesional; Género; Enseñando.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Distribuição temática das reportagens publicadas.....	54
Imagem 2 – Reportagem “Unificação de Medicina tem edital amanhã”, publicada no Jornal dos Sports em 16/11/1970, com orientação para preenchimento da ordenação dos cursos de preferência.....	55
Imagem 3 – Escolha das carreiras.....	56
Imagem 4 – Estratificação de gênero dos candidatos.....	57
Imagem 5 – Trecho da reportagem “Medicina chama candidato para entrevista”, publicada no Jornal dos Sports.....	60
Imagem 6 – Uso da touca por estudantes homens da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP/UniRio).....	70
Imagem 7 – Estudante mulher com uniforme de formatura.....	72
Imagem 8 – Estudantes homens com uniforme de formatura.....	72
Imagem 9 – Estudantes de ambos os sexos com uniforme hospitalar.....	75
Imagem 10 – Tipos de camisa e jaleco.....	76
Imagem 11 – Jaleco do uniforme hospitalar.....	76
Imagem 12 – Gola do uniforme hospitalar.....	77
Imagem 13 – Abotoamento invisível.....	77
Imagem 14 – Botões dos séculos XVIII e XIX.....	78
Imagem 15 – Fechamento do vestuário segundo o gênero.....	79
Imagem 16 – Calça do uniforme hospitalar.....	79
Imagem 17 – Uniforme de formatura do estudante homem.....	81
Imagem 18 – Vestuário clerical.....	82
Imagem 19 – O acender das lâmpadas.....	85
Imagem 20 – Álbum de formatura.....	85
Imagem 21 – Relatório de avaliação em campo de prática.....	93
Imagem 22 – Relatório de avaliação em campo prático de 1961.....	94
Imagem 23 – Relatório de avaliação em campo prático de 1963.....	95
Imagem 24 – Relatório de avaliação em campo prático de 1965.....	96
Imagem 25 – Estudantes mulheres com uniformes de formatura customizados.....	98
Imagem 26 – Estudante homem com uniforme de formatura customizado.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de fontes primárias selecionadas.....	36
Quadro 2 – Apresentação dos colaboradores do estudo.....	41
Quadro 3 – Reclassificados Homens no Vestibular de 1971 em listas nominais.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA E PROPOSIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	17
1.2 APROXIMAÇÃO, JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	25
1.3 CONTRIBUIÇÕES POTENCIAIS DO ESTUDO.....	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO – CONCEITOS NORTEADORES DA PESQUISA.....	28
2.1 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES.....	28
2.2 A IMAGEM COMO LINGUAGEM.....	29
3 METODOLOGIA.....	32
3.1 TIPO DE ESTUDO: CAMPO, DIMENSÃO, DOMÍNIO E ABORDAGEM.....	32
3.2 CENÁRIO DE ESTUDO.....	32
3.3 FONTES HISTÓRICAS.....	33
3.3.1 Fontes textuais.....	33
3.3.2 Fontes orais.....	34
3.3.3 Fontes iconográficas.....	34
4 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	36
4.1 FONTES TEXTUAIS E ICONOGRÁFICAS.....	36
4.1.1 Critérios de inclusão e exclusão das fontes textuais e iconográficas.....	38
4.2 FONTES ORAIS.....	39
4.2.1 Critério de inclusão e exclusão dos colaboradores do estudo.....	40
5 PROCEDIMENTO PARA TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	42
5.1 ANÁLISE DE ADEQUAÇÃO DAS FONTES TEXTUAIS.....	42
5.2 TRATAMENTO DAS FONTES ORAIS.....	42
5.3 TRATAMENTO DAS FONTES ICONOGRÁFICAS.....	43
5.4 ANÁLISE DOS DADOS – CRITÉRIOS DE CONFIABILIDADE.....	43
5.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	44
6 ASPECTOS ÉTICOS NA PESQUISA HISTÓRICA.....	46

7 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	49
8 (CAPÍTULO 1) INGRESSO DE HOMENS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY: VESTIBULAR UNIFICADO COMO OPORTUNIDADE DE INSERÇÃO EM UMA CARREIRA PROFISSIONAL NA ÁREA DE SAÚDE.....	50
8.1 (1.1) A REFORMA UNIVERSITÁRIA DE 1968.....	51
8.2 (1.2) PRIMEIRO VESTIBULAR UNIFICADO PARA A ÁREA BIOMÉDICA.....	53
8.3 (1.3) NAS ENTRELINHAS DO VESTIBULAR DE 1971: REPERCUSSÕES PARA A EEAN.....	61
9 (CAPÍTULO 2) COSTURANDO UMA NOVA IMAGEM A PARTIR DE UMA INDUMENTÁRIA.....	64
9.1 (2.1) O UNIFORME: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM A PARTIR DE UMA INDUMENTÁRIA.....	65
9.1.1 (2.1.1) Os uniformes masculinos.....	67
9.2 (2.2) A LINGUAGEM POR MEIO DA ROUPA.....	74
9.3 (2.3) RITUAIS E CERIMÔNIAS: NOVOS MOLDES.....	83
10 (CAPÍTULO 3) ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DA PRIMEIRA TURMA DA EEAN A PARTIR DA INDUMENTÁRIA.....	87
10.1 (3.1) O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL.....	88
10.1.1 (3.1.1) Recortando o tecido: a moda nas décadas de 1960 e 1970.....	91
10.2 (3.2) O TRAJAR-SE NA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY – O USO DO UNIFORME.....	93
10.3 (3.3) A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA ALÉM DO USO DO UNIFORME – O PROFISSIONAL ENFERMEIRO POR TRÁS DA ROUPA.....	101
11 CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS.....	109
ORÇAMENTO DA PESQUISA.....	118
APÊNDICES.....	119

A – INSTRUMENTO PARA CATALOGAÇÃO DE FONTES TEXTUAIS.....	119
B – INSTRUMENTO PARA CATALOGAÇÃO DE FONTES ICONOGRÁFICAS.....	120
C – TERMO DE DOAÇÃO.....	121
D – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES HOMENS QUE SE GRADUARAM EM 1974.....	122
E – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS COLABORADORAS ESTUDANTES MULHERES QUE VIVENCIARAM A ENTRADA DO HOMEM NA EEAN.....	125
F – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES QUE ERAM DOCENTES NO PERÍODO DE 1971 A 1974.....	128
G – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES HOMENS QUE CURSARAM, MAS NÃO CONCLUÍRAM O CURSO.....	131
H – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DAS FONTES TEXTUAIS.....	133
I – INSTRUMENTO DE VALIDAÇÃO DO CONTEÚDO DAS FONTES ORAIS.....	134
J – CARTA-CONVITE DE INTENÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA.....	135
K – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	136
ANEXOS.....	138
A – CONVITE ENVIADO PELO APLICATIVO DE MENSAGEM <i>WHATSAPP</i>	138
B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ELABORADO EM MEIO ELETRÔNICO.....	139

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA E PROPOSIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O presente estudo tem, como objeto, as repercussões da entrada do homem na Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ), para a imagem e identidade dos graduandos e graduandas nesta instituição.

Historicamente, o cuidar está relacionado às práticas da medicina informal, praticado, no meio doméstico, por mães, servas, amas de leite, babás e governantas, sempre atrelado a aspectos maternos. Direcionado às crianças, aos doentes e aos idosos da família, sendo afirmado e justificado sob o argumento de que “as mulheres seriam dotadas de qualidades naturais para seu desempenho”, portanto, atribuindo-o a uma prática feminina (WALDOW, 2010).

Já o cuidado enquanto prática curativa em saúde desenvolveu-se, ao longo do tempo, de acordo com as nações e suas estruturas sociais, organizacionais, políticas e econômicas, mas, principalmente, sendo influenciado pelas diversas doutrinas religiosas, que, além de ditarem o papel de homens e mulheres na sociedade, também determinou tais papéis no cuidado aos doentes (SOUZA, 2018).

Neste aspecto, cabe ressaltar que, no Brasil, desde seus primórdios, o cuidado não foi uma ação exclusiva de mulheres. Homens e mulheres estiveram envolvidos com o processo de cuidar em diferentes contextos que precisam ser pontuados para o melhor entendimento do objeto de estudo.

O homem se fez presente na história brasileira do cuidado aos enfermos desde o período colonial, mediante a participação dos escravos que auxiliavam os jesuítas. Posteriormente, com o surgimento das Santas Casas de Misericórdia, os cuidados seguiram-se prestados por homens e mulheres, escravos ou por aqueles que receberam cuidado nesse ambiente e permaneceram cuidando após a cura do agravo em saúde (BATISTA, 2018).

No âmbito das escolas de enfermagem laicas¹, a primeira escola de enfermagem brasileira foi a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, criada em 1890, vinculada ao Hospício Nacional de Alienados, com o objetivo de formar profissionais de enfermagem para os hospícios e hospitais civis e militares, mediante a saída das irmãs de caridade, que desenvolviam atividades de cuidado nesse hospital, o que levou à escassez de mão de obra no Hospício Nacional de Alienados (MOREIRA, 1990; SOUZA, 2018).

¹ Ensino e prática de enfermagem desvinculadas do Clero.

A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (EEAP/UniRio), foi criada sob o modelo assistencial francês, que, assim como o modelo nightingaleano, também tinha um ideal de cuidado prestado por mulheres justificado pela “aptidão nata e qualidade da mulher enfermeira em detrimento do homem” (SOUZA, 2018).

Apesar de o modelo francês instituído na EEAP/UniRio incentivar a educação feminina e a subordinação da enfermeira ao médico, a referida escola permitiu a formação de homens enfermeiros em virtude da apropriação das características de gênero destes (força física) para lidar com os alienados homens que necessitassem de contenção (BATISTA, 2018; SOUZA, 2018).

Após ter sido criada em 1890 e passar por um período de inatividade até 1904, pode-se apontar a presença de 23 alunos matriculados (16 homens e sete mulheres) em 1905, chegando-se a diplomar cinco enfermeiros, dos quais dois homens e três mulheres, em 1906 (MOREIRA, 1990; MOREIRA, 2010).

Em 1914, na ocorrência da 1ª Guerra Mundial, criou-se a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira em São Paulo e, no Rio de Janeiro, em 1916. A escola de enfermagem da Cruz Vermelha, subordinada ao Ministério da Guerra, tinha como objetivo formar socorristas voluntários, passando também a formar enfermeiras sanitárias a partir de 1920. Ainda assim, o homem também se fez presente nesse ambiente de ensino, ao ser possível identificar a presença de enfermeiros formados em 1926 pela Cruz Vermelha de São Paulo (BATISTA, 1995; PORTO; CAMPOS; OGUISSO, 2009; SILVEIRA; PAIVA, 2011; BATISTA, 2018).

Do mesmo modo, destaca-se a criação da Escola de Formação Sanitária Divisionárias, subordinada à Diretoria de Saúde da Guerra, em 1921, com vistas a manter o padrão militar e, principalmente, evitar a presença feminina num ambiente masculino, sendo, então, uma escola exclusivamente masculina (BATISTA, 1995).

A partir da década de 1920, observamos uma mudança na característica de gênero na Enfermagem. A implantação da Enfermagem Moderna no Brasil fez emergir uma nova enfermagem no país, tendo como principais características sua profissionalização, estar pautada em princípios científicos e ser uma profissão exclusiva para mulheres.

Cabe esclarecer que a Enfermagem Moderna foi instituída por Florence Nightingale em 1860, caracterizando-se pela formalização do ensino e profissionalização da enfermagem. Florence Nightingale entendia que a enfermagem era a arte de cuidar e requeria treinamento organizado, prático e científico. Nesse sentido, desenvolveu o Sistema Nightingaleano de

ensino, o qual imprimiu características que definiram a profissionalização do exercício do cuidado prestado por mulheres até então (SOUZA et al., 2005; COSTA, 2005).

O modelo Nightingaleano baseou-se na moral, ética e disciplina, a fim modificar a imagem negativa da prática do cuidado, tendo em vista que esta prática passou a ser desempenhada por mulheres de moral questionável, analfabetas e alcoólatras, já que as mulheres com certa formação passaram a trabalhar nas fábricas. Tal fato foi ocasionado pela diminuição da participação das irmãs de caridade nos ambientes de cuidado após o movimento Renascentista, a institucionalização do cuidado e sua chefia feita por médicos, e o advento da industrialização. Nesse contexto, Florence Nightingale, além de formalizar o ensino de enfermagem, profissionalizou as atividades desenvolvidas pela enfermeira, vislumbrando modificar a imagem social do cuidado (GASTALDO; MEYER, 1989; SOUZA et al., 2005; COSTA, 2009; SANTOS et al., 2014).

Destaca-se que a base do modelo Nightingaleano definia como critérios para o ensino: admissão exclusivamente de mulheres; ensino sob regime de internato; adoção de avaliações comportamentais por meio do “boletim moral” e “boletim técnico”; avaliação da capacidade de executar ordens médicas (subordinação), ensino por categorias (“lady-nurses” e “nurses”), uso de uniforme, rígido processo de seleção de candidatas, educação teórica e prática sistemática, gerência da escola exclusivamente por enfermeira, dentre outras características (FÁVERO, 2006; ANTUNES, 2007; SILVEIRA; PAIVA, 2011).

No Brasil, a introdução da Enfermagem Moderna teve início com a chegada da enfermeira norte-americana Ethel Parsons em setembro de 1921, elaborando um projeto de enfermagem voltado para a Saúde Pública, caracterizando o início da Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, conhecida como Missão Parsons. Tal Missão também resultou na criação de uma escola de enfermagem, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública em 1923, posteriormente renomeada como Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) em 1926 (MASCARENHAS; MELO; SILVA, 2016).

A EEAN foi criada sob a égide do modelo anglo-americano de ensino que se pautava nos princípios nightingaleanos. Dessa maneira, era uma escola exclusiva para mulheres, permanecendo assim por quase 50 anos, até 1971, ano em que ingressou a primeira turma mista por força da Reforma Universitária de 1968, chegando a formar, ao final de 1974, um total de 65 enfermeiros, dos quais 13 eram homens (MASCARENHAS; MELO; SILVA, 2016).

O ensino na Escola foi estruturado exclusivamente para mulheres sob o modelo de internato, conferindo confiabilidade às famílias elitistas e de classe média, autorizando suas filhas a estudarem, facilitando a imposição da hierarquia, manutenção de atividades

padronizadas e resguardo da pureza e castidade. Os requisitos para se candidatar à Escola eram: ter entre 20 e 35 anos de idade, ser solteira, legalmente divorciada ou viúva sem filhos, ter curso de formação em Escola Normal ou equivalente, bom estado físico e mental, apresentar carta de referência conferindo idoneidade moral (SANTOS; SANTOS; BARREIRA, 1998; MASCARENHAS; MELO; SILVA, 2016; FERREIRA; SALLES, 2019).

O ingresso na Escola, além de comprovação dos requisitos para a candidatura, era feito por meio de exame médico criterioso, exame para verificação de aptidão intelectual, entrevista individual para avaliação da aparência e refinamento dos modos, além da apresentação de uma carta de intenção (SANTOS; SANTOS; BARREIRA, 1998).

Na busca de melhorar a imagem social e construir uma nova identidade para a enfermeira, além dos requisitos solicitados, houve a instituição de um novo *habitus* profissional por meio de rigorosa disciplina e hierarquia, modelando o comportamento da futura enfermeira, com base religiosa e militar, uso de símbolos, insígnias e rituais, a espelho do que havia internacionalmente (SANTOS; SANTOS; BARREIRA, 1998; SANTOS et al., 2011).

A exemplo disso, podemos citar a Cerimônia de Recepção da Touca, que marcava a admissão definitiva da aluna após o período de adaptação de 4 meses; a colação de grau com a passagem da lâmpada para as alunas da turma seguinte. Ambos reafirmando a abnegação, o compromisso com a profissão e a instituição, além da manutenção dos ideais. Outro subsídio formador de identidade foi o uso do uniforme, que transmitia homogeneidade, postura discreta, hierarquia entre as alunas ao incorporar insígnias, medalhas e braçadeiras e a destituição da sexualidade, padronizando os corpos femininos e resguardando a moral dentro do ambiente profissional, que era compartilhado com homens, os médicos (SANTOS; SANTOS; BARREIRA, 1998; LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2016, 2019).

Como resultado da implantação do sistema nightingaleano, em 1931, a EEAN foi considerada Escola Oficial Padrão para o ensino e assistência de enfermagem pelo decreto Nº 20.109. A partir de sua promulgação, instituiu-se que as escolas de enfermagem deveriam seguir o modelo de ensino da EEAN, a fim de formar profissionais de alto padrão no país. A legitimidade da Escola foi mais reforçada ao integrar a Universidade do Brasil em 1937 (BAPTISTA, 1995; SANTOS et al., 2020).

Desde sua implantação em 1923 até meados do século XX, a EEAN manteve inalterada as características que lhe conferiram prestígio e distinção na sociedade da capital da República, assim como o uso dos uniformes, que acompanharam as influências da moda e da cultura social, emblemas/insígnias e rituais de passagem. Somente ao final da década de 1960 é que foram

observadas mudanças significativas no ambiente social da Escola, ocorrendo a primeira alteração no uniforme, com a retirada do avental do uniforme hospitalar (APERIBENSE, 2016).

As demais mudanças foram reflexos da Reforma Universitária de 1968, a qual modifica a forma de ingresso de estudantes nas universidades, passando a adotar o vestibular unificado, propiciando a entrada de estudantes do sexo masculino na Escola, que, até então, tinha seu ensino voltado exclusivamente para o público feminino, tornando-se forçosa a adequação tanto do ambiente físico quanto do uniforme e dos rituais de passagem que faziam parte da formação (LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2019).

Cabe esclarecer que, dentre as universidades públicas, apenas na EEAN, a entrada do homem se deu a partir de 1970, por força da Lei da RU/68. A presença de graduandos homens nos cursos de enfermagem do Rio de Janeiro antecedeu a RU/68.

A primeira Escola de Enfermagem do país, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (atual EEAP/UniRio) tem homens em seu corpo discente desde a inauguração, em 1890. Estudos com recorte temporal de 1921 a 1942 demonstram que 127 homens se graduaram pela UNIRIO neste período (SOUZA, 2018).

A Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro (EEERJ), criada em 1944, atualmente Escola de Enfermagem Aurora Afonso Costa (EEAAC), da Universidade Federal Fluminense (UFF), teve uma turma mista em 1957, formando 11 enfermeiros, sendo um homem em 1960 (MARQUES, 2020; AINDA SOBRAM, 1971, p 14).

A Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, também criada em 1944, ao vincular-se à Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), seguia o mesmo movimento de admitir apenas mulheres para seu curso. Aponta-se, porém, que a alteração de seu nome de “Escola de Enfermeiras” para “Escola de Enfermagem”, em 1961, configurou numa oportunidade para a entrada de alunos homens, tendo em vista que não havia nenhum outro empecilho em seu regulamento. Sendo assim, a primeira turma mista dessa escola foi em 1963, graduando 14 enfermeiros, quatro homens e dez mulheres (CALDAS, 1995).

Considerando as diferentes conjunturas, pode-se afirmar que a Reforma Universitária de 1968 teve papel importante ao uniformizar a entrada do homem nas escolas de enfermagem pela aglutinação dos cursos em áreas de conhecimento e ingresso por meio de vestibular unificado para cada área, diminuindo, assim, uma das barreiras ao ingresso dos homens nas escolas de enfermagem (BATISTA, 2018).

De fato, a década de 1960 seguiu-se em meio a inúmeros movimentos operários, estudantis, feministas, dos negros, ambientalistas, dos homossexuais, em sua maioria, motivados por liberdade e descontentamento social e político (ANTUNES; RIDENTI, 2007).

Em 1968, o movimento estudantil ganhou força e as ruas. Dentre as reivindicações feitas, pode-se citar a autonomia universitária; participação dos corpos docente e discente na administração universitária; regime de trabalho em tempo integral para os docentes; ampliação da oferta de vagas, a fim de solucionar a problemática dos “excedentes”; flexibilidade na organização curricular, entre outras (FÁVERO, 2006).

Ainda em 1968, o governo viu-se impelido a solucionar os problemas mais urgentes referentes às reivindicações do movimento estudantil, já que havia interesse direto em controlar o ensino e a formação profissional do país, tendo em vista que afetaria o crescimento e o desenvolvimento, além de ferir a política vigente (FRAGA; SIANO, 1991; BAPTISTA; BARREIRA 1999).

O Governo criou, por meio do Decreto nº 62.937, de 02 de julho de 1968, um Grupo de Trabalho para estudar e analisar as medidas a serem tomadas para solucionar a crise nas universidades, sem perder de vista a eficiência, modernização, flexibilidade administrativa e formação de recursos humanos para o desenvolvimento do país. O Relatório Final entregue pelo Grupo de Trabalho contemplava, além de sua análise, propostas que serviram de base para a Reforma Universitária de 1968 (RU/68). Tal reforma incluía: criação do sistema departamental, sendo os cursos/escolas reunidos de acordo com suas áreas de conhecimento, com autonomia administrativa; vestibular unificado por área de conhecimento e ingresso por classificação; criação dos ciclos básicos, de acordo com as áreas de conhecimento, nos quais os alunos cursavam disciplinas comuns àquela área; instituição do sistema de créditos e matrículas por disciplinas, as quais passaram a ser divididas entre eletivas e obrigatórias; criação da carreira acadêmica e da pós-graduação, entre outras providências (FRAGA; SIANO, 1991; BAPTISTA; BARREIRA, 1999; FÁVERO, 2006; ANTUNES; SILVA; BANDEIRA, 2018).

Desta forma, aprovou-se, no Brasil, a Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média. Na prática, a departamentalização proposta fez com que as Escolas fossem reunidas em Centros, Institutos ou Unidades. No caso do curso de enfermagem, este foi incluído nos Centros de Ciências da Saúde ou Ciências Biomédicas (FRAGA; SIANO, 1991; BAPTISTA; BARREIRA, 1999; FÁVERO, 2006).

Assim, o ingresso na EEAN, que ocorria mediante prova de conhecimentos gerais e entrevista em que se avaliavam aspectos comportamentais, sofreu uma profunda modificação, passando a ser realizado por meio de vestibular unificado por classificação na área de conhecimento pretendida. Sendo assim, caso o candidato não conseguisse pontos para classificação na carreira pretendida dentro de determinada área de conhecimento, poderia ingressar em outro curso de segunda opção na mesma área. Sob esse cenário, muitos candidatos que não conseguiam classificação para o curso de medicina entravam para o curso de enfermagem como segunda opção (BAPTISTA e BARREIRA, 1999; HADDAD, 2011).

As matérias publicadas no *Jornal dos Sports*, jornal que veiculava os resultados e chamadas do vestibular na época, dos 80 candidatos convocados na primeira chamada, 47 eram homens e 33 eram mulheres, porém, diante da não efetivação da matrícula, procederam-se 11 reclassificações entre janeiro e março de 1971 (DOC. 20, p.4).

O ingresso na EEAN, que antes era pautado em critérios subjetivos com as entrevistas e avaliações de comportamento, nesse momento (1971), passou a adotar critérios mais objetivos (vestibular unificado), refletindo na alteração das avaliações subjetivas e de apresentação ao longo do curso, além de adaptações nos rituais e cerimônias (APERIBENSE, 2016).

A partir de então, as turmas passaram a ser compostas por estudantes que não queriam ingressar na profissão, ao contrário do que acontecia antes da RU/68, quando as candidatas expressavam desejo de aprender a profissão, levando muitos candidatos a desistirem do curso. A fim de amenizar o alto índice de desistências, foi criado um regimento interno que trazia a possibilidade de submissão dos candidatos à entrevista, à prova de aptidão e à prova psicológica de personalidade (BAPTISTA, 1999).

De fato, o estudo de Lassala (2007, p. 8) apresenta que a entrada do homem trouxe implicações para o corpo discente da EEAN, principalmente no que diz respeito a uma reconfiguração de seu espaço social, e que “as maiores dificuldades vivenciadas por professoras e estudantes da EEAN residiam no fato de que além de a Escola passar a contar com estudantes do sexo masculino, a maioria deles estava cursando enfermagem por não terem obtido classificação para o curso de medicina”.

O curso de enfermagem da Escola, além de ter público exclusivamente feminino, era composto de corpo docente e administração feminina. A questão de gênero nas lideranças da EEAN também se constituiu em um ponto de dificuldade, já que houve mudança de posição de gênero, sendo o estudante do gênero masculino subordinado às professoras (gênero feminino). Esse quadro também contribuiu para a desistência de estudantes homens pela

dificuldade mútua em lidar com o sexo oposto, pela rigorosidade, disciplina e “perseguição” que o estudante homem sofria (APERIBENSE, 2016).

Outro aspecto importante nesse contexto de implementação da RU/68 foi o uso dos uniformes pelos estudantes da EEAN. Eles, que, até então, compunham critério de avaliação, deixam de ser obrigatórios no ciclo básico dos primeiros anos da década de 1970, sendo seu uso obrigatório apenas nas aulas práticas e no laboratório. Ainda assim, sendo usado o jaleco. Ademais, a roupa comum foi instituída nas dependências da Escola, porém a direção determinava o tipo de roupa que poderia ser usado para homogeneizar o grupo e ter controle sobre a apresentação e a aparência. O não uso do uniforme no ciclo básico repercutiu diretamente na postura das discentes e na não identificação delas pela imagem (APERIBENSE, 2016).

A identidade profissional construída por meio de símbolos externos, como os uniformes e insígnias, foi questionada pós-reforma universitária frente à modernização do profissional enfermeiro com a institucionalização acadêmica e científica da profissão, levando a EEAN a repensar o papel dos uniformes e seus acessórios como afirmador da identidade profissional. Aliado a esse repensar, na década de 1970, expandiu-se o ensino e a pesquisa da metodologia da assistência de enfermagem, e o surgimento dos primeiros cursos de mestrado em enfermagem do país, trazendo novos quesitos formadores de identidade profissional com a qualificação e a competência técnica (APERIBENSE, 2016).

O uniforme, além de objeto formador de identidade, tinha a função de ocultar e padronizar os corpos, destituindo as alunas de suas individualidades, direcionando seu foco para as atividades profissionais e resguardando a moral dentro do ambiente profissional que era compartilhado com homens, os médicos (LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2019).

A fim de garantir a padronização dos uniformes, a Escola dispunha de costureira própria para sua confecção, ficando a cargo das alunas atividades como lavar, passar, engomar e dobrar. Os uniformes possuíam modelos específicos para cada ocasião e período educacional, a saber: uniforme preliminar, utilizado nos primeiros 6 meses; uniforme hospitalar e uniforme de saúde pública, com modelo e cor específicos (APERIBENSE, 2016).

Desde sua implantação em 1923 até meados do século XX, a EEAN manteve inalterada as características que lhe conferiu prestígio e distinção na sociedade da capital da República. Da mesma forma, os uniformes, os emblemas/insígnias e os rituais de passagem mantiveram-se inalterados. Os uniformes eram espelhados naqueles usados nos Estados Unidos e tinham como função, além de formar identidade profissional, formar uma identidade institucional e

padronizar os corpos femininos, voltando o foco para o dever e o compromisso profissional, por estarem inseridas no convívio masculino (BATISTA, 1999; PERES; PADILHA, 2014).

Com a entrada do estudante do gênero masculino, a Escola precisou passar por adequações nos mais diferentes aspectos, desde seu espaço físico, como o fato de não dispor de infraestrutura (banheiro, vestiário) para receber os homens, quanto em relação às estratégias pedagógicas e ao uso do uniforme. Assim, na ocasião, foi preciso criar a versão masculina dos uniformes.

Diante desse contexto, temos, como objeto de estudo, as repercussões da entrada do homem na EEAN para a imagem e a identidade dos graduandos e graduandas nesta instituição.

Para tanto, delimitaram-se as seguintes questões norteadoras:

1. Como ocorreu o processo de ingresso dos homens na EEAN?
2. Quais alterações a entrada do homem promoveu em seus rituais e na indumentária usada na EEAN?
3. Que repercussões a entrada do estudante trouxe para a imagem e a identidade da turma de 1971 na EEAN?

A partir das questões norteadoras, foram traçados os seguintes objetivos:

1. Descrever as circunstâncias da entrada do homem a partir do primeiro vestibular unificado da EEAN;
2. Caracterizar os uniformes masculinos a partir da linguagem das roupas e as adaptações no seu uso após o ingresso dos estudantes homens na EEAN;
3. Analisar a construção da identidade profissional da primeira turma da EEAN com estudantes homens a partir da indumentária.

1.2 APROXIMAÇÃO, JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A temática de gênero esteve presente em muitos questionamentos e vivências de minha trajetória profissional, durante e após a graduação. Tornou-se mais evidente ao cursar as especializações em saúde da mulher e em obstetrícia. O contexto epidemiológico de pandemia por Covid-19 suscitou maior exposição da categoria profissional e reacendeu os questionamentos acerca do papel e da identidade do enfermeiro, assim como propiciou um resgate da história da profissão. Tais fatos impulsionaram uma busca pessoal na retomada desses conhecimentos, culminando em questionamentos acerca da presença masculina na profissão.

Os estudos históricos justificam-se pela sua essência de articular passado, presente e futuro. Para além de um registro histórico, a justificativa desta pesquisa envolve a possibilidade de compreender a construção da identidade profissional e da imagem tanto profissional quanto social relativas às questões de gênero e à profissão de enfermagem.

A entrada do estudante homem na EEAN já foi temática na dissertação de Marcelo de Lemos Gonçalves Lassala. Entretanto, seu foco abordava a reconfiguração do espaço social da EEAN diante da presença masculina no corpo discente. Do mesmo modo, a Professora Doutora Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense, ao pesquisar o uso do uniforme e as relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela EEAN, traz a questão da entrada do homem como fator de importante mudança na vestimenta da escola. Entretanto, por não ser este o foco de seu objeto de estudo, não houve um aprofundamento acerca da relação entre uniforme e questões de gênero. Ambos os estudos não contemplam detalhes acerca da semiótica do vestuário masculino, nem analisam as questões acerca da imagem e identidade a partir do uniforme.

A relevância em estudar o tema proposto permeia aspectos do campo social e do âmbito profissional, e ainda por se tratar de uma profissão carregada de estereótipos de gênero, mesmo sendo exercida por ambos os sexos. Ademais, trata-se de tema que repercute até os dias atuais em diferentes contextos, trazendo, portanto, um subsídio ao debate histórico e social acerca das questões de gênero que permeiam a profissão.

1.3 CONTRIBUIÇÕES POTENCIAIS DO ESTUDO

De maneira mais ampla, a pesquisa contribuirá para a historiografia da enfermagem brasileira como profissão. Para além disso, as pesquisas permitem apontar contribuições para o âmbito social, profissional, acadêmico e científico.

O estudo contribuirá para o registro histórico acerca da inserção do homem na enfermagem, além de ampliar os estudos de História da Enfermagem e fortalecer as produções da linha de pesquisa “História da Enfermagem Brasileira” e do Laboratório de Pesquisa em História e Saúde Mental – LaPHiSM, grupo cadastrado no CNPq, tendo como líderes a Professora Doutora Maria Angélica Almeida Peres e a Professora Doutora Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense.

Ainda no âmbito acadêmico, o estudo tem o potencial de apoiar o ensino ao resultar em material didático e reflexivo sobre a própria história da enfermagem e sobre a questão de gênero envolvida na temática, colaborando com a formação acadêmica e profissional.

Acerca da contribuição para a assistência de enfermagem, destaca-se que os estudos históricos são ricas fontes de informação e reflexão que podem ampliar e subsidiar o debate acerca da presença masculina em uma profissão majoritariamente composta por mulheres e, para além das estatísticas, ser uma profissão com características e estereótipo atribuídos, desde seus primórdios, ao gênero feminino.

Compreender sobre a entrada do homem na profissão, ainda que num contexto delimitado do caso da EEAN a partir dos anos de 1970 e suas repercussões, pode auxiliar nos debates acerca da imagem/identidade profissional, contribuindo para a transformação do imaginário coletivo (sociedade) e dos próprios profissionais (enfermeiros e enfermeiras) acerca das questões de gênero que envolvem a profissão. Ademais, fomentar a discussão acerca da questão de gênero contribui para ampliar o diálogo e as reflexões sobre identidade profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO – CONCEITOS NORTEADORES DA PESQUISA

A fim de nortear e embasar o presente estudo o referencial teórico será pautado em autores que definem os conceitos de imagem e identidade, para tanto serão utilizados os autores Claude Dubar, que discorre sobre construção de identidades e Roland Barthes que estudou o conceito de imagem e vestuário como linguagem não verbal.

2.1 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

Claude Dubar, sociólogo francês, trata da construção das identidades profissional e social. Para Dubar, identidade é “o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. A construção de uma identidade é permeada pelo *habitus*, definido como “cultura do grupo de origem”, e pela trajetória dos indivíduos pelos campos sociais (família, escola e profissão) (DUBAR, 2005, p. 136).

A identidade não é única, podendo ser dividida em identidade para si, composta por atos de pertencimento, obtendo, assim, uma identidade social “real”, e identidade para o outro, composta por atos de atribuição dados por instituições ou por outro indivíduo com quem se tenha interação direta, obtendo-se uma identidade social “virtual”. A identidade social “real” é atribuída pelo próprio indivíduo baseada na identidade herdada e na identidade visada. A identidade social “virtual” é aquela conferida por outrem ou por uma instituição que existirá dentro desse convívio, podendo ser alterada funcionando como uma “rotulagem” (DUBAR, 2005).

A relação entre as identidades sociais reais e virtuais torna-se conflituosa pela possibilidade de o indivíduo aceitar ou não a identidade conferida a ele (identidade para o outro). Como solução a esse conflito, Dubar aponta o uso de “estratégias identitárias”, a fim de reduzir a distância entre essas identidades, podendo ocorrer transações “externas/objetivas”, quando o indivíduo tenta acomodar as identidades, ou transações “internas/subjetivas”, quando o indivíduo tenta preservar parte da identidade herdada, integrando a identidade para o outro, vislumbrando construir novas identidades (DUBAR, 2005).

Concebe-se identidade como algo que deve ser construído, desconstruído e reconstruído. No que tange à identidade profissional, esta é construída de forma coletiva e articula-se com a identidade individual e as relações interna e externa estabelecidas com o meio,

e não apenas pela escolha da profissão e a aquisição do diploma. E, para além disso, as identidades social e profissional provocam transformações mútuas (DUBAR, 2005).

Compreendemos que a escolha destes conceitos permitirá analisar o uso do uniforme pelos estudantes homens e as repercussões de sua entrada para a identidade profissional já construída na EEAN.

2.2 A IMAGEM COMO LINGUAGEM

Roland Barthes foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Dentre suas obras, Barthes trabalha a temática da imagem vinculada ao vestuário como forma de linguagem não verbal permeada por aspectos práticos e simbólicos, veiculando informações sobre quem o usa, refletindo sua época e as influências sofridas e propõe uma metodologia de análise do vestuário, podendo esse ser analisado sob três formas: o vestuário-imagem, representado em fotografias e desenhos; o vestuário escrito, descrito e estruturado de forma verbal; e o vestuário real, que analisa as técnicas empregadas na fabricação das peças (BARTHES, 2005; BARTHES, 2009).

A imagem pode ser admitida como forma de linguagem ao utilizar-se de signos que, reunidos, transmitem um significado que não é ela mesma, a imagem por si só, mas sim a relação com a sociedade que a produz e consome, refletindo crenças, disposições, sentimentos e ideologias produzidas pelo ambiente social, econômico ou cultural (BARTHE, 2005).

A imagem é capaz de impactar, mas nem sempre transmite a informação com clareza, haja vista seu caráter polissêmico, por meio do qual uma mesma imagem pode admitir múltiplos significados, mesmo estando dentro de um contexto, fato que dificulta o controle sobre sua significação. Mesmo polissêmica e global, a imagem concreta, como forma de informação visual, tem maior potencial para afetar o espectador do que a linguagem articulada (fala e escrita), podendo tanto dar significado ao psiquismo como transformá-lo (BARTHES, 2005).

Em seu livro *Imagem e Moda*, Barthes admite o vestuário como uma imagem repleta de significado passível de interpretação, composto pela indumentária e pelo traje. A indumentária é a apropriação de elementos (roupas e adornos) ou de seus usos por um grupo social que determina e regula o seu emprego por meio de proibições, tolerância, aberrações, congruências e exclusões, dando origem a uma indumentária própria para o grupo que a gerou. Quanto mais padronizado, mais forte se torna. A indumentária é tida como um sistema cujos elementos se tornam significantes ao serem utilizados em conjunto, porém sem valia ao sofrerem análise isolada (BARTHES, 2005).

O traje é o ato de vestir-se carregado de individualidade, é a forma como o indivíduo adota a indumentária definida para o grupo social no qual está inserido. O traje tem a característica de atualizar a indumentária, ao ter uma determinada peça dela utilizada de maneira diferente devido a mudanças sociais ou ideológicas (BARTHES, 2005). Levando em conta que o uniforme da EEAN é considerado uma indumentária, por se tratar de um modo de vestir característico de um grupo social, sua atualização pode ser exemplificada pela alteração dos uniformes frente às mudanças sociais e ideológicas presentes na década de 1970 a partir dos indivíduos (estudantes homens).

Ao considerar o vestuário uma imagem mais ou menos padronizada de condutas sociais previsíveis, de caráter significante, Barthes propõe uma analogia entre o vestuário e o processo de linguagem. A linguagem é a soma da língua, que é instituída socialmente, com a fala, uma expressão individual. Em contrapartida, o vestuário é composto pela indumentária, instituída socialmente, e pelo traje, um ato individual, usado de forma particular. Dessa maneira, a indumentária equivale à língua, o traje equivale à fala, e a linguagem, ao vestuário (BARTHES, 2005).

A indumentária tem valor sociológico e está em constante interação com o meio histórico. Já o traje carrega características fenomenológicas e sem valor social (limpo, sujo, alinhado, desalinhado). O vestuário (indumentária + traje), como forma de linguagem, reflete o nível de envolvimento do indivíduo com o grupo social a que pertence, sendo possível identificar se há submissão total às normas do sistema indumentário, desvios, aberrações (BARTHES, 2005).

O vestuário é um significante, por prever uma imagem mais ou menos padronizada coletivamente, “modelo social”, que, ao ser empregado pelos indivíduos, transmitem, além de sua participação no grupo, aspectos psicológicos ou sociopsicológicos, como juventude, intelectualidade, luto, respeitabilidade, etc. (BARTHES, 2005).

A fim de analisar metodologicamente o vestuário, Barthes propõe a análise sobre ele, dividindo-o em vestuário-imagem, vestuário-escrito e vestuário real, cabendo, a cada um, análises de forma diferente a contemplar suas estruturas.

O vestuário-imagem é aquele visualizado por meio de fotografia ou desenho, sendo possível identificar formas, cores, relação espacial, estrutura plástica. A análise empregada no vestuário-imagem é a icônica, avaliando as formas e sua significação. O vestuário-escrito é o descrito: se um termo for alterado, isso não muda a descrição do vestuário, ele é vocabular, sofrendo análise verbal, avaliando a informação transmitida. Já o vestuário real é aquele propriamente dito e ao alcance das mãos, com as diferenças de material e as relações entre eles

evidenciadas. A esse vestuário é aplicada a análise tecnológica, buscando avaliar sua fabricação e as técnicas empregadas (BARTHES, 2009).

Para fins deste estudo, serão adotados o vestuário-imagem e o vestuário escrito, além de se lançar mão da semiologia, que permite descrever o vestuário presente no imaginário, puramente intelectual, voltado para as representações coletivas.

O vestuário relaciona-se com a história por meio das interações e valores, devendo ser considerado para além do âmbito da moda e das preferências, tornando-se um fato cultural que, ao mesmo tempo em que é produto histórico, também é considerado como resistência da história. O vestuário é o equilíbrio entre a história interna e externa e o sistema indumentário, tornando necessário referenciar a indumentária a sua função social e global para determinar seu significado e seu valor (BARTHES, 2005).

3 METODOLOGIA

O recorte temporal abarcou o período de 1971 a 1974, sendo o marco inicial referente ao ano em que a EEAN recebeu estudantes homens pela primeira vez, e o marco final, o ano de formatura desta turma.

3.1 TIPO DE ESTUDO: CAMPO, DIMENSÃO, DOMÍNIO E ABORDAGEM

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, centrada no campo da história, com abordagem descritiva e analítica. A pesquisa histórica não pode ser compreendida dentro de um único espectro, pois “não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos ou culturais” (BARROS, 2004, p.15). Portanto, para a construção da pesquisa, considerou-se a dimensão histórica, assim como o domínio histórico, a abordagem e o seu campo de observação.

No âmbito das dimensões teóricas, esta pesquisa baseia-se na História Social e na História Cultural. A interação entre ambas as dimensões é sustentada na análise do contexto político, histórico e social a partir dos conceitos dos referenciais teóricos. Definiu-se como domínio histórico a História das Instituições, uma vez que trata do fato histórico da entrada do homem, pela primeira vez, no corpo docente da EEAN, rompendo com a tradição de ser uma escola exclusiva na formação de mulheres. O campo de observação é o da Histórica Local (BARROS, 2004).

A perspectiva sócio-histórica visa compreender os fenômenos sociais dentro de seu contexto histórico, valorizando aspectos descritivos e percepções pessoais (FREITAS, 2002). O estudo sócio-histórico permite fazer uma releitura do passado sob o olhar do presente, podendo ser abordado sob óticas diferenciadas, pautadas por perspectivas sociais, teóricas e concepções de vida e de mundo, resultando numa “verdade do passado nova”, já que “o presente é sempre novo e reinterpreta de forma nova o passado” (PADILHA; BORENSTEIN, 2005, p.582). Para tanto, faz-se necessário pontuar uma situação histórica que se constitua em uma problemática com espaço temporal delimitado.

3.2 CENÁRIO DO ESTUDO

O Cenário foi a Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EEAN/UFRJ, no contexto da implementação da Reforma Universitária de 1968. A escolha do referido cenário justifica-se pelo fato de a EEAN ter sido a primeira escola de

enfermagem a implementar e disseminar, junto às autoridades governamentais do Brasil, o modelo Nightingaleano de ensino, o qual era voltado exclusivamente para mulheres.

3.3 FONTES HISTÓRICAS

A pesquisa histórica desenvolve-se a partir da análise das fontes históricas que formam seu *corpus documental*, definido por Barros (2020, p.25) como “o conjunto de fontes que serão submetidas à análise do historiador com vistas a fornecer evidências, informações e materiais passíveis de interpretação historiográfica”.

A pesquisa histórica admite a adoção de diversos tipos de fontes que sejam capazes de remontar o passado e pôr o pesquisador em contato com ele, sustentando sua pesquisa (BARROS, 2020). As fontes históricas são admitidas para Padilha e Borenstein (2005) sob a divisão em fontes primárias e fontes secundárias.

As fontes primárias expressam a informação original, levando o pesquisador ao contato direto com os acontecimentos do passado, podendo ser textuais, orais, iconográficas, sonoras, matérias (reliquias, fósseis, etc.). As secundárias são aquelas em que o fato histórico sofreu alguma espécie de tratamento, análise, interpretação ou resumo feito a partir de uma fonte primária. Dentre exemplos de fontes secundárias, encontram-se periódicos, revisões de literatura, livros, teses e dissertações que contenham a interpretação de quem escreveu (PADILHA; BORENSTEIN, 2005; BARROS, 2020; CARLOS; BELLAGUARDA; PADILHA, 2022).

Atualmente, admite-se a designação de fonte direta (denominada, anteriormente, de fonte primária), e fonte indireta, antes conhecida como fonte secundária, como aponta Padilha et al. (2017), adotando as mesmas definições usadas anteriormente.

Assim sendo, as fontes diretas utilizadas neste estudo incluíram textuais/documentais, iconográficas e orais. As indiretas compreenderam publicações acerca da temática, tais como livros, artigos, teses e dissertações. O uso de cada uma delas é descrito, a seguir, em suas particularidades.

3.3.1 Fontes textuais

Foram utilizados como fontes textuais leis, decretos e documentos institucionais tanto da EEAN como de outras instituições públicas de ensino superior, tais como cartas, pareceres, dossiês, memorandos e relatórios referentes à entrada do homem e à presença deste no ensino

superior, a fim de contemplar o contexto do homem na enfermagem. Também foram levantadas as publicações acerca da temática nos jornais de circulação à época.

3.3.2 Fontes orais

A história oral como método de pesquisa visa capturar as percepções da vida social, configurando-se numa “história viva”, na qual os diálogos gravados transformam-se em documentos passíveis de serem utilizados como fonte. Para tanto, a história oral é feita a partir do uso da técnica de entrevista com colaboradores que vivenciaram ou testemunharam um determinado acontecimento do passado ou do presente (PADILHA; BRONSTEIN, 2005; MEYHI; HOLANDA, 2015; PADILHA; BELLAGUARDA et al., 2017).

Esta pesquisa contou com fontes orais produzidas pela autora e entrevistas pertencentes ao acervo de História Oral do CEDOC/EEAN/UFRJ. Foram identificadas, pelo menos, duas pesquisas que possuíam relação com a temática investigada, a saber:

1. Marcelo Lassala – A reconfiguração do espaço social da escola de enfermagem Anna Nery no contexto da reforma universitária de 1968 – dissertação de mestrado – 2007.
2. Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense – Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985) – Tese de doutorado – 2016.

No que diz respeito à produção de fontes orais pela autora desta pesquisa, destaca-se que foi realizada a identificação de um grupo de 32 possíveis colaboradores (25 mulheres e sete homens) entre os ingressantes do vestibular de 1971 que: 1. Concluíram o curso de Enfermagem e foram atuar na enfermagem; 2. Concluíram o curso de Enfermagem, porém fizeram outra faculdade e não exerceram a Enfermagem; 3. Ingressaram na EEAN, porém abandonaram o curso.

3.3.3 Fontes iconográficas

Os documentos fotográficos permitem a visualização dos uniformes, ou seja, do vestuário imagético descrito por Barthes (2009), possibilitando descrevê-los e analisá-los ao longo do recorte temporal, contextualizados no tempo em que estão inseridos.

Os documentos iconográficos empregados nessa pesquisa foram fotografias em que é possível identificar os uniformes usados pelos estudantes homens e mulheres da EEAN em

diferentes contextos (cerimônias, eventos, estágios) no período do estudo. Também se lançou mão de desenhos que descrevem o uniforme em detalhes técnicos acerca dos modelos usados.

4 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

4.1 FONTES TEXTUAIS E ICONOGRÁFICAS

Os documentos escritos foram selecionados no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery, da UFRJ (CEDOC/EEAN/UFRJ), no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, nos centros de memória e arquivos das Universidades do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além do acervo pessoal dos colaboradores. Ao todo, foram catalogadas 39 fontes textuais (Quadro 1). Ao longo da apresentação dos capítulos, estas fontes serão referenciadas por seu número de catalogação.

Quadro 1 – Lista de fontes primárias selecionadas

Nº de catalogação	Tipo de documento	Data	Assunto	Localização
Doc. 1	Dossiê	s/d	Coletânea de documentos dos alunos que ingressaram em 1971 e graduaram-se em 1974.	Localização: Módulo GR, Caixa 63, Ano 974CEDOC/EEAN/UFRJ.
Doc. 2	Livro	s/d	Coletânea de listagem de formandos da EEAN.	Servir. Volume I. Editora: Darrow Laboratórios S/A.Localização:CEDOC/EEAN/UFRJ.
Doc.3	Lei	28 de novembro de 1968.	Lei nº 5.540 conhecida como Lei da reforma universitária. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências.	Link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm
Doc.4	Livro	s/d	Relação dos diplomados pela Escola de Enfermagem Aurora Afonso Costa– ano 1945 até 1993.	Localização: Livro 002. Centro de Memória Aurora Afonso Costa/EEAAC/UFF.
Doc.5	Reportagem de jornal	20/10/1970	MEC promete mais 40 mil vagas em 71	Jornal dos Sports. Seção Escolar; p 13. Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=4297
Doc.6	Reportagem de jornal	23/10/1970	Sucupira não quer mais excedentes.	Jornal dos Sports. Seção Escolar; p 11. Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=4335
Doc.7	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar; p 3	25/10/1970	Unificação de Medicina tem edital amanhã.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=4369
Doc.8	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar; p 12.	31/10/1970	Vestibulando quer mais vagas na Cirurgia	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=4468
Doc.9	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar; p 3.	01/11/1970	Vestibulando de medicina entra em guerra.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=4487
Doc.10	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar; p 5	08/11/1970	Área Biomédica da UFRJ e da FEFIEG.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=4597
Doc.11	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	16/11/1970	Unificação de medicina começa a corrida	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=4759
Doc.12	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	05/12/1970	Medicina tem 6619 candidatos	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=5062
Doc.13	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	03/01/1971	Balanço geral das vagas	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=5513
Doc.14	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	03/01/1971	Alunos pedem à ADEG lugar longe do sol	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=5511
Doc.15	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	04/01/1971	Explosão de provas mobiliza 20 mil alunos	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=5523

Doc.16	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	05/01/1971	Medicina protege vestibulandos do sol	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=5535
Doc.17	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	06/01/1971	Medicina deixa para arrochar no final	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=UFRJ&pagfis=554
Doc.18	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	07/01/1971	Medicina reprovou somente oito na saída	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=UFRJ&pagfis=5561
Doc.19	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	16/01/1971	Este é o listão do choro na Medicina: divulgação da primeira listagem dos aprovados no vestibular unificado de 1971.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=UFRJ&pagfis=5715
Doc.20	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	16/01/1971	Tomara que seu nome esteja neste listão: divulgação de lista de matriculados e lista de reclassificados.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=enfermagem&pagfis=5710
Doc.21	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	17/01/1971	Medicina recebe matrícula só até sexta.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=UFRJ&pagfis=5753
Doc.22	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	18/01/1971	Matrículas na Medicina começam amanhã: fala sobre a situação dos excedentes.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=UFRJ&pagfis=5765
Doc.23	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	20/01/1971	Biomédica matrícula 349 no primeiro dia: refere-se a situação dos excedentes.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=UFRJ&pagfis=5793
Doc.24	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	31/01/1971	Medicina chama todo mundo outra vez: divulgação de listagem de matriculados e reclassificados para a EEAN.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=enfermagem&pagfis=5981
Doc.25	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	31/01/1971	Enfermagem chama para matrícula	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6627
Doc.26	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	01/02/1971	Medicina chama candidato para entrevista: Apresenta uma a lista de matriculados e reclassificados de vários cursos de farmácia, enfermagem e nutrição.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=enfermagem&pagfis=6001
Doc.27	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	11/02/1971	Este é o listão da esperança: Apresenta lista de matriculados e reclassificados dos cursos de medicina, farmácia, enfermagem e nutrição.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6157
Doc.28	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	14/02/1971	Saiu nova reclassificação na Medicina: Apresenta nova lista de reclassificação do vestibular unificado de medicina para os cursos de farmácia, enfermagem e nutrição. Na introdução aponta que a coordenação dos referidos cursos estão encontrando dificuldades de preencher as vagas dos referidos cursos.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6220
Doc.29	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	15/02/1971	Ninguém quer a Enfermagem e a Nutrição: Traz na introdução que os candidatos não querem entrar para esses cursos e preferem tentar novo vestibular, e o impedimento de matrícula pelos candidatos que optaram em primeira opção para tais cursos.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6239
Doc.30	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	16/02/1971	Ninguém quer mais estas vagas: Convocação de mais 180 candidatos reclassificados para os cursos de nutrição e enfermagem.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6251
Doc.31	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	18/02/1971	Medicina convoca mais 143 candidatos: Apresenta listagem de reclassificados para os cursos de nutrição e enfermagem.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6275
Doc.32	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	19/02/1971	Enfermagem faz nova convocação: Apresenta listagem de reclassificados para os cursos de nutrição e enfermagem.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: HDBN:http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6289
Doc.33	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	25/02/1971	Enfermagem está atrás de alunos: Apresenta listagem de reclassificação de mais 100 candidatos do vestibular de medicina para o preenchimento das vagas do curso de enfermagem.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6331
Doc.34	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	26/02/1971	Enfermagem está quase sem alunos: Apresenta listagem de reclassificados para os cursos de nutrição e enfermagem.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6341
Doc.35	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	27/02/1971	Medicina convoca para enfermagem: Convoca os candidatos do vestibular unificado de medicina com notas entre 86,95 pontos a 82 pontos para candidatarem-se as vagas de enfermagem, com nota oficial da coordenação do curso em anexo, porém	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6361

			sem lista nominal. Vagas da EEAN/UFRJ preenchidas.	
Doc.36	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	28/02/1971	Ainda sobram vagas para a enfermagem: Convoca os candidatos do vestibular unificado de medicina com notas entre 86,95 pontos a 82 pontos para candidatarem-se as vagas de enfermagem sinalizando que as vagas para a EEAN/UFRJ já foram preenchidas.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso na HDBN: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6376
Doc. 37	Reportagem Jornal dos Sports. Seção Escolar	13/03/1971	Enfermagem chama para matrícula: Convocação dos candidatos do vestibular unificado de medicina com notas entre 82 a 75 pontos para candidatarem-se as vagas de enfermagem da EEAN/UFRJ, sem listagem nominal, com nota oficial da coordenação na íntegra.	Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_04&Pesq=enfermagem&pagfis=6627
Doc. 38	Ofício no796/72	23/08/1972	Ofício referindo-se a reivindicações a respeito do uniforme.Origem Gabinete Direção. Conteúdo Diretora Maria Dolores Lins Andrade.	Módulo G, Caixa 11X, Ano 1967/1971. CEDOC/EEAN/UFRJ.
Doc. 39	Relatório Mensal de Experiência Prática	08/1957	Formulário de avaliação de atividade prática de 1957	Módulo GR, Caixa 47, Ano 1960. CEDOC/EEAN/UFRJ.

Fonte: elaboração própria (2023).

No que diz respeito às fotografias, para além do acervo digitalizado do CEDOC/EEAN/UFRJ, recorreremos ao acervo pessoal dos colaboradores do estudo, bem como fotografias disponíveis de forma pública, principalmente em redes sociais, como as da Associação de Ex-alunos da EEAN (*Facebook*) e grupos de reencontros de turmas. Foram identificadas 28 fotos da formatura da turma estudada e uma foto constando o uniforme hospitalar.

As fotos de formatura datam de 17 de agosto de 1974, tiradas no Auditório do Centro de Ciências Médicas – Cidade Universitária – Ilha do Fundão, local do evento à época, nas quais se evidenciam formandos, de ambos os sexos, uniformizados. Quanto à foto em que se pode visualizar o uniforme hospitalar, para a colaboradora, não foi possível determinar a data e o local em que foi feita. A coleta dos dados ocorreu de forma sistemática com o auxílio de um quadro para cada tipo de documento, nos APÊNDICES A e B, nos quais se elencaram os documentos consultados, em ordem cronológica, seguindo a temática de que tratavam, sua autoria e localização.

Cabe destacar que os colaboradores foram convidados a doar uma cópia de seus documentos por meio de um termo de doação (APÊNDICE C), para incorporação ao acervo do CEDOC/EEAN/UFRJ, no intento de ampliar e enriquecer sua coleção.

4.1.1 Critérios de inclusão e exclusão das fontes textuais e iconográficas

Foram incluídos: documentos escritos, como leis, decretos, portarias e documentos institucionais da EEAN e de outras instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro (cartas, pareceres, memorandos, relatórios e dossiês), referentes à entrada do homem; imagens e fotografias em que constavam estudantes vestidos com os uniformes masculinos em cerimônias e eventos no período referenciado.

Foram excluídas: fontes textuais e iconográficas ilegíveis e danificadas ou não identificáveis quanto à data e à origem, bem como que não tivesse relação com o recorte temporal.

Cabe registrar que não houve exclusão de fontes documentais. Ou seja: todas as fontes que foram encontradas e atendiam ao critério de seleção puderam ser utilizadas na pesquisa, totalizando 39 fontes textuais e 28 iconográficas.

4.2 FONTES ORAIS

As fontes orais são oriundas de entrevistas com ex-alunos e professores que vivenciaram o momento da entrada do homem na escola ou conviveram com estes estudantes em diferentes cenários no âmbito das atividades acadêmicas.

Para tanto, empregou-se o método de História Oral Temática, tendo em vista seu potencial dialógico em promover discussões em torno de um assunto (tema), que, no caso desta pesquisa, é a entrada do estudante homem na EEAN/UFRJ. Seguindo os critérios metodológicos delimitados pela história oral, faz-se necessária a determinação de uma comunidade de destino, que seria um grupo de pessoas que experienciaram um mesmo acontecimento; de uma colônia, que é uma fração da comunidade de destino definida a partir de características gerais, e de rede, uma subdivisão da colônia, apresentando características ainda mais singulares (MEYHI; HOLANDA, 2015).

Para fins desta pesquisa, a comunidade de destino foi composta por aqueles que vivenciaram a integralização da primeira turma mista da EEAN/UFRJ, como colônia, considerando-se estudantes de ambos os sexos e docentes que vivenciaram o período de integralização da primeira turma mista no período de 1971 a 1974. Configurou-se como rede os estudantes de ambos os sexos que concluíram o curso, estudantes homens que abandonaram o curso e docentes no exercício da função no período de 1971 a 1974 (MEYHI; HOLANDA, 2015).

Priorizou-se a coleta da entrevista de forma presencial, com a finalidade de captar linguagens não verbais e as emoções, observando todos os fatores reunidos no transcorrer da entrevista (MEYHI; HOLANDA, 2015). Entretanto, cabe registrar que, considerando o contexto epidemiológico vivenciado ao longo da realização deste estudo, momento de crise sanitária no país e no mundo, quando medidas protetivas de distanciamento social foram impostas para o controle da Pandemia de COVID-19 e em virtude da faixa etária dos colaboradores da pesquisa, das dez entrevistas realizadas, duas foram presenciais, enquanto oito

foram realizadas de forma remota, *online*. Destaca-se que este recurso foi oferecido no intuito de os colaboradores se sentirem seguros para participar da pesquisa, consistindo, conseqüentemente, numa estratégia para alcançar um maior número de colaboradores.

As entrevistas foram guiadas por roteiros semiestruturados com perguntas destinadas especificamente a cada grupo (APÊNDICES D, E, F, G). Para a condução da entrevista, como instrumentos de coleta, utilizou-se um aplicativo de gravação de voz contido em aparelho androide, além de um caderno de campo, tendo em vista que a utilização de meios eletrônicos na entrevista possibilita captação em tempo real, caracterizando a história oral como um procedimento novo e renovável, porém não exclui a forma mecânica mediante anotações de campo, o que oportuniza a captação da subjetividade durante a entrevista (MEYHI; HOLANDA, 2015).

4.2.1 Critério de inclusão e exclusão dos colaboradores do estudo

Foram incluídos: ex-alunos homens e mulheres da EEAN pertencentes à turma de 1971; integrantes do corpo docente que estiveram no exercício de sua função na EEAN ao longo do período de integralização dessa turma (1971 a 1974); ingressantes homens da turma de 1971 que abandonaram o curso.

Foram excluídos: colaboradores com comprometimento cognitivo que impedisse a realização da entrevista; colaboradores residentes fora do Estado do Rio de Janeiro sem acesso a meios de comunicação que permitissem a realização da entrevista *online*.

Considerando os critérios acima, foram entrevistados dez colaboradores, sendo um ex-aluno que concluiu o curso; um ex-aluno que abandonou o curso; uma professora em exercício no período de integralização da turma; sete ex-alunas que concluíram o curso (Quadro 2). Respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, conforme preconizado pela CEP/CONEP, cabe destacar que os colaboradores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE K), por meio do qual autorizaram sua identificação nesta pesquisa. Portanto, as citações de trechos de suas falas, ao longo dos capítulos, são apresentadas com seus sobrenomes.

Quadro 2 – Apresentação dos colaboradores do estudo

Nº	Posição		Colaborador(a)	Duração da entrevista
	Estudante	Professora ²		
1	1971-1974	---	MARINHO, Antônio de Magalhães	2h44s
2	1971-1974	---	GRIVET, Leila de Oliveira	1h2min50s
3	1971-1974	---	SILVA, Maria Josefina da	1h17min24s
4	1971-1974	---	SÁ, Regina Célia	1h18min55s
5	1971-1974	---	VALLE, Lilian Freitas	1h8min43s
6	1971-1974	---	NETTO, Rita de Cássia Paes Peixoto	2h12min10s
7	1971-1973	---	TORRICELLI FILHO, Arnaldo Galeno	1h11min59s
8	1971-1974	---	SOUZA, Ivis Emília de Oliveira	2h21min2s
9	1971-1974	---	SILVA, Nilacyr Barreto da	1h28min23s
10	---	1971	PAIM, Lygia	56min15s

Fonte: elaboração própria (2023).

Registra-se que, do grupo de 32 possíveis colaboradores (25 mulheres e sete homens), foi realizado contato com todos por meio de mensagem enviada pelo aplicativo *WhatsApp*, com envio de convite (ANEXO 1). Entretanto, apenas dez disponibilizaram-se a participar da pesquisa. Destes dez, nenhum pediu sua retirada ou desistiu ao logo de seu andamento, mantendo-se, portanto, as dez entrevistas, com duração média de 89 minutos, como fontes primárias e objeto de análise para a conclusão desta pesquisa. As justificativas dadas para a recusa foram por motivos de ordem familiar, o receio à exposição advindo do período pandêmico vivenciado, ainda que tivessem sido assegurados os meios de prevenção (distanciamento, uso de máscara e disponibilização de álcool em gel) e inabilidade no manuseio dos meios tecnológicos sugeridos.

² Professoras que estiveram em atuação e deram aula para a turma de 1971.

5 PROCEDIMENTO PARA TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O tratamento do *corpus documental* desta pesquisa seguiu as regras e critérios estabelecidos por Barros (2020), envolvendo atender aos princípios de pertinência, suficiência, exaustividade, representatividade, homogeneidade e organização por setores, de acordo com o tipo de fonte e ordem cronológica.

A análise histórica ocorreu por meio da identificação do “lugar de produção” da fonte. Para tanto, foi feita a análise, estratificando-se a época de origem, posição social do autor, identificação de intertextualidade (BARROS, 2020).

5.1 ANÁLISE DE ADEQUAÇÃO DAS FONTES TEXTUAIS

As fontes foram investigadas por meio da análise histórica com identificação e caracterização da época de origem da fonte (data, local e contexto social); a posição social do autor ou emissor; identificação de intertextualidade presente na fonte, de autores ocultos utilizados como referência; síntese dos elementos relativo ao objeto da pesquisa (BARROS, 2020). A fim de auxiliar o processo de análise, foi elaborado instrumento próprio (APÊNDICE H). Também se estabeleceu a triangulação com as fontes orais.

Esse método de análise visa desconstruir a “monumentalidade” da fonte, tendo em vista que os documentos históricos transmitem imagem e interesses sociais ou políticos e carregam intencionalidade, seja de convencer, comover, manipular, impressionar ou cativar os indivíduos de sua época ou épocas futuras (BARROS, 2020).

5.2 TRATAMENTO DAS FONTES ORAIS

O tratamento das fontes orais procedeu-se com a transformação das entrevistas em documentos escritos, realizando-se a transcrição, a textualização, a conferência de fidelidade da transcrição e a revisão do texto (PADILHA; BELLAGUARDA et al, 2017).

Algumas regras foram aplicadas no momento da transcrição: colchetes nos trechos pouco audíveis e nos momentos de interrupção da gravação; reticências na indicação dos momentos de dúvida e silêncios; palavras em negrito, quando a fala proferida tinha entonação mais acentuada; grifos para indicar os momentos de riso; subtítulos, no intuito de melhorar a fluidez na leitura, e correção de erros em nomes, datas, etc., caso ocorressem (MATOS; SENNA, 2011; PADILHA; BELLAGUARDA et al, 2017).

As transcrições foram submetidas à avaliação de fidedignidade pelo entrevistado, por meio de instrumento próprio (APÊNDICE I), seguidas das devidas correções quando identificadas (MEIHY; RIBEIRO, 2011; MEIHY; HOLANDA, 2015).

Ao resultar num documento textual, as entrevistas, com a devida autorização dos colaboradores, foram encaminhadas para incorporação ao acervo do CEDOC/EEAN/UFRJ, a fim de que possam ser consultadas por outros pesquisadores.

5.3 TRATAMENTO DAS FONTES ICONOGRÁFICAS

As imagens, numa pesquisa histórica, podem ser usadas para “confrontar, argumentar, levantar hipóteses e buscar evidências de fatos que possam ser verificados, refutados e construídos com novas perspectivas de análise” (PADILHA; BELLAGUARDA et al, 2017).

O método de análise iconográfica envolve a descrição e a narrativa dos dados visualizáveis precedidas de classificação cronológica e/ou temática, buscando corroborar os achados com os elementos evidenciados nas fontes textuais (SANTOS; BARREIRA; SAUTHIER, 1999).

As fontes iconográficas foram submetidas a uma organização e classificação cronológica e temática. Cabe destacar que não foi objetivo desta pesquisa realizar a análise iconográfica padrão das fotografias acessadas. No entanto, elas foram analisadas a partir da exposição do vestuário imagem, à luz da metodologia de Roland Barthes, mencionado no Referencial Teórico, e, assim, trianguladas com os achados das demais fontes.

Do mesmo modo que as entrevistas, uma vez que as fotografias pertenciam ao acervo pessoal dos colaboradores, solicitou-se a eles permissão para incorporação ao acervo do banco de fotos do CEDOC/EEAN/UFRJ a partir de sua digitalização.

5.4 ANÁLISE DOS DADOS – CRITÉRIOS DE CONFIABILIDADE

A fim de validar os dados coletados no quesito confiabilidade explicitado por Barros (2020), foram realizadas as críticas externa e interna das fontes selecionadas. A crítica interna diz respeito ao peso e ao valor do conteúdo das fontes, determinando sua autenticidade e a fidedignidade. A crítica externa visa avaliar a natureza da fonte, avaliando sua originalidade, procedência e autoria (PADILHA; BELLAGUARDA et al, 2017).

5.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O transcorrer dessa pesquisa contou com dificuldades e limitações com relação à coleta das fontes primárias. Houve dificuldade em encontrar, no CEDOC/EEAN, documentos referentes à turma estudada, e, apesar da existência de um dossiê dos estudantes que concluíram a graduação, este encontra-se incompleto, assim como as caixas de atas de reunião da direção. Outras fontes possíveis de utilização nesta pesquisa, como listagem de estudantes inscritos, documentos de trancamento ou desligamento dos estudantes, regulamento da Escola e livros de registros, não foram encontradas, ainda que, em um livro-catálogo, constasse a existência destes.

Com relação às fontes iconográficas, houve dificuldade de precisar as datas das fotos encontradas no CEDOC/EEAN, e poucas fotos foram cedidas pelos colaboradores referentes ao transcorrer do curso de graduação, tendo em vista dificuldade de acesso a uma câmera fotográfica na época.

Quanto às fontes orais, ainda que tenha sido identificado um grupo no aplicativo de mensagens *WhatsApp* com 32 integrantes e feito contato com eles, houve baixa adesão à pesquisa. Um dos fatores principais para esse acontecimento foi o fato de a pesquisa ter sido desenvolvida durante o período pandêmico que assolou o mundo. Mesmo tendo sido garantidos os meios de prevenção instituídos pelo Ministério da Saúde (distanciamento, uso de máscara e higienização das mãos com álcool em gel) houve recusa para participação. Cabe ressaltar que a pandemia por COVID-19 tinha como público mais vulnerável a população idosa, imunossuprimidos, portadores de doenças crônicas. No caso dos participantes em potencial para esta pesquisa, todos eram idosos e/ou portadores de comorbidades com risco para a forma grave da doença.

Previendo a necessidade de viabilizar outros meios para a realização das entrevistas, foi estabelecida uma metodologia que abrangesse o uso de meios virtuais para a realização das entrevistas, contando com chamadas de vídeo via aplicativo de mensagens e chamadas *on-line*, *WhatsApp* e salas em ambiente virtual. Todavia, potenciais colaboradores recusaram participar por falta de habilidade de manuseio dessas ferramentas de comunicação, além do prejuízo para a pesquisa, caso fosse necessária a participação de terceiros.

As entrevistas foram realizadas por meio de roteiro semiestruturado, a fim de atender aos objetivos da pesquisa. Porém, em virtude do excesso de informação relacionado à vasta experiência vivida e do anseio de lembrar e relatar os fatos imbricados, fez-se necessário o

uso de condutas estratégicas para contornar a dispersão e manter a objetividade, o que foi possível com o auxílio do roteiro semiestruturado.

6 ASPECTOS ÉTICOS NA PESQUISA HISTÓRICA

O presente projeto de pesquisa obedeceu, em todas as etapas, às exigências da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que trata da ética em pesquisa com seres humanos, assim como a Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais que envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com colaboradores ou de informações identificáveis. Contemplou, ainda, a Carta Circular n° 1/2021-CONEP/SECNS/MS, de 03 de março de 2021, que orienta procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Desta maneira, foram prezados os princípios da bioética: beneficência, não maleficência, autonomia, justiça e equidade.

Um convite formal (APÊNDICE J) foi enviado, explicitando, de forma clara e objetiva, a justificativa, os objetivos e os procedimentos que seriam realizados, bem como possíveis riscos e benefícios da participação na pesquisa e as providências cabíveis.

Após o aceite do convite, o colaborador recebeu o TCLE, a fim de fortalecer a relação de confiança entre as partes. Nele, a vontade e o consentimento de sua participação foram registrados, podendo este manifestar expressamente seu desinteresse em permanecer como participante em qualquer momento, independentemente da fase da pesquisa. O TCLE foi composto por duas vias, assegurando uma via ao participante e outra para ser arquivada pela pesquisadora.

O roteiro de entrevista semiestruturado foi enviado previamente ao participante para aproximação com a temática e organização de seus pensamentos e memórias. Já o convite, o TCLE e o roteiro foram enviados por correio eletrônico ou aplicativo de mensagem.

A qualquer tempo, o colaborador poderia solicitar o esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa, e não houve imposição de tempo para tal tomada de decisão. Os resultados da pesquisa serão compartilhados com os colaboradores tão logo seja finalizada. Para tanto, disponibilizou-se o endereço, e-mail e contato telefônico do responsável pela pesquisa, além de breve explicação sobre o que é o CEP/CONEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP/CONEP.

Para a realização da entrevista, foram observados os princípios éticos de respeito à privacidade do participante mediante a escolha de local e horário adequados, evitando possíveis interrupções. Considerando o momento pandêmico vivenciado no país, foi avaliada a possibilidade de sua realização de forma presencial em local e horário à escolha do participante, como garantia à ambiência adequada aos protocolos de segurança, assegurando o

distanciamento, o uso de máscara pelos presentes e a disponibilização de álcool em gel para higienização. Destaca-se que, apesar de garantir a privacidade, por tratar-se de uma pesquisa histórica com recorte temporal e espacial delimitado, não foi possível garantir o completo anonimato do colaborador, e esta questão foi evidenciada no TCLE.

Enfatiza-se que não houve custos para o participante da pesquisa, constando como benefício relacionado à sua participação a eternização da memória das vivências do colaborador, com vistas a contribuir para o registro histórico do fenômeno estudado, o que também proporcionou um aprofundamento científico na área da história da enfermagem brasileira.

Quanto aos riscos e danos em potencial, destaca-se que esta pesquisa ofereceu riscos mínimos aos colaboradores decorrentes da possibilidade de causar cansaço físico e/ou mental com o tempo de entrevista e de emocionar-se ao relembrem os fatos vividos. Para minimizar tais potenciais, tão logo identificadas as reações emocionais dos participantes, a pesquisadora assumiu o compromisso de interromper a entrevista com possibilidade de continuidade em outro momento ou encerramento dela em definitivo. Cabe registrar que tal medida não foi necessária com nenhum dos 10 colaboradores.

Ademais, caso a entrevista presencial fosse identificada como um fator estressor e produtor de ansiedade em torno da exposição ao contexto pandêmico, foi oferecida a possibilidade de realização de entrevista por meio virtual.

Para minimizar o risco de cansaço físico e de exposição ambiental, nos casos presenciais, o local da entrevista foi avaliado quanto ao conforto, facilidade de acesso ao participante e ventilação, tendo sido indispensável o uso de máscara e álcool em gel.

A guarda das fontes históricas é de responsabilidade da pesquisadora principal, e, considerando que o cenário estudado possui um Centro de Documentação (CEDOC/EEAN/UFRJ) e um Museu sobre a história da Enfermagem, foi solicitada aos colaboradores a doação de suas entrevistas (APENDICE D), a fim de contribuir para a preservação da memória institucional.

Esta pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e teve autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEP – EEAN/HESFA/UFRJ) como instituição proponente, para realização da coleta de dados sob número do parecer 5.163.727.

A pesquisa teve duração de dois anos. Ao se encerrar, após a defesa, elaborou-se um relatório final, declarando se a pesquisa prosseguiu com ou sem alterações, apontando-se quando ocorreram tais modificações e quais, se fosse o caso.

Tendo em vista a necessidade de as entrevistas ocorrerem por meios virtuais, de acordo com a acessibilidade do participante, os mesmos padrões éticos foram mantidos, respeitando-se as orientações estabelecidas na Carta Circular nº 1/2021, da CONEP/SECNS/MS, de 03 de março de 2021, que versa sobre realização de pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Neste sentido, coube fazer algumas considerações.

A metodologia do presente estudo descreve todas as etapas não presenciais da pesquisa, constando ainda os formulários e termos que foram utilizados (roteiro para entrevista, TCLE, instrumento de avaliação da fidedignidade da transcrição, termo de cessão de documentos). A assinatura do TCLE e a manifestação verbal antes do início da entrevista em ambiente virtual foram acatadas com anuência.

Os candidatos a colaboradores da pesquisa foram devidamente informados sobre os riscos e benefícios oriundos da participação por ambiente virtual, situação idêntica nos casos de entrevista presencial. No intuito de minorar esses riscos, o participante foi questionado sobre sua rotina diária no que tange à alimentação, ao descanso e à ingestão de remédios rotineiros. Os benefícios do formato virtual giraram em torno da segurança física relativa ao não deslocamento e menor exposição epidemiológica devido à vivência de período pandêmico.

Quanto à confidencialidade da etapa virtual e o potencial risco de violação, admite-se que o ambiente virtual dispõe de segurança relativa passível de ser violada eletronicamente, principalmente se a conexão se der por rede *Wi-Fi*. Nesse sentido, priorizou-se o uso de conexão particular de ambas as partes, e houve a possibilidade de oferta de pagamento de pacote de dados com custo coberto pelo pesquisador, porém não foi necessário utilizar esse artifício. Tal medida visou minorar o risco de violação eletrônica, porém não extinguiu sua ocorrência.

Tão logo finalizada a entrevista, a pesquisadora fez o *download* dos dados coletados para um dispositivo local, removendo todo e qualquer vestígio do ambiente virtual e dos dados do meio eletrônico e da “nuvem”. O pesquisador esteve sempre ciente das políticas de privacidade dos ambientes virtuais eleitos e da coleta de dados pessoais solicitadas pelo ambiente virtual, a fim de evitar o compartilhamento de tais dados com empresas parceiras para oferta de produtos e serviços, resguardando, assim, a ética em pesquisa.

7 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa foram apresentados em três capítulos:

CAPÍTULO 1 – INGRESSO DE HOMENS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY: VESTIBULAR UNIFICADO COMO OPORTUNIDADE DE INSERÇÃO EM UMA CARREIRA PROFISSIONAL NA ÁREA DE SAÚDE

Este capítulo aborda a escolha das carreiras tangenciadas pelas questões de gênero e divisão sexual e social do trabalho, resume o contexto histórico-social e legal que torna viável a entrada do homem no curso de enfermagem na EEAN/UFRJ, narra o processo do primeiro vestibular unificado para a área biomédica no Rio de Janeiro e pontua as repercussões desse vestibular na EEAN/UFRJ.

CAPÍTULO 2 – COSTURANDO UMA NOVA IMAGEM A PARTIR DE UMA INDUMENTÁRIA

O capítulo 2 trata das mudanças e adaptações nos uniformes e cerimônias da EEAN a partir da entrada do estudante homem. Por meio das fotografais e entrevistas, identifica e descreve os uniformes masculinos à luz da linguagem das roupas.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DA PRIMEIRA TURMA DA EEAN A PARTIR DA INDUMENTÁRIA

O capítulo 3 aborda o contexto histórico-social do período estudado, a fim de contextualizar o sistema indumentário adotado pela Escola no período de 1971 a 1974 e analisar a construção da identidade desse grupo de estudantes, homens e mulheres, pautando-se no vestuário.

8 (CAPÍTULO 1) INGRESSO DE HOMENS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY: VESTIBULAR UNIFICADO COMO OPORTUNIDADE DE INSERÇÃO EM UMA CARREIRA PROFISSIONAL NA ÁREA DE SAÚDE

A sociedade é permeada por regras e códigos de convivência, implícitas ou explícitas, que influenciam as escolhas a serem tomadas para a vida dos indivíduos. A divisão sexual e social do trabalho estão inclusas nesse contexto, ditando o que seria adequado e socialmente aceitável para homens e mulheres, influenciando escolhas e posturas, a fim de dar sentido a práticas e definir o lugar de cada indivíduo, a partir de seu gênero na sociedade.

A divisão sexual do trabalho, estabelecida pelo sistema capitalista e patriarcal do século XX, previa as atividades a serem desenvolvidas por homens e mulheres pautada nas características de gênero. De acordo com tais características, a mulher era considerada o “sexo frágil”, sendo atribuída a ela predicados como dócil, passiva, influenciável, intuitiva, cuidadosa, submissa, dentre outros. Nesta lógica, o ambiente de trabalho que se identificaria, naturalmente, com o perfil definido para a mulher, seria o ambiente privado e doméstico, assim como todas as atividades e carreiras pertencentes a esse âmbito. Já o homem, o “sexo forte”, agressivo, corajoso, racional, líder, entre outros, a ele foi atribuído o âmbito público com atividades/carreiras afins (DUARTE; SPINELLI, 2019; FERREIRA et al, 2021).

Já a divisão social do trabalho estabelece a hierarquização das carreiras que têm maior e menor prestígio social, pautando-se na divisão sexual do trabalho e no teor intelectual da atividade desenvolvida. Sendo assim, são consideradas carreiras de *status* e prestígio social aquelas que possuem atributos tidos como próprios de homens. De igual modo, são consideradas carreiras de pouco *status* e desprestígio as que apresentam características atribuídas ao comportamento, ao desenvolvimento de atividades manuais, portanto, ao mundo das mulheres (DUARTE; SPINELLI, 2019; FERREIRA et al, 2021; SOARES et al, 2021).

Esse cenário binário passa a sofrer alterações a partir do pós 2ª Guerra Mundial e da Revolução Industrial que, pelas conjunturas sociais e econômicas, levaram as mulheres a se inserirem na vida pública a partir de sua incorporação no mundo do trabalho nas indústrias. Neste contexto, os movimentos feministas ganham vulto, lutando pelos direitos das mulheres e por melhores condições de vida e trabalho. Dentre muitas conquistas, o movimento feminista proporcionou um melhor acesso das mulheres à educação formal, ampliando as possibilidades de carreiras de nível superior (FERREIRA et al, 2021).

A espelho dos movimentos reivindicatórios internacionais, o Brasil experienciou uma onda de reivindicações sociais e políticas na década de 1960 motivadas por melhorias e direitos

sociais, lutas por direitos políticos e socioeconômicos de diversos grupos sociais. Assim sendo, houve o movimento dos operários, dos ambientalistas, dos negros, das feministas, dos estudantes, além de outras formas de manifestação, fazendo com que as elites e a máquina pública se sentissem ameaçadas, culminando no Golpe Militar de 1964 (FRAGA, 1991; ANTUNES; RIDENTI, 2007).

Um movimento reivindicatório de destaque, neste contexto, foi o movimento estudantil, que tomou maior proporção em 1968 com a intensificação das manifestações e das repressões aos manifestantes, diante do cenário político vigente da ditadura militar (ANTUNES; RIDENTI, 2007).

O movimento estudantil reivindicava, principalmente, ampliação da oferta de vagas, a fim de solucionar a problemática dos “excedentes”; autonomia universitária; participação tanto do corpo docente quanto discente na administração universitária; regime de trabalho em tempo integral para os docentes; flexibilidade na organização curricular; entre outras. Desse movimento, resultou a Reforma Universitária de 1968 (RU/68), que, em meio às demais providências, alterou o acesso ao ensino superior, implementando o vestibular unificado por área de conhecimento e classificação para o curso de escolha por pontuação adquirida no vestibular. Isso uniformizou o ingresso nas instituições de ensino superior, tornando-o mais objetivo por meio do sistema de pontuação e possibilitando acesso igualitário a candidatura e ingresso (FRAGA; SIANO, 1991; FÁVERO, 2006; ANTUNES; RIDENTI, 2007).

8.1 (1.1) A REFORMA UNIVERSITÁRIA DE 1968

Sob a forma da Lei Nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, a RU/68 fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média. Dentre outras propostas contidas nessa lei, a departamentalização fez com que as Escolas fossem reunidas por áreas de conhecimento em Centros, Institutos ou Unidades. No caso do curso de enfermagem, este foi incluído nos Centros de Ciências da Saúde ou Ciências Biomédicas. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Unidade da Escola de Enfermagem Anna Nery foi agregada ao Centro de Ciências da Saúde (CCS), localizado na Cidade Universitária (BRASIL, 1968; FRAGA, 1991; BAPTISTA; BARREIRA, 1999; FÁVERO, 2006).

Com a aglutinação dos cursos por área de conhecimento, alterou-se a forma de ingresso a eles, pois, ao invés de um processo seletivo individualizado para um curso, passou-se a ingressar por meio de vestibular unificado. Cabe lembrar que, anterior a este processo, a forma de ingresso nas universidades dava-se por um exame de admissão e comprovação de

curso ginásial completo (ANTUNES; SILVA; BANDEIRA, 2018). O termo unificado refere-se tanto à reunião por área de conhecimento quanto à possibilidade de realização de um único processo seletivo para vários cursos dentro de uma área de conhecimento, e para mais de uma instituição de ensino superior do mesmo regime administrativo (federal ou estadual).

O vestibular unificado foi uma estratégia elaborada pelo governo, a fim de solucionar a principal reivindicação do movimento estudantil sobre os “excedentes”, ou seja, todos os candidatos aprovados que ficavam fora das universidades devido à restrição na oferta de vagas. Com o vestibular unificado, a proposta seria de garantia de uma vaga na universidade, assegurando um melhor aproveitamento das vagas ofertadas como um todo, uma vez que o ingresso se dava para uma área de conhecimento mediante a nota no vestibular, classificando o candidato para as carreiras compreendidas no campo de conhecimento a que concorria (BAPTISTA; BARREIRA, 1999; FAVERO, 2006; ANTUNES; RIDENTI, 2007).

Nesta modalidade, os candidatos se inscreveriam para uma área de conhecimento e, no âmbito dela, optavam por cursos de primeira, segunda, terceira escolha, e assim sucessivamente, a depender da quantidade de cursos ofertados dentro de cada área, bem como optavam pelas instituições participantes em primeira e segunda opção, ou podiam ainda, se inscrever para apenas uma instituição. Ao final da realização das provas, o resultado classificava o candidato dentro dos cursos escolhidos a depender de sua nota e quantitativo de vagas ofertadas (DOC. 6).

No contexto da departamentalização e a partir da implementação do vestibular unificado, que se deu em 1971 para a área biomédica, a forma de ingresso na EEAN foi alterada. Ao invés de critérios subjetivos (critérios de idade e estado civil, entrevista individual para avaliação da intenção, do comportamento, postura, e da aparência, apresentação de carta de intenção e idoneidade moral) e prova de conhecimentos gerais, adotaram-se critérios mais objetivos, por meio de provas de múltipla escolha e de outras disciplinas por classificação em ampla concorrência, além de adaptações do espaço social e físico, dos uniformes e dos rituais e cerimônias mediante a entrada dos estudantes homens (SANTOS; SANTOS; BARREIRA, 1998; LASSALA, 2007; MASCARENHAS; MELO; SILVA, 2016; APERIBENSE, 2016; FERREIRA; SALLES, 2019).

A RU/68 é considerada um marco histórico de mudança para a EEAN, pois, até então, a escola foi tradicionalmente exclusiva para mulheres. Ao instituir a departamentalização, a Escola passou a compor o quadro de carreiras da área biomédica, tornando suas vagas de ampla concorrência, portanto, podendo ser preenchidas por candidatos aprovados de ambos os sexos. Neste sentido, a entrada do homem representou uma ruptura e produziu uma mudança abrupta

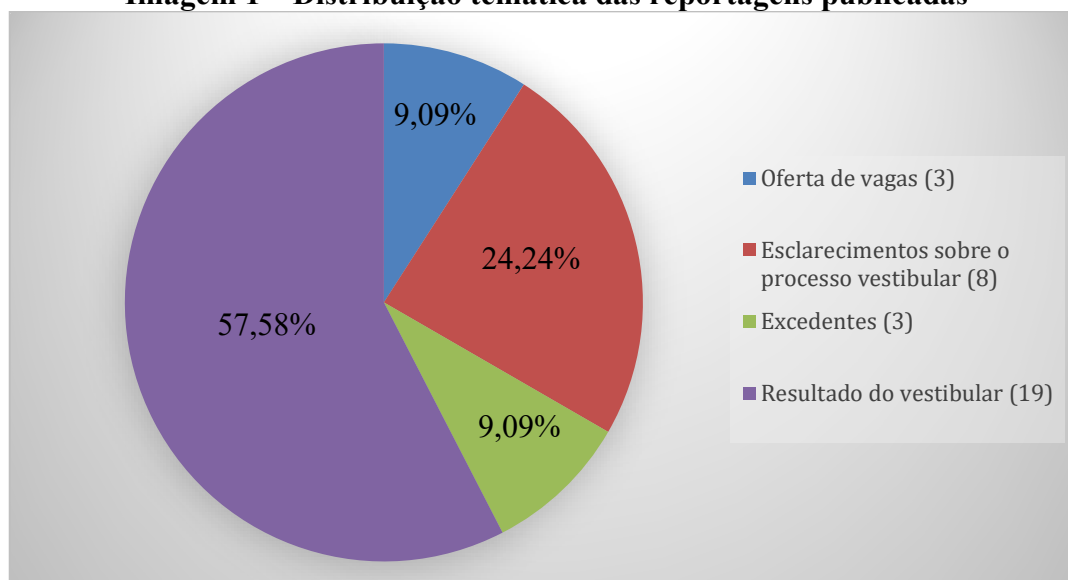
no contexto social, no espaço físico, na indumentária e nos rituais e cerimônias mediante a incorporação, pela primeira vez, de homens no corpo discente da Escola (BAPTISTA, 1995; LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2016).

8.2 (1.2) PRIMEIRO VESTIBULAR UNIFICADO PARA A ÁREA BIOMÉDICA

O primeiro vestibular unificado para área biomédica do Rio de Janeiro ocorreu em janeiro de 1971 para duas instituições, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ofertando os cursos de Medicina, Enfermagem, Odontologia, Farmácia e Nutrição, e a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), posteriormente denominada Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), ofertando os cursos de Enfermagem, Nutrição e Medicina e Cirurgia (nome dado ao curso de medicina na então FEFIEG) (DOC. 7).

A divulgação deste processo vestibular se deu mediante publicações no Jornal dos Sports na seção Escolar. Tal responsabilidade foi assumida pelo citado periódico em matéria divulgada em 04 de janeiro de 1971, comprometendo-se em manter um plantão telefônico para informações a respeito do vestibular e publicações diárias sobre o processo (DOC. 15).

A partir do acesso ao jornal da época no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foi possível identificar que, ao todo, veicularam-se 33 matérias jornalísticas no período de 20 de outubro de 1970 a 13 de março de 1971, relacionadas ao vestibular unificado para a área biomédica da UFRJ. As publicações sobre o vestibular iniciaram ainda no ano anterior, em 20 de outubro de 1970, quando se veiculou a reportagem sobre o aumento do número de vagas pelo MEC, prometendo mais de 40 mil vagas para o vestibular de 1971, e estenderam-se até 13 de março de 1971, quando se divulgou a última lista para repescagem dos candidatos para preencherem as vagas de Enfermagem da EEAN. Matérias sobre o vestibular foram divulgadas logo após a virada de ano, já no jornal do primeiro domingo de 1971. A partir de então, as publicações passaram a ser quase diárias, sendo possível identificar quatro temas específicos: a oferta de vagas, esclarecimentos sobre o processo vestibular, o resultado e a questão dos “excedentes”, conforme se constata na Imagem 1 (DOC.5; DOC.37).

Imagem 1 – Distribuição temática das reportagens publicadas

Fonte: elaboração própria (Doc. 5 – Doc. 37).

A solicitação de mais vagas pelos estudantes tanto para os cursos de Medicina e Cirurgia da FEFIEG quanto para a área biomédica em si, denotava que a problemática permanecia mesmo com o vestibular unificado por área de conhecimento (DOC.8, DOC.9, DOC.19, DOC.22, DOC.23)

O “vestibular de medicina”, como foi chamado nas publicações do *Jornal dos Sports*, ocorreu de 05 a 14 de janeiro de 1971. Cabe esclarecer que, apesar de ter sido denominado desta forma, tratava-se de um processo seletivo que também incluía os demais cursos da área da saúde. Foi composto por 4 etapas de provas, realizadas a cada final de semana, começando pela prova de Conhecimentos Gerais, seguida das provas de Biologia, Química e Física, todas realizadas nas arquibancadas do Estádio Mário Filho, o Maracanã (DOC. 11).

Provavelmente, a escolha do local deveu-se a sua capacidade física, tendo em vista que havia 6699 candidatos inscritos (DOC. 12). Ademais, estavam ocorrendo outros processos seletivos para cursos de ensino superior, demandando a organização desses espaços para aplicação das provas. Concomitantemente ao vestibular unificado para a área biomédica da UFRJ e FEFIEG, ocorreram processos seletivos para a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade do Estado da Guanabara (UEG), posteriormente denominada Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ (DOC. 15).

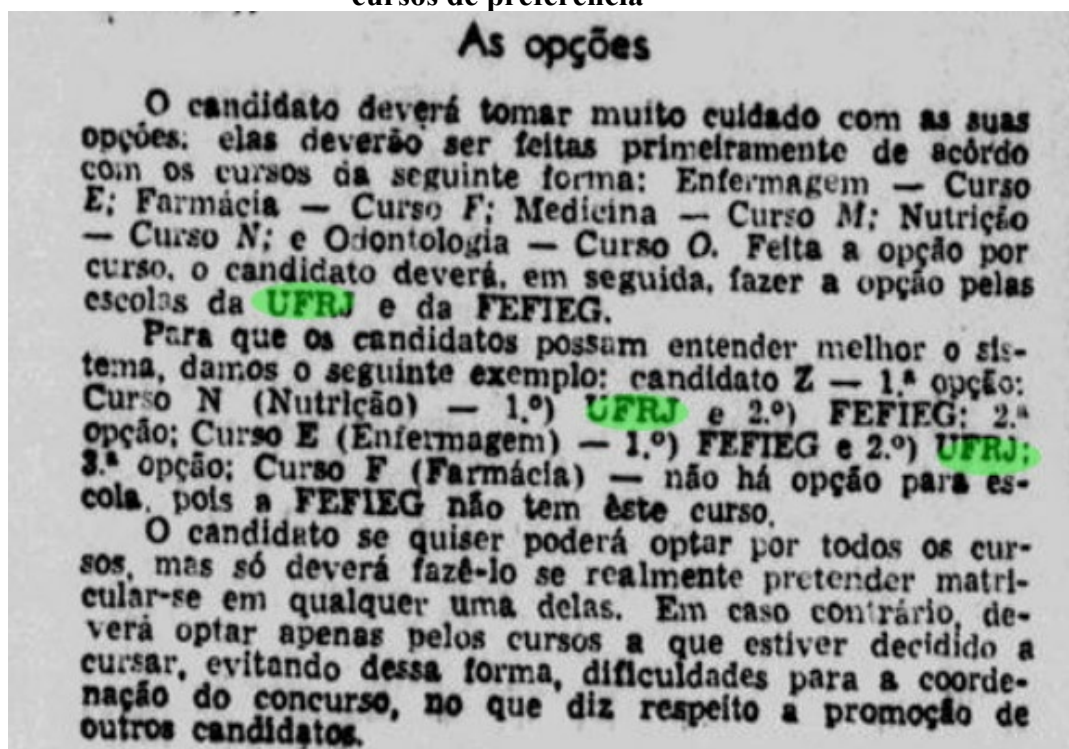
Também ocorriam, ainda, os processos seletivos de universidades privadas e concursos militares, ambos processos seletivos tão disputados quanto os vestibulares das universidades públicas por garantirem uma carreira profissional reconhecida. Assim, o *Jornal dos Sports* registrava, à época, o vestibular Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), da

Fundação Getúlio Vargas, posteriormente denominada Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (FGV-EBAPE) e o processo seletivo para a Escola da Marinha Mercante. Com tantas provas ocorrendo, a sessão Escolar do Jornal dos Sports, publicada em 04 de janeiro de 1971, usou como título de uma de suas matérias “Começa explosão de provas”, referindo-se à mobilização de cerca de 20 mil candidatas, como discorre em matéria na página 9 dessa edição (DOC. 15).

Para o vestibular de 1971, a UFRJ ofertou 320 vagas para o curso de Medicina, 80 vagas para Enfermagem, 60 vagas para Odontologia, 120 vagas para Farmácia e 40 vagas para Nutrição. Já a FEFIEG (UNIRIO) ofertou 60 vagas para Enfermagem, 70 vagas para Nutrição e 115 vagas para Medicina e Cirurgia (DOC. 8).

A mudança da unificação da escolha de cursos por ordem de prioridade foi matéria abordada no jornal, ainda no ano anterior, em novembro de 1970 (DOC.7). Visando orientar os candidatos, a reportagem explicava como eles deveriam escolher os cursos, de acordo com suas preferências, e, em seguida, escolher as escolas em que desejavam cursá-los, conforme o texto da reportagem (Imagem 2).

Imagem 2 – Reportagem “Unificação de Medicina tem edital amanhã”, publicada no Jornal dos Sports em 16/11/1970, com orientação para preenchimento da ordenação dos cursos de preferência



Fonte: Jornal dos Sports. Seção Escolar; p 3. Localização: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=UFRJ&pagfis=4369.

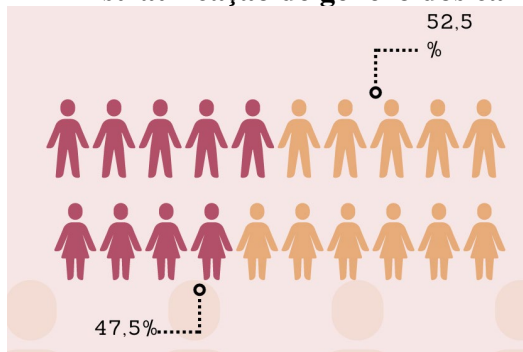
Na primeira semana do ano de 1971, o Jornal dos Sports, de posse de dados acerca do número de inscritos, exibiu uma reportagem em que caracterizava a distribuição das vagas pela estratificação de gênero e dos cursos de maior preferência dos candidatos (DOC.18). Como era de se esperar, dentro da ordem de preferência, a Medicina era a carreira escolhida como 1ª opção, seguida de Odontologia e Nutrição como carreiras de 2ª e 3ª opções. A Enfermagem era a 4ª opção entre as carreiras, sendo preferida em relação a Farmácia, escolhida como 5ª opção entre a maioria dos candidatos. Tal estratificação denota um reflexo do *status* social de cada carreira (Imagem 3).

Imagem 3 – Escolha das carreiras



Fonte: elaboração própria (Doc. 18).

Acerca da questão de gênero (Imagem 4), observa-se uma quase paridade na presença de homens e mulheres como candidatos, o que é ressaltado pela chamada em destaque utilizada na matéria “numa guerra em que todos são iguais” (DOC. 18). Sobre essa expressão, infere-se que o caráter objetivo do processo seletivo possibilitou a oportunidade de disputa igualitária entre os gêneros, haja vista que existiam carreiras tidas como próprias para homens e outras, para mulheres, e, possivelmente, critérios de seleção para as carreiras que dificultassem o acesso para determinado gênero.

Imagem 4 – Estratificação de gênero dos candidatos

Fonte: elaboração própria (Doc. 18).

A lista de aprovados no vestibular foi divulgada em 16 de janeiro de 1971, seguida de 11 chamadas reclassificatórias, até que as vagas ofertadas por todos os cursos fossem preenchidas. O preenchimento das 80 vagas do curso de Enfermagem da EEAN/UFRJ ocorreu na 9ª chamada reclassificatória, divulgada em 26 de fevereiro de 1971. Houve mais duas convocações por intervalo de nota (de 86,95 pontos a 82 pontos e de 82 a 75 pontos), para concluir o preenchimento das vagas do curso de enfermagem da FEFIEG (UNIRIO), ambas publicadas respectivamente nas datas de 27 e 28 de fevereiro de 1971 e 13 de março de 1971.

No que diz respeito à questão de gênero, considerando o resultado final e as chamadas reclassificatórias, observou-se que, dos 80 candidatos convocados na primeira chamada ao Curso de Enfermagem da EEAN/UFRJ, 59% (47) eram homens, e 41% (33) eram mulheres. Nas listas de reclassificação subsequentes (Quadro 3), é possível perceber um certo equilíbrio entre o quantitativo dos gêneros. Entretanto, ao considerarmos o contexto da EEAN/UFRJ até então, de ser uma escola exclusivamente feminina, as porcentagens mostram-se inquietantes com relação à presença masculina, pois uma escola que, até então, não recebia homens, passaria a ter seu corpo discente formado por um grupo em que a metade era formada por eles.

Quadro 3 – Reclassificados Homens no Vestibular de 1971 em listas nominais

	16/01/1971	31/01/1971	11/02/1971	14/02/1971	16/02/1971	18/02/1971	19/02/1971	25/02/1971	26/02/1971
	Lista 1	Lista 2	Lista 3	Lista 4	Lista 5	Lista 6	Lista 7	Lista 8	Lista 9
Nº de homens	37	29	13	15	28	20	25	27	23
Porcentagem	46%	51,70%	56,50%	44,10%	47,40%	46,50%	50%	27%	51,10%
Listagem de classificados	80	56	23	34	59	43	50	100	45

Fonte: elaboração própria (2023).

Com o novo modelo implementado com a RU/68, de escolha de 5 opções por ordem de prioridade, o vestibular unificado abriu precedente para que, ao se divulgar a classificação dos aprovados, estes pudessem aguardar por alguma mudança/desistência nas carreiras almejadas

de primeira opção. Enquanto isso, caso o candidato não alcançasse a nota para a classificação na opção do curso desejado, permanecia na disputa pelos outros cursos em que tivesse obtido melhor posição até matricular-se ou manifestar desistência da vaga junto à coordenação do concurso (DOC. 23).

No transcorrer do processo de reclassificações e chamadas para matrícula, o *Jornal dos Sports* publicou matérias com títulos expressivos que evidenciavam a dificuldade de preencher as vagas dos demais cursos da área biomédica, exceto Medicina. Entre as chamadas, destacam-se “Ninguém quer a enfermagem e a nutrição”, publicada em 15 de fevereiro de 1971; “Ninguém quer mais estas vagas”, publicada em 16 de fevereiro de 1971; “Enfermagem está atrás de alunos”, 25 de fevereiro de 1971; “Enfermagem está quase sem alunos”, em 26 de fevereiro de 1971, evidenciando o grande interesse pela carreira de Medicina e, por consequência, o desinteresse pelas outras carreiras da área da saúde. Tal situação pode ser reflexo da divisão social e sexual do trabalho, já que a enfermagem é uma carreira tida como feminina, com baixo prestígio social devido à desvalorização atrelada ao gênero e à atividade profissional em si, que é o cuidado (DUARTE; SPINELLI, 2019; FERREIRA et al, 2021; SOARES et al, 2021).

Por outro lado, a Medicina era a profissão escolhida pela maioria daqueles candidatos que desejavam seguir uma carreira na área da saúde, tanto pelo reconhecimento social e pelo *status* da profissão, quanto pela remuneração esperada após formado. Conforme afirma Machado (1997, p.1), “a profissão médica é este estereótipo de profissão com alto grau de autonomia técnica (saber) e econômica (mercado de trabalho)”. Ademais, a Medicina sempre foi uma profissão de reconhecida tradição. Ser médico significa possuir prestígio, *status* e destaque social, tanto em seu núcleo familiar como em sociedade em geral.

A demora no preenchimento das vagas para o curso de enfermagem da EEAN/UFRJ foi evidenciada pelo número de chamadas reclassificadoras, num total de oito, necessárias para garantir o preenchimento de todas as vagas da Enfermagem. Pelo número de candidatos chamados em cada lista reclassificatória, é possível inferir que, ao serem convocados, os candidatos ou desistiam ou não compareciam para a efetivação da matrícula (por estarem aguardando, ainda esperançosos de passarem para a sua 1ª opção). O não comparecimento para a efetivação da matrícula pode ser observado pelos nomes dos reclassificados que se repetem nas listagens subsequentes.

Não é possível afirmar que cada chamada representasse o número de desistências, pois pode ter sido utilizada a estratégia de chamar mais candidatos do que o número de vagas disponíveis, entretanto, a distribuição numérica nos permite afirmar que houve dificuldade para

o preenchimento das vagas. Um exemplo disso ocorre nas listagens divulgadas nos dias 11 de fevereiro de 1971, com 23 reclassificados, e, 3 dias após esta lista, no dia 14 de fevereiro de 1971, uma nova publicação, convocando mais 34 candidatos. Fica mais evidente ainda nas listagens publicadas em 19 de fevereiro de 1971, com 50 reclassificados, e no dia 25 de fevereiro de 1971, com uma lista de 100 reclassificados, mais que o total de vagas possíveis para o curso, que era de 80 ao todo.

Sobre a demora no preenchimento das vagas, o próprio jornal apresentava justificativa para tal fenômeno, explicitando que muitos candidatos reclassificados eram vestibulandos de Medicina e não estavam interessados nos demais cursos, inclusive, preferindo tentar outro vestibular para Medicina a cursar uma carreira que não desejavam tanto (DOC. 28; DOC. 29).

De fato, seis dos dez colaboradores do estudo falaram sobre o tema, e é possível identificar que havia, sim, uma preferência por ter a Medicina como primeira opção de carreira.

Eu fiz realmente concurso para medicina não consegui os pontos, que naquela época 1971 a disputa era muito grande [...]. (MARINHO, 2022).

Eu fiz primário, ginásio, científico e me preparei para fazer medicina. Eu fiz o vestibular para medicina [...]. (SÁ, 2022).

Não sei te dizer claramente qual foi a posição da opção de enfermagem. Eu me lembro que primeira e segunda [opção] não foi, porque a primeira opção foi medicina e a segunda, odontologia. (NETTO, 2022).

Quando entrei para a enfermagem, assim como diversos colegas que entraram comigo, não só do sexo masculino como do feminino, tinham um objetivo primário de chegar à medicina. Naquela época, os vestibulares eram unificados, então você colocava as opções [para as carreiras], primeira opção, segunda opção, terceira opção. A minha primeira opção foi a medicina. Eu não lembro se enfermagem foi a segunda ou terceira. (TORRICELLI FILHO, 2022).

Eu fiz um pré-vestibular e fiz vestibular para medicina e não fui aprovada para medicina (...) aí, eu entrei para a minha segunda opção, que era enfermagem. (SILVA, N.B., 2022).

Em 70 [1970] não consegui passar no vestibular, em 71 [1971], passamos. A minha primeira opção era medicina e a segunda, enfermagem. (VALLE, 2022).

Além destas falas, cabe registrar que, mesmo os candidatos que se matricularam e chegaram a completar o curso, formando-se enfermeiros, alguns deles, homens e mulheres, tornaram-se médicos anos mais tarde.

A grande questão que envolveu este processo está relacionada ao fato de que, por causa destas esperas, muitos dos candidatos, e, neste caso, mais as candidatas mulheres, desejosas de cursar Enfermagem como primeira opção tiveram dificuldade de efetivar a matrícula. Com a ampla concorrência para a área biomédica e, especificamente, pela presença dos vestibulandos de Medicina, as notas finais se elevaram, aumentando também a nota para se conseguir uma

vaga nas demais carreiras. Assim, devido ao sistema classificatório, acabavam tirando a vaga daqueles que tinham escolhido Enfermagem como primeira opção. Tal circunstância fica evidente na fala de uma das colaboradoras que tinha convicção da profissão que desejava seguir.

Eu fui aprovada, mas só me classifiquei na quarta chamada, porque a primeira chamada foi plena de estudantes da medicina, a segunda chamada já começou a ter alguém da enfermagem, passou a terceira chamada e na quarta chamada que meu nome saiu [...] Eu achava que ia ser chamada na primeira listagem, porque eu queria enfermagem, mas não era assim, a objetividade da nota da medicina era muito mais alta do que a nota das opções de enfermagem, na primeira opção de enfermagem. (SOUZA, 2014).

Deste modo, os candidatos desejosos dos demais cursos tiveram, nas reclassificações, um entrave para ingressar em seu curso de primeira escolha, já que eles obtiveram nota menor que os candidatos que fizeram vestibular para Medicina. A reportagem veiculada no dia 01 de fevereiro de 1971 (Imagem 5, 3º parágrafo) alertava sobre como tal estratégia de reclassificação dificultava o ingresso de candidatos, desejosos do curso escolhido, de se matricular em suas opções. Cabe registrar ainda, que, junto a esta reportagem, também foram divulgadas listas de matriculados e reclassificados dos cursos de Farmácia, Enfermagem e Nutrição de ambas as universidades, FEFIEG e UFRJ. Destaca-se que a lista da enfermagem era a mesma publicada dia 31 de janeiro de 1971 (DOC. 26).

Imagem 5 – Trecho da reportagem “Medicina chama candidato para entrevista”, publicada no Jornal dos Sports

Se você obteve classificação para os cursos de Farmácia, Enfermagem e Nutrição, no vestibular unificado para as áreas biomédicas da UFRJ e da FEFIEG, ou se você conseguiu posteriormente reclassificação para um desses cursos, não deixe de comparecer hoje, entre 9 e 18h, ao Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ.

A coordenação do concurso está convocando todos os candidatos classificados ou reclassificados em Farmácia, Enfermagem e Nutrição para uma entrevista, onde definirão suas situações diante das duas Universidades.

A convocação da coordenação prende-se ao fato de que muitos dos candidatos classificados para esses cursos fizeram suas matrículas apenas para assegurar uma possível reclassificação para o curso de medicina. Dessa forma a coordenação fica impossibilitada de preencher as vagas nos outros cursos com os candidatos que realmente querem cursá-los.

Fonte: Jornal dos Sports. Seção Escolar. Edição: 13191(1), p11.

Localização Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=enfermagem&pagfis=6001

8.3 (1.3) NAS ENTRELINHAS DO VESTIBULAR DE 1971: REPERCUSSÕES PARA A EEAN

Ao analisarmos as repercussões da RU/68 para o Curso de Enfermagem da EEAN, no que concerne ao processo de seleção dos candidatos, observa-se uma alteração significativa. Até então, as candidatas que tinham o desejo de cursar enfermagem na EEAN submetiam-se a uma prova de conhecimentos gerais e entrevista, em que se avaliavam aspectos comportamentais e subjetivos. Com a implantação do vestibular unificado, passam a ser selecionadas por meio de classificação na área de conhecimento pretendida.

Ainda nessa lógica de classificação por nota, os candidatos (em sua maioria homens) que não conseguiam classificação para o curso de Medicina entravam para o curso de Enfermagem como segunda, terceira ou quarta opção, ou seja, não desejosos pela carreira, ao contrário do que acontecia anteriormente.

A demora no preenchimento das vagas pode refletir a imagem social da profissão de enfermagem e a da profissão médica e seu *status*, além de corroborar a questão da presença de alunos não desejosos pelo curso, mas, ainda assim, matriculados, vislumbrando transferência para o curso de primeira escolha após o ciclo básico, ou alunos que queriam garantir uma vaga no ensino superior para não perder o vestibular.

Ao passo que existiam candidatas que escolheram o curso por conhecimento de causa, ideologia, vontade e até mesmo vocação, outros desconheciam a enfermagem como curso de ensino superior, e menos ainda a EEAN e sua tradicionalidade. Assim, os colaboradores que passaram para Enfermagem como opção secundária, relataram terem ingressado com vistas a pedir transferência para outro curso da área biomédica.

[...] Fazer enfermagem ou fazer medicina naquela época eu não conhecia nenhuma nem outra profissão. (MARINHO, 2022).

A enfermagem foi a segunda [opção] porque eu achava que era mais próxima da medicina não por eu conhecia alguma coisa da enfermagem, não tinha essa noção. (SÁ, 2022).

[...] Na época eu pensei assim: eu entro para enfermagem depois migro para a medicina. Ai eu teria o biomédico completo que eram os quatro primeiros períodos e ainda ganhava dois anos da medicina. (TORRICELLI FILHO, 2022).

Devido à demora para completar as vagas e à necessidade de múltiplas listas de reclassificações, os estudantes que chegaram mais para o final das convocações tiveram o prejuízo de não vivenciar o ritual de entronização dos estudantes ao curso em sua íntegra.

A EEAN/UFRJ fora instituída sob rituais e cerimônias empregados como ferramentas para a construção de uma identidade institucional, além da rigorosa disciplina e hierarquia, uso de uniforme e insígnias, que, em seu conjunto, formaram um novo *habitus* profissional. Nesse sentido, com a entrada dos homens, foi necessário criar um uniforme para eles. De igual modo, também se destaca que o evento conhecido como “Dia das bem-vindas”, que ocorria todo dia 19 de janeiro, foi substituído pela “recepção de calouros”, ritual comum a todos os cursos (SANTOS; SANTOS; BARREIRA, 1998; SANTOS, 2004; LASSALA, 2007; SANTOS et al., 2011; APERIBENSE, 2016, 2019). Realizado com o objetivo de recepcionar as estudantes que estavam iniciando os estudos, este momento era a primeira ação a produzir um estímulo à formação de um espírito de corpo e iniciar o processo de construção da identidade ananeriana, buscando manter elevados os padrões de ensino de enfermagem. Como houve a entrada de estudantes até meados de março, alguns não participaram desta recepção, não construindo uma memória acerca do ritual de entrada nem sendo sensibilizados sobre as tradições da EEAN.

Um ponto importante a ser mencionado é a questão de gênero existente no contexto deste vestibular porque remete a uma análise de duas vertentes, a saber: o fato de a enfermagem ser considerada uma profissão hegemonicamente feminina, no caso da EEAN, exclusivamente feminino, e o fato de haver cursos socialmente determinados como carreiras masculinas.

Neste sentido, cabe analisar que, ao passo que homens ingressaram na enfermagem, mulheres também puderam ingressar em outros cursos, nos quais a presença da mulher sempre fora dificultada. O contexto histórico-social de inserção da mulher na sociedade, sob a ótica de gênero e da divisão social e sexual do trabalho, torna todas as atividades desempenhadas por mulheres de caráter inferior, a espelho dos estereótipos convencionados pela condição de gênero enquanto “sexo frágil” (DUARTE; SPINELLI, 2019; FERREIRA, 2021; SOUZA et al., 2021).

As listagens nominais para o curso de enfermagem publicadas no Jornal dos Sports denotam um certo equilíbrio no quantitativo entre os gêneros. Porém, ao considerar o curso (Enfermagem) e suas características de gênero (feminina), a presença masculina torna-se intrigante. Do mesmo modo, pode-se perceber que a maioria dos candidatos do sexo feminino não escolheram Enfermagem como 1ª opção, e sim, Medicina.

A forma como se deu a entrada dos candidatos na EEAN denotava que se tratava de homens e mulheres com pensamentos e mentalidades muito diversificadas daquelas existentes em ocasiões anteriores, que prestavam o vestibular por meio de entrevista com as professoras da escola e passando por análises subjetivas. O próprio contexto político-social da ditadura militar, à época, determinou um momento propício a reflexões e questionamentos. Esta

realidade refletiu no contexto educacional, abrindo espaço para questionamentos em sala de aula como mencionado pelos colaboradores.

Teve uma mudança de comportamento dos professores. Mas as turmas anteriores comentavam que os professores mudaram o comportamento quando entrou os homens. Claro tinha que mudar, era outra coisa né, uma relação diferente do que com mulheres, a forma de ensinar e tudo mudou muito. (SILVA, M. J., 2022).

[...] Eram pessoas que eram muito submissas, essa era a clientela da Escola Anna Nery, que aceitava tudo, e aí eles pegaram uma turma que tinha gente pensante. (SÁ, 2022).

A admissão de estudantes de ambos os sexos, com maior preparo educacional e oriundos de uma sociedade em processo de mudança ideológica, foram fatores que influenciaram as mudanças no ato de ensinar, flexibilizando as relações sem renunciar à rigorosidade e à disciplina.

A primeira turma mista da EEAN formou-se em julho³ de 1974, composta por 51 estudantes, dos quais dez eram homens, e um outro grupo de formandos: 14 enfermeiros em dezembro de 1974, dos quais três eram homens (DOC. 2).

³ Não foi possível precisar a dia da formatura, pois não constava no convite de formatura, e os colaboradores não recordavam.

9 (CAPÍTULO 2): CONSTRUINDO UMA NOVA IMAGEM E MODELANDO NOVOS HÁBITOS

A EEAN surgiu no Brasil para atender às necessidades de saúde do país que fizeram urgir a implantação da Enfermagem Moderna, por meio da transposição do modelo norte-americano, implementado pela Missão Parsons. Para além disso, a EEAN também teve como ímpeto alterar a imagem social de desprestígio da enfermeira, que era malvista pela sociedade fora do âmbito religioso, tornando-a uma profissão respeitável e digna de ser exercida por “moças de boa família”⁴.

Nesse sentido, a construção de uma nova identidade profissional e transformação da imagem social da enfermeira moderna pela EEAN foi forjada sob um modelo de ensino baseado em rigorosa disciplina e hierarquia, com ênfase nos aspectos morais e comportamentais, ensino teórico e prático da profissão, além de lançar mão de rituais, emblemas e signos como ferramentas auxiliares nessa empreitada, constituindo-se, assim, um novo *habitus* profissional (SANTOS; BARREIRA, 1999; SANTOS et al., 2011).

A imagem de uma profissão está associada a poder, reconhecimento e *status* perante a sociedade. Logo, uma profissão que produza uma imagem negativa encontra dificuldades de desenvolvimento e reconhecimento por parte da sociedade (NAUDERER; LIMA, 2005).

A imagem é o produto de uma representação física ou mental, transmitindo a informação para além de si mesma, refletindo crenças, disposições, sentimentos e ideologias produzidas pelo ambiente social, econômico ou cultural em que se está inserido. Ainda que tenha o potencial de múltiplas significações, uma imagem concreta pode impactar, dar ou transformar o significado de algo com mais eficiência que a linguagem falada (BARTHES, 2005).

O vestuário é admitido como uma imagem repleta de significados passíveis de interpretação sendo composto pela indumentária e pelo traje. A indumentária é o conjunto de roupas e adornos adotados por um grupo social que os emprega de maneira particular, determinando seu uso por meio de proibições, tolerâncias, aberrações, congruências e exclusões, caracterizando, assim, a indumentária do grupo que a instituiu, e, quanto mais padronizada, mais forte é o seu significado. Por sua vez, o traje é a forma como o indivíduo adota a indumentária do grupo a que pertence, sendo o ato de vestir-se (BARTHES, 2005).

A imagem vinculada ao vestuário pode ser considerada como linguagem não verbal, configurando-se em um significante por prever uma imagem mais ou menos padronizada no

⁴ Referência a mulheres que vinham de famílias abastadas, de boa índole, extirpe. Mulheres com “sólida educação a par de idoneidade moral” (FERREIRA; SALLES, 2019).

imaginário coletivo e capaz de refletir o nível de participação do indivíduo em um grupo a partir da adesão total ou parcial das normas do sistema indumentário adotado.

À vista disso, o uniforme instituído pela EEAN pode ser considerado uma indumentária, produzido pelas costureiras da própria Escola, a fim de estabelecer um padrão de confecção e, assim, fortalecer seu significado/representação, além de padronizar os corpos femininos, resguardando a moral das alunas. O trajar-se constituía um critério de avaliação denominado Nitidez constante no Relatório Mensal de Experiência Prática, por meio do qual eram avaliados os itens higiene, aparência, conservação, limpeza e apresentação, tendo em vista que ficava a cargo das alunas atividades, como lavar, passar, engomar e dobrar (LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2016; APERIBENSE, 2019; BATISTA, 1999).

9.1 (2.1) O UNIFORME: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM A PARTIR DE UMA INDUMENTÁRIA

A EEAN adotou uniformes, a fim de padronizar suas alunas, estabelecendo um sistema hierárquico por meio deles, com composição específica para cada período educacional, existindo o uniforme preliminar, o hospitalar, o de saúde pública, o de formatura e o uniforme de enfermeira diplomada (BATISTA, 1999; PERES; BARREIRA, 2003; LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2016).

O período preliminar correspondia ao período de adaptação das discentes às rotinas e regras de comportamento, sendo seu uso indispensável para circulação na Escola. O uniforme preliminar era composto de vestido de listras finas azuis e brancas, em 1923, com golas e punhos brancos, passando por variações de cor entre o azul índigo em 1926, o cinza e voltando para o azul em 1950, meias brancas e sapato branco, cabelos presos sob rede, permanecendo assim até a década de 1970 (PERES; BARREIRA, 2003; APERIBENSE, 2016).

A cerimônia de recepção de toucas e imposição de insígnias demarcava o fim do período preliminar e a entrada definitiva da aluna ao grupo, dando início ao ensino profissional e ao uso do uniforme hospitalar. O uniforme hospitalar seguia com o vestido usado na fase preliminar acrescido de touca branca lisa, broche de estudante e avental, que deveria ser usado nos ambientes de prática (hospital) e dentro do laboratório. O avental foi retirado da composição em torno do final da década de 1960 devido ao seu uso ser associado a outros profissionais de menor qualificação dentro do ambiente hospitalar, propiciando certo desprestígio das estudantes (APERIBENSE, 2016).

O uniforme de saúde pública utilizado, no curso dessa disciplina, tinha características diferentes, sendo composto, inicialmente em 1923, por vestido, passando para saia azul-marinho na altura do joelho, blusa social com manga curta para dentro da saia, meia, rede no cabelo, sapato preto, insígnia de estudante (na gola da blusa) e maleta (devidamente equipada para realizar as visitas domiciliares (PERES; BARREIRA, 2003; LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2016).

Na ocasião da formatura, a indumentária era composta por vestido branco de manga comprida, meia fina branca, sapato fechado branco, rede no cabelo, luvas (que eram sinônimo de sofisticação), touca com frisos e broche com a insígnia, estes recebidos durante a cerimônia de colação de grau. Além disso, uma pelérine, sendo essa uma capa branca usada por cima do vestido, sem manga, presa apenas pela gola, local onde se fixava o broche com a insígnia de enfermeira. Após a cerimônia de formatura, a então enfermeira diplomada passava a usar o vestido branco, touca branca com friso e broche de enfermeira (PERES; BARREIRA, 2003; LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2016).

A indumentária da enfermeira diplomada era considerada fundamental na construção da imagem e identidade profissional objetivada pela Escola, pois simbolizava o dever, a disciplina, a abnegação e a modéstia. A qualidade e a distinção identitária forjadas nas alunas pelas lideranças da Escola foram tão determinantes da definição de um comportamento coletivo padronizado que as enfermeiras formadas passaram a ser adjetivadas de “enfermeira ananéri” (PERES; BARREIRA, 2003; APERIBENSE, 2016).

A EEAN manteve quase inalteradas as características dos uniformes desde a criação em 1923 até a década de 1960, quando começaram a ocorrer mudanças substanciais na indumentária, nos rituais e cerimônias e no ensino. As alterações foram pequenas, ajustes frente à moda e ao contexto social de cada década, corroborando a premissa de que o traje tem o potencial de atualizar a indumentária, haja vista as mudanças sociais e ideológicas que levam à modernização ou ao uso diferente de uma peça do vestuário (BARTHES, 2005).

Sob esse pressuposto, alguns acontecimentos sociais suscitaram tais mudanças para além do caminhar da moda, sendo um deles a RU/68, podendo-se considerar como o primeiro evento a provocar modificações importantes nas características da Escola de maneira geral, por ter oportunizado a entrada de estudantes homens em seu ambiente exclusivamente feminino, subsequentemente provocando alterações em seu ambiente social e infraestrutura, além da criação de um uniforme para os estudantes homens (LASSALA, 2007; APERIBENSE, 2016).

9.1.1 (2.1.1) Os uniformes masculinos

Ao longo de sua trajetória, a EEAN adotou quatro uniformes, quais sejam: o de preliminar, o hospitalar, o de saúde pública e o de formatura, que era o mesmo utilizado enquanto enfermeira diplomada (APERIBENSE, 2016). Ao integrar o Centro de Ciências da Saúde (CCS), por força da RU/68, os cursos passaram a ser constituídos por um ciclo básico e o ciclo profissionalizante, passando as disciplinas básicas e comuns às carreiras das Ciências da Saúde a ser cursadas em conjunto (Medicina, Odontologia, Nutrição e Farmácia), caracterizando o ciclo básico, e as disciplinas específicas da carreira eram cursadas no ciclo profissionalizante (APERIBENSE, 2016).

A narrativa dos colaboradores entrevistados demonstram a mudança no uso do uniforme a partir da definição de um ciclo básico e um ciclo profissional. As falas ressaltam que, ao irem para o CCS e conviverem com estudantes de outros cursos da saúde na mesma sala de aula, não havia mais a obrigatoriedade para o uso do uniforme, adotando-se, assim, o uso de roupa comum. Tais achados corroboram os resultados dos estudos de Lassala (2007) e Aperibense (2016), que relatam o uso de roupa comum pelos estudantes do Curso de Enfermagem da EEAN, durante o ciclo básico.

Nós começamos a usar o uniforme quando fomos para os estágios. Antes era paisana, era todo mundo junto e não tinha diferença. [O uso do] Uniforme foi quando tivemos que ter o momento de estágio, antes era roupa comum. [...] Eu no PA [Pavilhão de aulas] só ia de uniforme quando vinha do estágio. (MARINHO, 2022).

Para continuar mantendo a disciplina e a moralidade, as professoras da Escola orientavam sobre o tipo de vestimenta adequado tanto para as aulas do ciclo básico, quanto para a circulação dentro do internato, além de orientar quanto ao comportamento que deveriam ter, sendo disciplinarmente cobrados ao longo do curso.

Eu me lembro muito da professora Cilei Chaves Rhodus que era nossa diretora, era muito rígida e ela que mostrou logo de cara certas coisas como o comprimento da roupa, o silêncio, e quando a gente fazia aquela coisa normal de dar gargalhada, risada e o *shhh* [som para fazer silêncio]. Aquela disciplina toda já foi se encaixando (GRIVET, 2022).

Fomos direto para a sala, ninguém apresentou nada para a gente. A gente só escutou uma pessoa assim “não pode fazer barulho”, “anda na escada devagarinho”. Imagina andar devagarinho numa escada toda de madeira (...). (SÁ, 2022).

Cabe esclarecer que algumas alunas da primeira turma mista moravam no internato, motivo pelo qual os homens não podiam morar nem circular livremente nas dependências.

Localizado em Botafogo, algumas disciplinas eram ministradas nas salas de aula do local, contudo, os estudantes homens só tinham acesso ao refeitório e às salas de aula.

Em turmas anteriores à de 1971, as estudantes mulheres recebiam o Manual da Aluna, no qual constavam inúmeras regras de conduta, ditavam a composição do uniforme, indicando a costureira da Escola para a confecção, entre outras questões disciplinares (APERIBENSE, 2016).

A primeira turma mista da EEAN não teve acesso a um manual do aluno propriamente dito, mas lhes foi entregue um esboço do uniforme (croqui), ficando um modelo exposto na sala de costura, com a possibilidade de confeccioná-lo dentro ou fora da Escola. As orientações/instruções sobre o uniforme foram dadas na primeira aula de disciplina específica do curso de forma verbal, indicando-se o tecido, a cor e o modelo, conforme relatado pelos colaboradores dessa pesquisa.

Tinha um modelo, tinha sim, a gente recebia toda a informação de como seria os botões embutidos, a cor, não podia ser vários tons de azul, tinha que ser aquele padrão as peças tinham que ser compradas num lugar especial. As regras foram todas traçadas [...] foi caro à beça, minha mãe mandou a Júlia fazer que era uma costureira. (GRIVET, 2022).

Nós recebemos as instruções e a gente comprava. A gente comprava o uniforme, a universidade fazia o uniforme. (SILVA, M. J., 2022).

Foi apresentado um croqui, mas não foi dado um exemplar de croqui para cada um. Quem quisesse podia fazer uma cópia e levar para a sua costureira, quem tinha o poder aquisitivo de pagar uma costureira [...] A gente comprava tecido, eu lembro da minha mãe comprando o tecido [...] minha mãe era costureira, ela não costumava aqui no Rio [Rio de Janeiro], mas tinha as cunhadas que ajudavam. (SOUZA, 2022).

A possibilidade de confecção do uniforme por costureiras que não trabalhavam na Escola, ainda que houvesse orientações sobre o tipo de tecido e cor, abriu precedente para que alunas insatisfeitas com as medidas da modelagem pudessem fazer algum tipo de ajuste, fosse no caimento, no comprimento ou na cintura, situação que, no mínimo, contribuiu para o fortalecimento das reivindicações de mudanças. Tais mudanças provocaram uma fragilidade que, em longo prazo e associada a outros fatores construtores de identidade, levaria à ruptura do sistema indumentário instituído, uma vez que, quanto mais padronizada é a indumentária, mais forte ela se torna, e, conseqüentemente, a imagem do grupo ao qual está vinculada também é fortalecida (BARTHES, 2005).

O modelo do vestido que as alunas usavam era considerado fora de moda e nada funcional para as atividades que as alunas precisavam realizar no cuidado direto ao paciente, pois agachavam-se, debruçavam-se, entre outros movimentos, e o uso da saia limitava tais ações (APERIBENSE, 2016; 2019).

Ademais, o uso do branco era o momento mais desejado por parte de todos os estudantes da saúde. Não usar a cor branca, e sim um tom de azul ‘índigo/rei’ era motivo de desconforto e polêmica, inclusive porque todos os outros estudantes da saúde iniciaram seu uso, neste período no estágio, principalmente alunos de Medicina.

Os estudos de Lassala (2007) e Aperibense (2016) descrevem o uniforme hospitalar masculino sendo composto de camisa e calça social azuis, além do sapato branco. Em termos de indumentária, completa este uniforme a insígnia de estudante. Os colaboradores deste estudo reforçam tais informações e acrescentam maiores detalhes acerca do seu uso. A composição do uniforme, a cor, um tom azul descrito como “azul índigo/azul rei” desagradava a maioria dos estudantes. As justificativas reforçam o quanto a indumentária parecia inadequada para o momento vivido, por fazer os estudantes ficarem em evidência, inclusive, relatando episódios em que o uniforme era motivo de deboche por parte dos outros acadêmicos da saúde nos locais de estágio.

Foi dito assim “É esse o uniforme. Está aí o papel com desenho”, e aí começou *um zum zum zum*, que eu não sei dizer quem foi a pessoa central da história... Era uma roupa que talvez lembrasse mais uma faxineira do que uma pessoa que estivesse fazendo uma faculdade e já no meio que ninguém usava uniforme só nós [...]. (SÁ, 2022).

Outro detalhe era, assim, o *bulling*, agora usa essa palavra, né? Mas naquela época não usava não. A gente ouvia os companheiros, porque a gente já tinha cruzado com estes jovens do mesmo ano, da medicina, da farmácia, da nutrição, da odontologia. Quando eles nos reencontravam a gente sentia um certo deboche da nossa postura, da roupa que nós estávamos usando, porque algumas áreas comuns a gente passava, a Santa Casa de Misericórdia, o Hospital São Francisco de Assis. Então, a gente encontrava as pessoas que estiveram juntas no ciclo básico. Tinha um certo *bulling* com a gente, e a gente se sentia um pouquinho mexido, muito mexido mesmo porque não era bonito, fora a rede. (GRIVET, 2022).

Eles [alunos da medicina] riam, debochavam, aquilo batia forte dentro [no íntimo da aluna], incomodava, soava como um desrespeito que a vontade era “voar no pescoço” de um acadêmico daquele, mas elas não permitiam que a gente desse que fosse uma resposta ao acadêmico de medicina, a gente tinha que engolir calada. (NETTO, 2022).

Após reivindicações, a cor mudou para o tom azul celeste, e o modelo do vestido passou a ter abertura central para acompanhar o modelo da camisa usada pelos estudantes homens.

E aí começamos a questionar a cor e começou o impasse. Porque tinha que começar a cadeira de fundamentos, a professora era Ana Nava [Anna Jaguaribe da Silva Nava], e o que aconteceu foi que ficou um mês atrasado em começar o estágio porque colocamos “pé-firme”, formou-se um grupo, e o grupo tomou força [...]. E o uniforme passou para um azul claro que não chegava a ser um azul bebê, era um azul bonito, um azul céu, e o modelo passou a ser um vestido, que na frente era uma aba dobrada que o botão ficava embutido, que não se via o botão de cima abaixo, acinturadinho, meia manga tipo camiseta e fechava até mais ou menos a cintura, não era colante, ele fechado. E dali para baixo ele abria como um vestido tradicional. (NETTO, 2022).

Como relatado pela colaboradora, o uniforme hospitalar dos estudantes homens manteve características iguais ao uniforme das mulheres com relação à cor, ao tecido e ao modelo de abotoamento, sendo descrito da seguinte forma pelos colaboradores da pesquisa: calça e camisa do mesmo tecido e na cor azul claro, a gola tipo “gola padre” ou “gola careca”, fechado no centro com botões embutidos, manga curta acima do cotovelo e sapato branco.

Os colaboradores desta pesquisa foram questionados quanto ao uso de touca pelos homens, que, nos estudos de Lassala (2007) e Aperibense (2016), foi referido como bibico, uma espécie de barrete militar, que fazia, no uniforme, o efeito de touca masculina), um modelo parecido com um já utilizado na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – EEAP/UNIRIO (Imagem 6). Porém, os nove ex-alunos colaboradores desta pesquisa relatam que os estudantes homens não chegaram a usar touca nem lembram de ter sido proposto o uso de um modelo parecido. Portanto, não foi possível esclarecer que dificuldades foram enfrentadas que tivessem definido o não uso pelos estudantes naquele período.

Imagem 6 – Uso da touca por estudantes homens da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP/UniRio)



Alunos do curso de enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto uniformizados no refeitório, evidenciando-se o uso de touca pelos estudantes homens. Ano: 1956.

Fonte: EEAP/UNIRIO. Localização: Arquivo EEAP.

Apesar desta não lembrança, uma colaboradora destaca que a touca também foi alvo de reivindicações para abolir seu uso, a partir do argumento de que o homem não a usava. Deste

modo, as estudantes mulheres também queriam isentar-se da obrigação do uso desta indumentária.

[...] nós tínhamos que usar rede e toca, e eles não. E aí começou a “segunda guerra”. Não queríamos usar a toca. Apelidou-se a toca de avião. Não se tinha essa adoração, essa veneração a Escola Anna Nery. Alguns tinham, outros, não. (NETTO, 2022).

De fato, a partir da entrada do homem, o uniforme tornou-se uma questão polêmica para a direção da EEAN. Tanto é que, em 26 de novembro de 1971, portanto, próximo ao final do ano em que os homens entraram, a diretora Elvira de Felice Souza designou quatro professoras da Escola (a saber: Maria Dolores Lins de Andrade, Cecília Pecego Coelho, Tereza de Jesus Sena e Josefa Jorge Moreira) para compor a comissão que ficaria responsável por estudar o Documento nº 2, “Mudança do uniforme dos alunos para 1972”. Tratava-se de uma solicitação dos alunos do 1º ano do Curso de Graduação da Escola (DOC. 38).

A discussão acerca do uniforme não foi algo resolvido rapidamente e tomou proporções maiores, chegando ao conhecimento da Chefia de Gabinete do Reitor. Em ofício enviado em 17 de agosto de 1972 (quase 1 ano após a formação da Comissão que ia estudar a mudança nos uniformes), o Chefe de Gabinete pediu à Diretora da EEAN esclarecimentos acerca de alegações apresentadas, em que consta: “*tem havido atritos nesta unidade [não foi esclarecido quem eram os envolvidos] que são provocados pelos seguintes motivos: a) mudança de uniformes*”. Ao final do memorando, o Chefe de Gabinete pediu que fossem informadas as medidas tomadas pela direção para contornar ou solucionar os problemas surgidos.

Em resposta ao memorando do Gabinete do Reitor, a diretora da escola encaminhou, em 23 de agosto de 1972, um ofício, esclarecendo a composição de uma Comissão formada por estudantes e professores de todas as turmas, a fim de solucionar a questão constada no “Anexo I”. Cabe esclarecer que este anexo citado no documento não foi encontrado até o final da coleta de dados desta pesquisa, bem como não foram encontrados desdobramentos da atuação da Comissão.

Com relação ao uniforme de formatura, os colaboradores colocam que a definição do modelo ficou a cargo da turma, sendo definidas pela Escola algumas regras que deveriam ser seguidas em relação a: 1. Ser um vestido; 2. Na cor branca; 3. Com bainha no mesmo tamanho já estabelecidos para o uniforme hospitalar; 4. Sapato branco. Completava a indumentária do uniforme de formatura o uso da pelerine⁵ por cima do vestido, mas esta peça era cedida pela

⁵ Elegante capa curta usada pelas mulheres em meados do século XIX para proteger o tronco. Tinha extremidades compridas na parte da frente e curtas atrás (CALLAN, 2007, p.244).

instituição. A foto a seguir (Imagem 7) ilustra com bastante nitidez a composição do uniforme da formatura.

Imagem 7 – Estudante mulher com uniforme de formatura



Foto posada da colaboradora trajando uniforme de formatura no local do evento.

Fonte: Acervo pessoal da colaboradora.

Para os estudantes homens, o modelo do uniforme de formatura seguiu o padrão do uniforme hospitalar, sendo composto por calça, camisa e sapato brancos, com alteração apenas no comprimento da manga, que passou a ser manga comprida até o punho, sem uso da pelerine, conforme descrito pelos colaboradores (Imagem 8).

Imagem 8 – Estudantes homens com uniforme de formatura



Fotos posadas de estudantes homens com uniforme de formatura sem a pelerine.

Fonte: acervo pessoal de colaboradores.

Apesar de o uniforme da 1ª turma mista ter sido o de gala tradicional da Escola até então, destaca-se que a Universidade já utilizava a beca preta como indumentária para a cerimônia de formatura em outros cursos, inclusive, da área da saúde. Acerca deste fato, os colaboradores ressaltaram que desejavam usar a beca, entretanto, questões conjunturais de mudança curricular, em andamento área da educação no país, impediram que houvesse a mudança naquele momento.

Aí a “força política da Escola” disse que nós não iríamos nos graduar em julho de 74 [1974] porque o parecer 163 [*parecer nº 163 de 28 de janeiro de 1972 do Conselho Federal de Educação*] já tinha sido aprovado e nós estávamos sendo obrigadas a cumprir o parecer, obrigadas a sair da graduação só com a habilitação. Não poderia sair antes da habilitação. [...] a direção determinou “não vai ter formatura, vocês não vão se formar” [...] a escola segurou isso até passar o final de junho e vieram as férias. (SOUZA, 2022).

A Escola estava com dificuldade de realmente pensar em como é que realmente seria o uniforme dos homens porque eles queriam beca, e isso desde o início de 74 [1974]. Eles falavam em beca, beca, beca, porque a beca conseguia dar uma imagem unissex [...] a beca representa uma universalidade de graduação. Essa foi a maneira que a escola segurou e aí não havia mais tempo para uma beca. Como eles [*a diretoria da Escola de Enfermagem Anna Nery*] comunicaram no início de agosto não havia mais tempo. (SOUZA, 2022).

O Parecer do Conselho Federal de Educação nº 163, de 28 de janeiro de 1972, a que se refere a colaboradora, reformulou o currículo mínimo de Enfermagem, criando as habilitações em Saúde Pública, Enfermagem Médico-cirúrgica e Enfermagem Obstétrica, para serem cursadas no último semestre letivo, de forma optativa, e não de forma obrigatória (MEC, 1972; ARAGON; GRIMBERG, 1973). Entretanto, a incerteza sobre os detalhes da vigência da nova legislação acabou alterando a data da formatura desta turma, pois, se houvesse a incorporação do período da habilitação, os enfermeiros permaneceriam por mais seis meses para concluir a formatura, dificultando uma possível modificação na indumentária dos formandos com a inclusão da beca.

Assim sendo, esta turma graduou-se sem cursar a habilitação, e os então egressos optaram, ou não, por cursá-la. Dos 51 estudantes da primeira turma mista da EEAN, optaram por fazer habilitação 27 dos enfermeiros formados, sendo dois homens em Enfermagem Médico-cirúrgica, dois em Saúde Pública e nenhum em Enfermagem Obstétrica. Os 24 estudantes restantes não foram identificados nas listagens de conclusão de habilitação constantes no livro *Servir nem no de 1974 nem em anos posteriores* (DOC. 2).

9.2 (2.2) A LINGUAGEM POR MEIO DA ROUPA

Os resultados obtidos acerca dos uniformes masculinos durante a coleta de dados foram analisados a partir de duas metodologias propostas por Barthes, sendo elas o vestuário-escrito e o vestuário-imagem. Isto porque não é possível ter acesso ao vestuário real dos uniformes usados pela turma mista (BARTHES, 2009).

O vestuário-escrito refere-se ao vestuário descrito, sendo passível de análise vocabular, na qual a modificação de termos não altera a descrição. Dessa maneira, temos o uniforme hospitalar masculino descrito pelos colaboradores da seguinte forma: calça confeccionada ao estilo social azul claro; jaleco azul claro do mesmo tecido da calça, fechado ao centro por botões embutidos, “gola padre” ou “gola careca” (como é referido popularmente), mangas curtas acima dos cotovelos e sapatos brancos.

Era calça azul céu, azul-celeste, um azulão, mas não era um azulão mais escuro não, isso a gente conseguiu abreviar um pouquinho, mas também não era um azul bebê. Era um jaleco feito com a mesma fazenda da calça, tinha uma gola carequinha, aquela parte assim do botão ficar embutido, tipo gola padre, manga curta no meio do braço. Era um jaleco que cobria parte da calça e sapato branco. (SÁ, 2022).

Uniforme passou para um azul claro, não chegava a ser um azul bebê bonito, era um azul céu. Uma calça comprida e um jaleco que o fechamento do botão era igual o fechamento do nosso vestido e com uma gola tradicional de camisa masculina, não era aquele “jalecão” com aquele bolso tradicional, igual um atendente de farmácia, não. Não era aquilo não. Era mais discreto, mais bem-feitinho, era da mesma fazenda a calça e a blusa e tudo no mesmo tom de azul, e na mesma fazenda que era o vestido das meninas. (NETTO, 2022).

O sapato era branco, mesmo no uniforme azul. Uniforme era uma gola tipo de jaleco mesmo, justinha no pescoço e tinha que fechar o botão até em cima, parece uma gola que tem dois dedinhos para cima e aqui ela faz um redondinho [*referindo-se ao acabamento da gola*]. No diário [*no uso diário*] a manga era uma manga curta, acima do cotovelo. Não lembro se eram doze centímetros do ombro para cá, [*movimentos com a mão mostrando do ombro para o braço*] mas era mais ou menos isso, não chegava a quinze centímetros e tinha um croqui com essas medidas. Só o uniforme de formatura que tinha manga cumprida e era branco. (SOUZA, 2022).

O vestuário-imagem é aquele possível de ser visualizado por meio de fotografia, no caso desse estudo, podendo ser identificados aspectos, como formas, cor, estrutura plástica, relação espacial, além da própria forma de adoção da indumentária instituída. Nesse caso, o vestuário-imagem do uniforme hospitalar masculino (Imagem 9) capturado em fotografia corrobora o vestuário-escrito descrito pelos colaboradores. A referida fotografia foi apresentada pela colaboradora oriunda de seu acervo pessoal, porém ela não conseguiu informar com exatidão o contexto no qual a fotografia foi retirada.

Imagem 9 – Estudantes de ambos os sexos com uniforme hospitalar



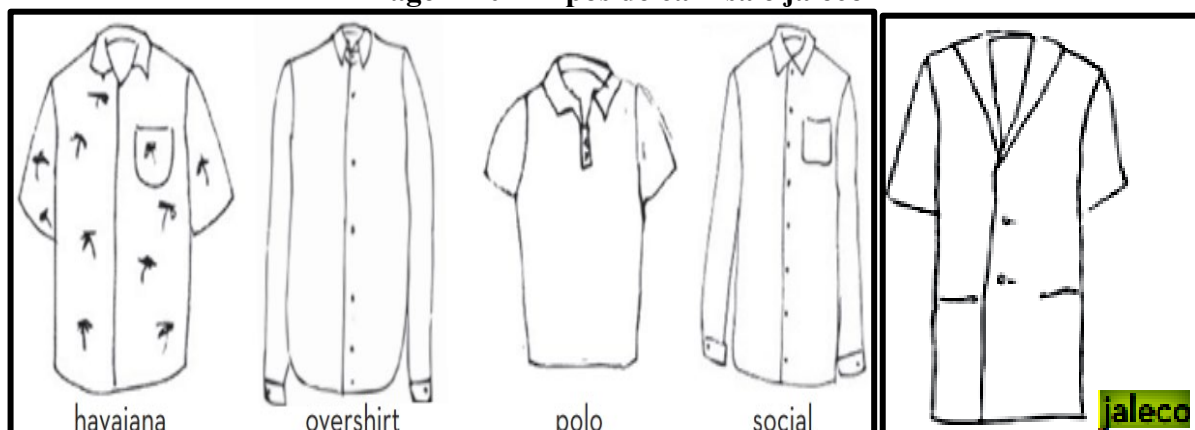
Foto posada da colaboradora com colega de turma trajando uniforme hospitalar ao lado de familiares.
Fonte: Acervo pessoal da colaboradora.

A fim de tornar a análise mais didática e seguindo o vestuário na direção vertical, mantendo o sentido de cima para baixo, os uniformes serão abordados na seguinte ordem a ser abordada: jaleco, calça e sapatos.

A começar pela parte superior, os colaboradores da pesquisa apontam o uso de um jaleco ao invés de expressarem o termo “camisa”. Nesse caso, deve-se admitir o termo jaleco, haja vista que a camisa é composta por bolso apenas no peito, com comprimento, gola e manga em tamanhos variáveis, e abotoamento frontal, diferindo-se do jaleco, que é um tipo de casaco em tecido leve com mangas de tamanho variável e comprimento na altura dos quadris, podendo estender-se até os joelhos, compondo-se ainda por gola e bolsos na parte superior e/ou inferior (CALLAN, 2007; BENARUSH, 2014). A imagem a seguir ilustra os diferentes tipos de camisa em comparação a um jaleco (Imagem 10).

Cabe esclarecer que, atualmente, a peça jaleco remete a um estilo bastante específico do modelo de uniforme que vai abaixo do joelho e possui manga cumprida, e que não inclui algo tão curto quanto o que é possível observar no vestuário-imagem da década de 1970. Contudo, mantermos o uso do termo “jaleco” devido ao referencial teórico que está sendo utilizado para fundamentar a linguagem da roupa. Além disso, o termo é utilizado por todos os colaboradores para se referir a esta peça do uniforme nas entrevistas.

Imagem 10 – Tipos de camisa e jaleco



Montagem comparativa entre tipos de camisa e jalecos com desenho técnico.

Fonte: elaboração da autora; BENARUSH, 2014.

De acordo com o vestuário-escrito e com o vestuário-imagem, pode-se descrever o jaleco do uniforme (Imagem 11) como jaleco com gola mandarim, mangas curtas, abotoamento embutido da esquerda para direita, um bolso superior do lado esquerdo e dois bolsos inferiores, um de cada lado na altura da cintura.

Imagem 11 – Jaleco do uniforme hospitalar



Montagem comparativa da calça do uniforme hospitalar com desenho técnico.

Fonte: acervo pessoal do colaborador; elaboração da autora; BENARUSH, 2014.

A gola do jaleco em questão é uma gola mandarim, conhecida como “gola padre”, por ter sido empregada nas roupas clericais, mas também pode ser encontrada em alguns modelos de uniforme militar. Trata-se de um modelo asiático de gola alta, com 2 a 5 cm de altura e próxima ao pescoço, com suas bordas arredondas, como evidenciado no uniforme masculino

da EEAN, ou retas, podendo ainda ter ou não um botão, como se vê na Imagem 12 (CALLAN, 2007; KAULING, 2016).

Imagem 12 – Gola do uniforme hospitalar



Montagem demonstrativa da gola do uniforme hospitalar masculino com desenho técnico.

Fonte: acervo pessoal do colaborador; elaboração da autora; KAULING, 2016.

O abotoamento do jaleco do uniforme hospitalar era feito ao centro, com botões embutidos. Ou seja: havia uma sobreposição de tecido que deixava os botões recobertos e não visíveis para quem olhasse de frente (Imagem 13).

Imagem 13 – Abotoamento invisível



Foto posada da colaboradora com colega de turma trajando uniforme hospitalar ao lado de familiares. Foto editada para melhor evidência do modelo de abotoamento.

Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

O uso de botões data do século XIII, passando a ser referência de *status* social nos séculos XVIII e XIX: quanto mais elaborados e luxuosos, maior a posição social de quem os usava (Imagem 14). No âmbito militar, foram empregados para distinguir patentes e regimentos, porém os botões eram malvistas em determinados círculos religiosos, por serem considerados símbolos de vaidade e luxúria nos séculos XVIII e XIX (ARAÚJO, 2012).

Imagem 14 – Botões dos séculos XVIII e XIX



Montagem com imagem de botões dos séculos XVII, XVIII e XIX: 1. Botão feito em marfim talhado com vidro e metal. França, 1780-1800; 2. Botão de bronze do uniforme dinamarquês na Primeira Guerra Mundial; 3. Botões revestidos de seda, 1848; 4. Botão de prata feito com cristais, 1650-1700; 5. Botão de porcelana Satsuma.

Fonte: <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/historiadobotao> .

O abotoamento do uniforme seguia a regra de vestimenta aplicada a cada gênero: as mulheres abotoam para o lado esquerdo, e os homens, para o lado direito (Imagem 15). Tal relação justifica-se pelo papel social e função que cada gênero desempenhava nos períodos históricos. As mulheres, em séculos passados, não se vestiam sozinhas, portanto, as roupas femininas eram criadas do ponto de vista de quem as vestiam, ao contrário do homem, que o fazia sozinho. Outras questões de ordem histórica envolveram a determinação da direção do abotoamento masculino, como o fato de os homens serem destros, em sua maioria, facilitando empunhadura de uma arma/espada prontamente, sem que a mesma se prendesse na roupa (ARAÚJO, 2012).

Imagem 15 – Fechamento do vestuário segundo o gênero



Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

Com relação aos bolsos, é possível identificar a presença deles mediante o vestuário-escrito, de acordo com relato dos colaboradores, porém sem detalhes de seu formato e localização na peça. O mesmo ocorre no vestuário-imagem no qual não é possível visualizar nitidamente seu formato nem localização na peça.

A calça do uniforme hospitalar (Imagem 16) pode ser identificada como calça tradicional com corte reto, cós na cintura, com comprimento até os tornozelos, conforme o vestuário-imagem. Os demais componentes da calça, como os bolsos e a bainha, não foram mencionados nas entrevistas, e não é possível identificá-los com clareza no vestuário-imagem (KAULING, 2016; BENARUSH, 2014).

Imagem 16 – Calça do uniforme hospitalar



Montagem comparativa da calça do uniforme hospitalar com desenho técnico.

Fonte: acervo pessoal do colaborador; elaboração da autora; BENARUSH, 2014.

O sapato é uma peça do vestuário que tem a finalidade de proteger os pés, assim como servir de adorno e acessório de moda. O sapato é um calçado fechado, estendendo-se até o

tornozelo, com salto de tamanho variável, produzido sob diversos modelos e materiais diferentes. Os sapatos utilizados pelos estudantes homens como componente do uniforme hospitalar não são contemplados em detalhes no vestuário-escrito, sendo mencionados apenas como de cor branca pelos colaboradores. No vestuário-imagem, nota-se que é um sapato masculino (BENARUSH, 2014).

Outra característica evidente e relevante no uniforme hospitalar é a sua cor, identificada como azul claro. A cor azul se refere à amizade, à harmonia e à confiança, estando associada ao divino, ao eterno, ao infinito (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006).

O uso das cores é feito há cerca de 200 anos e, desde então, tem sido atribuídos significados psicológicos a elas, já que se constituem em estímulo psicológico para a sensibilidade do ser humano. Elas têm o potencial de influenciar o ser humano e provocar reações fisiológicas e psicológicas, causando impressões, reflexos sensoriais e sensações, podendo ser empregada de forma terapêutica ou utilizada para comunicar inconscientemente determinadas características, com fins estratégicos, quer seja na área de marketing, quer seja promovendo reações para fins específicos fora do âmbito terapêutico. Portanto, a escolha de cores como linguagem deve levar em conta noção de movimento que se quer empregar (proximidade/distanciamento), a reação corporal almejada, as sensações e impressões de que se deseja provocar, sem perder de vista o significado cultural atribuído a cada cor (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006).

No tocante à cor azul, esta pertence ao grupo de cores frias⁶ e causa a impressão de movimento de distanciamento, leveza, transparência, umidade e calma, criando sensação de vazio, de distância e de profundidade, por conta de sua referência ao céu e ao mar. O azul está associado ao divino, ao eterno, ao infinito, ao sonho, e isso porque remete ao céu, ao horizonte e ao ar. Com relação à produção de reações corporais, o azul pode produzir reação calmante, de tranquilidade e bem-estar. No âmbito do significado social, esta cor imprime pureza, fé, honradez e nobreza (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006).

Os nove ex-alunos colaboradores dessa pesquisa relatam que, ao longo da graduação, utilizaram apenas dois modelos de uniforme, que seriam o hospitalar (azul) e o de formatura. Ainda de acordo com eles, o uniforme de saúde pública era utilizado apenas por aqueles que optavam por fazer a habilitação.

Tinha um [uniforme] de saúde pública que era diferente, era uma saia verde com uma blusa branca na habilitação, quando a gente fazia a habilitação. Não tinha especialização, a gente saía e tinha uma habilitação ou em saúde pública ou em

⁶ As cores são classificadas por temperatura em cores quentes e cores frias segundo a sensação de calor e frio que transmitem. Nesse caso, as cores frias são azul, verde e violeta/roxo.

médico-cirúrgica. Na habilitação a gente usava essa roupa, essa saia, blusa branca e sapato preto. Mas ao longo do curso foi esse uniforme azul e só quando a gente se formou que a gente usou branco na formatura. (SILVA, M. J., 2022).

No hospital a gente usava o azul [uniforme azul], inclusive na habilitação médico-cirúrgica. A gente ia comprar outro uniforme? Era o azul mesmo, a nossa marca. Agora, em saúde pública eu não sei. Isso na habilitação, tá. Porque saúde pública era caracterizado como habilitação, tinham 3 habilitações. Eu estou associando a um momento habilitação, que era um momento diferenciado da graduação. Então, enquanto graduação, ambiente de graduação básica era o mesmo uniforme [uniforme azul] que a gente ia para todos os cenários. (MARINHO, 2022).

Posto isso, é possível identificar que, dentre os nove colaboradores entrevistados, uma cursou Enfermagem em Saúde Pública, três cursaram Enfermagem Obstétrica, um cursou Enfermagem Médico-Cirúrgica, não havendo registro de conclusão em nenhuma das habilitações citadas pelos outros três colaboradores entrevistados. Ainda de acordo com a relação de concluintes da habilitação em Enfermagem em Saúde Pública, há o registro de dois estudantes homens que optaram por essa habilitação, entretanto, eles ainda não foram localizados para ser possíveis colaboradores do estudo (DOC. 2).

O uniforme de formatura masculino foi identificado enquanto vestuário-escrito com as mesmas características do uniforme hospitalar, alterando-se o comprimento das mangas, que passaram a ser longas, e a cor, que passou a ser branca. Dessa forma, o vestuário-escrito do uniforme de formatura é composto por calça na cor branca confeccionada ao estilo social; jaleco branco do mesmo tecido da calça, fechado ao centro por botões embutidos, gola (“gola padre” ou “gola careca”), mangas compridas e sapatos brancos, sendo corroborado pelo vestuário-imagem (Imagem 17).

Imagem 17 – Uniforme de formatura do estudante homem⁷



Fonte: acervo pessoal da colaboradora.

O branco simboliza luz, representa a vida e o bem nas culturas ocidentais, mas representa a morte, o fim e nada, nas culturas orientais. Em se tratando de associações materiais

⁷ Estudante homem trajando uniforme de formatura no local do evento.

(objetos/elementos/circunstâncias), tal cor é associada ao batismo, casamento, cisne, lírio, primeira-comunhão, neve, nuvens em tempo claro e areia clara. Já os significados conotativos e as associações afetivas do branco são a neutralidade, pureza, vida (principalmente quando associado à alimentação em decorrência da relação com o leite), limpeza, castidade, liberdade, criatividade, ordem, simplicidade, bem, pensamento, juventude, otimismo, piedade, paz, inocência, dignidade, afirmação, modéstia, deleite, despertar, infância, alma, harmonia, estabilidade, divindade. Sob a perspectiva do uso da cor como promotora de reações corporais, o branco, por ser uma cor intensa e irritante, pode provocar reações corporais de vazio interior, carência afetiva e solidão, devendo-se ter cuidado no emprego dessa cor em determinados ambientes (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006).

Ao analisar-se o uniforme masculino à luz de Barthes, aplicando-se o vestuário-escrito e o vestuário-imagem, pode-se dizer que o uniforme masculino da turma de 1971 da EEAN foi composto por detalhes de cunho religioso, como o modelo da gola, a escolha da cor e o emprego de abotoamento embutido, que, além de conferir um visual mais limpo, infere a abdicação de adornos, assim como nas roupas clericais (Imagem 18). Tal fato pode ser explicado pelo forte vínculo da EEAN/UFRJ com a Igreja católica, haja vista que a cerimônia de formatura, desde a criação da escola, contava com celebração de missa, assim como em solenidades e datas festivas no internato. Ademais, a Escola tinha um capelão que ministrava aulas de religião e teve sua aproximação com a igreja reforçada ao longo da gestão da diretora Laís Neto dos Reys, uma católica fervorosa (SANTOS; BARREIRA, 1999; APERIBENSE, 2016).

Imagem 18 – Vestuário clerical

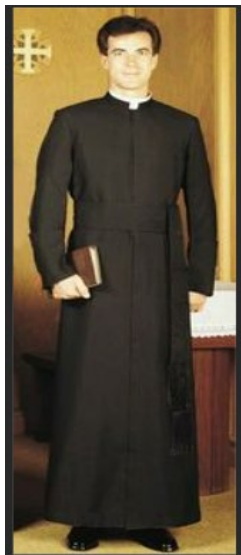


Imagem de um homem vestindo roupa clerical.
Fonte: <http://br.pinterest.com/pin/123567583504709550/>

A instituição de uma indumentária tem o objetivo de comunicar uma informação imagética para além do visual, sendo capaz de transmitir significação com potencial de emitir conceitos psicológicos ou sociopsicológicos, capazes de transformar a imagem psíquica de um grupo e ressignificá-lo socialmente (BARTHES, 2005, p. 73-74, p. 278).

Nesse sentido, a indumentária da EEAN foi estabelecida, a fim de transmitir seriedade, credibilidade, ressignificação da imagem social da enfermeira. Com a entrada dos estudantes homens, a elaboração do uniforme masculino com tais características vai ao encontro do objetivo institucional e permanece mantendo a imagem social da profissão, garantindo o padrão de emissão visual (respeito, confiabilidade, resguardo moral), para estes, assim como comunicado pelos uniformes femininos.

9.3 (2.3) RITUAIS E CERIMÔNIAS: NOVOS MOLDES

A EEAN instituiu, enquanto rituais, cerimônias e premiações, os seguintes eventos: a Dama da Vela, a Dama da Lâmpada, Cerimônia da Touca e Imposição de Insígnias, Cerimônia de Formatura. Todas empregadas como estratégias para a construção da identidade profissional e institucional (APERIBENSE, 2016).

A Dama da Vela era uma premiação concedida às estudantes com melhor desempenho ao longo do primeiro período do curso. Esta premiação acontecia durante a Cerimônia de Recepção de Toucas e Imposição de Insígnias, com todos os estudantes devidamente uniformizados, e a premiada tinha uma vela acesa e recebia primeiro a touca e as insígnias (APERIBENSE, 2016).

Essa premiação foi citada por uma colaboradora da turma de 1971, mencionando que, para a turma, o prêmio foi dado com base nas notas e concedido, simultaneamente, a três estudantes, já que estes tinham o mesmo valor de coeficiente de rendimento (CR). Dentre os três, duas eram mulheres, e um, homem. Com relação a essa premiação (Dama da Vela), não foram localizadas fontes escritas nas caixa de dossiê dos estudantes dessa turma, tampouco nas caixas da direção da época junto ao CEDOC/EEAN/UFRJ, ficando tal fato relatado pela colaboradora da pesquisa.

[...] Tinha a Dama da Lâmpada mas antes tinha a Dama da Vela. A Dama da Vela sim, que era do primeiro para o segundo período e a Dama da Lâmpada era no terceiro período, que podia ser outra pessoa [outra pessoa diferente da que foi dama da vela]. Isso antes não era pelo CR [coeficiente de rendimento] era pelas notas que se tinha na faculdade, mas como ficou unificado tinha um histórico escolar que tinha um coeficiente de rendimento e aí no acumulado deste coeficiente de rendimento estávamos 3 pessoas o César, eu e a Jupira Correia. E aí fizeram um cerimonial lá em cima [em uma sala no Pavilhão de Aulas] tinha essa parte que tinha aula, mas voltou

a ser oficina da escola, e tinha a Capela que também era um local em que as homenagens eram feitas. Eu lembro que César, eu e Jupira fomos homenageados, eles não chamaram de Dama da Vela porque não colocaram uma pessoa só, porque eu acho que o CR do César ou era mais alto do que o meu e o da Jupira ou igualava então nesse momento fizeram um trio. (SOUZA, 2022).

Quanto à Cerimônia de Recepção de Toucas e Imposição de Insígnias, a qual marcava entrada dos estudantes no período profissional, essa foi adaptada mediante a entrada dos estudantes homens, haja vista que ficou estabelecido o não uso da touca. Dessa forma, segundo os colaboradores da pesquisa, as estudantes mulheres recebiam a touca e o broche de estudante, e os estudantes homens recebiam apenas o broche de estudante, com todos devidamente uniformizados.

A Dama da Lâmpada era um prêmio concedido ao estudante que tivesse se destacado na disciplina de Fundamentos de Enfermagem (ao final do terceiro período) tanto na nota quanto por um conjunto de características transplantados pela EEAN/UFRJ. O ritual de premiação consistia em acender uma lâmpada em formato de lamparina grega na Lâmpada Mestra durante a cerimônia de formatura (APERIBENSE, 2016).

[...] sempre existiu a dama da lâmpada. Então do primeiro o segundo ano o melhor estudante era chamada de dama da lâmpada. Ela [a pessoa escolhida como Dama da Lâmpada] era uma liderança, era uma marca profissional bacana (SOUZA, 2022).

A participação da turma na escolha do estudante a ser premiado foi ponto relatado de formas divergentes. Dos que se lembraram do fato, um referiu que houve participação dos estudantes, e dois referiram que a escolha foi feita pelas professoras. Entretanto, destaca-se que houve consenso entre os colaboradores ao relatarem que a Dama da Lâmpada tinha que ser uma estudante mulher, principalmente devido ao sexo expresso na titulação, não havendo divergência na escolha.

A gente já tinha, os seres entendidos como masculinos, já tínhamos essa concepção de que a Dama da Lâmpada era uma mulher, isso era coisa já estabelecida, valores da Escola, a gente não estava lá pra mudar isso, a gente já tinha essa concepção. (MARINHO, 2022).

Eu acho que nunca foi cogitado nem homem na época. A gente teve algumas conversas sobre isso, a Sheila [Sheila Lucena, escolhida como Dama da Lâmpada] era uma pessoa muito dedicada, uma pessoa assim que abraçava mesmo as coisas. Mas eu acho que quem decidiu isso foi o grupo de professoras, avaliando uma série de aspectos. Nós tivemos alguma participação com relação a isso mas foi uma coisa que a gente aceitou. Mas homem nunca foi cogitado. (SILVA, M. J., 2022).

Segundo eles [os professores] não foi uma escolha aleatória, segundo eles ela [Sheila Lucena escolhida como Dama da Lâmpada] foi a melhor nota. Agora tem uma coisa, a nota [na disciplina de fundamentos] metade era nota de escrita e a outra metade era o oral, que era imparcial, elas que davam. Então na realidade, elas [as professoras] escolhiam quem queria que fosse a Dama da Lâmpada. Você dá uma nota oral maior “ah porque eu gosto muito dessa aluna, essa é melhor, eu vou dar a melhor nota para

ela”, porque não tinha parâmetro. A gente não conhecia os parâmetros a serem avaliados na prova oral, a gente não tinha parâmetro para ser avaliado na entrevista que tinha, tudo isso fazia parte da nota em fundamentos. (SÁ, 2022).

A cerimônia de formatura contava com o entoar do Hino Nacional e o da Enfermeira, o acender da lâmpada pela Dama da Lâmpada na Lâmpada Mestre, seguido do acender da lâmpada dos demais estudantes (Imagem 19), realização do Juramento do Enfermeiro e os devidos discursos, a substituição da touca lisa pela touca com friso, assim como a colocação do broche de enfermeiro.

Imagem 19 – O acender das lâmpadas



Foto espontânea retirada no momento do acender da lâmpada pelos demais estudantes, com a então Dama da Lâmpada em primeiro plano à esquerda. Ao lado, uma fila de estudantes aguardando a vez para acender a lâmpada e a estudante à direita em primeiro plano acendendo sua lâmpada.

Fonte: acervo do colaborador.

A premiação da Dama da Lâmpada foi referenciada no álbum de formatura como “Prêmio Florence Nightingale” (Imagem 20). Cabe ressaltar que, para esse momento, os estudantes estariam devidamente uniformizados com suas roupas de gala na cor branca, recobertas pela pelerine.

Imagem 20 – Álbum de Formatura

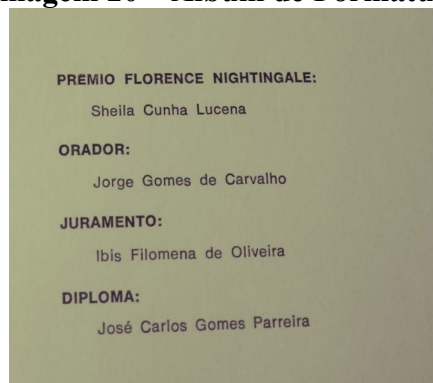


Imagem parcial de uma página do álbum de formatura da colaboradora.

Fonte: acervo da colaboradora.

Como pontuado anteriormente, o uniforme de formatura da turma de 1971 foi uma roupa branca, vestido ou calça com jaleco, fazendo-se uso da pelerine, a depender do sexo do estudante, como evidenciado por um colaborador.

Quando eles [direção da Escola] comunicaram no início de agosto não havia mais tempo [não havia mais tempo para usar a beca], comunicaram a mim e eu passei para o grupo que seria um jaleco de manga cumprida para os rapazes e calça branca, e as meninas com o vestido e a pelerine. E o que eles mais tinham medo realmente não aconteceu, a pelerine ficou só para o sexo feminino. (SOUZA, 2022).

No tocante à cerimônia de formatura, pode-se evidenciar o mesmo ocorrido na cerimônia de recepção de toucas e insígnias, que seria a troca da touca e do broche para as estudantes mulheres, e apenas a colocação do broche de enfermeiro pelos estudantes homens, sem maiores alterações nos demais momentos da cerimônia.

10 (CAPÍTULO 3): ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DA PRIMEIRA TURMA DA EEAN A PARTIR DA INDUMENTÁRIA

A construção da identidade de um indivíduo é influenciada pela cultura do grupo de origem (*habitus*) e pelas experiências do indivíduo nos campos sociais, que são a família, a escola e a profissão. A identidade é construída a partir de duas associações: a identidade herdada, construída pelo próprio indivíduo, de acordo com seu meio de origem (identidade social real), e a identidade atribuída a ele ao estar inserido em um grupo social (identidade social virtual). Contudo, a identidade não é algo fixo e “deve ser construída, desconstruída e reconstruída”, de acordo com as experiências vivenciadas e as mudanças do meio em que se está inserido (DUBAR, 2005).

Não obstante, a identidade profissional é estabelecida de forma coletiva (para um determinado grupo), criando uma imagem específica para esse grupo capaz de comunicar características dele. A identidade profissional articula-se com identidade individual e as relações com o meio (sociedade), transcendendo a aquisição de um diploma (DUBAR, 2005). Cabe aqui apresentar o conceito de traje e indumentária definidos por Barthes (2005, p.270) para aclarar seu uso no objeto de estudo em questão.

O traje constitui-se no modo pessoal como um usuário adota (ou adota mal) a indumentária que lhe é proposta por seu grupo. Pode ter significação morfológica, psicológica ou circunstancial, mas não sociológica.

A indumentária é propriamente o objeto da pesquisa sociológica ou histórica.

Entre o traje e a indumentária há um movimento incessante, uma troca dialética que já foi definida como uma verdadeira práxis.

A relação entre traje e indumentária é uma relação semântica: a significação do vestuário cresce à medida que se passa do traje à indumentária; o traje é debilmente significativo, exprime mais do que notifica; a indumentária, ao contrário, é fortemente significante, constitui uma relação intelectual, notificadora entre o usuário e seu grupo. (BARTHES, 2005, p.270-273).

Ao analisarmos a construção da identidade profissional a partir da indumentária, é preciso ter em mente que o estudo do vestuário propõe um problema epistemológico específico, de que “o vestuário é a cada momento da história, o equilíbrio entre formas normativas” em que ele “é sempre implicitamente concebido como o significante particular de um significado geral que lhe é exterior” (BARTHES, 2005, p.259,262).

Como pontuado anteriormente, a EEAN/UFRJ utilizou-se do uniforme enquanto indumentária e de rituais e cerimônias para construir a imagem da enfermeira annaneriana, adaptando-se ao contexto social e da moda ao longo do tempo, como pontuado em pesquisas já realizadas acerca dos uniformes da Escola (APERIBENSE, 2016).

Neste sentido, o presente capítulo apresenta o contexto histórico-social do período estudado, a fim de contextualizar e definir o sistema indumentário adotado pela Escola no período de 1971 a 1974 e analisa a construção da identidade desse grupo de estudantes, homens e mulheres, pautando-se no vestuário, composto pela indumentária e pelo traje, ambos com o potencial de refletir o grau de adesão do indivíduo em um grupo com sistema indumentário instituído por meio da forma como a indumentária é utilizada pelos indivíduos.

10.1 (3.1) O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

Considerar-se-á o contexto histórico-social das décadas de 1960 e 1970, tendo em vista o recorte temporal empregado (1971-1974) abarcar influências e reminiscências dos acontecimentos da década anterior, por ser o início da década seguinte. Outro ponto importante a ser considerado, para fins de contexto histórico-social, é que 1960 e 1970 foram décadas marcantes mundialmente, devido aos inúmeros movimentos sociais ocorridos, como os movimentos operários, estudantis, feministas, dos negros, ambientalistas, dos homossexuais, dentre outros, todos motivados pelo desejo do direito à liberdade, igualdade e flexibilização das hierarquias e da autoridade (CARDOSO, 2005).

No Brasil, os movimentos sociais tomaram vulto a partir do fim da década de 1960, estando relacionados, principalmente, com o descontentamento político e social, tendo em vista o Golpe Militar de 1964, que culminou com a instauração da ditadura e a incapacidade do poder constituído de representar os grupos sociais que surgiam e com o movimento estudantil (CARDOSO, 2005; ANTUNES; RIDENTI, 2007).

A década de 1960 foi considerada por Gohn (2019) como o primeiro ciclo de movimentos sociais, atingindo seu ápice em 1968, a espelho das manifestações internacionais, principalmente na França, por meio do movimento estudantil (CARDOSO, 2005; GOHN, 2019).

No âmbito da política, a década de 1960 foi marcada pela ditadura militar iniciada em 31 de março de 1964, quando os militares tiraram do poder o então presidente João Goulart, perdurando até 1985, quando ocorreu a primeira eleição para presidente civil. Ao todo, nestas duas décadas (de 1960 a 1979), o país foi governado por sete presidentes, cinco deles, militares (RODRIGUES, 2006).

Com o golpe militar, o país sofreu com censuras e repressões, a fim de inibir movimentos sociais de descontentamento político. Neste sentido, visando legitimar e institucionalizar o regime ditatorial, foram elaborados os Atos Institucionais (um total de 17,

no período de 1964 a 1967), a Lei de Segurança Nacional e a Lei de Imprensa em 1967. Cabe destaque a três deles, a saber: AI-5, voltado para a repressão das manifestações que se opunham ao regime e, dentre outras medidas, suspendia os direitos políticos, cerceava a liberdade de expressão, proibia a frequência a determinados lugares; AI-13, relegando ao exílio os considerados nocivos à segurança nacional, e AI-14, que autorizava a pena de morte para aqueles que se excitassem contra o regime (RODRIGUES, 2006; GARCIA, 2007; SAGGIORATO, 2012).

Sob esse cenário da década de 1960, muitos intelectuais, artistas, trabalhadores (operários) e estudantes fizeram da cultura uma ferramenta para expressar seus descontentamentos. Como forma de lutar contra o regime, manifestavam-se por meio da música popular, no cinema, no teatro, na literatura e nas artes plásticas (RODRIGUES, 2006; ANTUNES; RIDENTI, 2007; SANTOS, 2009).

Dentre os movimentos musicais e culturais, pode-se citar, pelo menos, três de grande repercussão nacional: o rock, tido como símbolo de rebeldia, representado internacionalmente pelos *Beatles* e *Rolling Stones*, e o *acid rock* (por meio de bandas, como *Pink Floyd*, *The Dors*, *Led Zeppelin*, dentre outras), que falava sobre drogas e criticava a sociedade; a *black music*, oriunda do movimento negro dos Estados Unidos, e a Música Popular Brasileira (MPB), representada por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Chico Buarque, Elis Regina, dentre outros. O movimento da cultura *hippie* surgiu na década de 1960 com a proposta de uma sociedade alternativa sob os ideais de paz e amor, também protestando contra o capitalismo e a guerra (SANTOS, 2009; SAGGIORATO, 2012).

O bojo ideológico dos movimentos sociais da década de 1960, para mais que questionar o poder instituído e suas práticas, pautava-se em questionar os valores que embasavam o sistema, tornando-se, assim, negacionista, rejeitando as relações de poder tanto política quanto socialmente, manifestas no racismo, no capitalismo, socialismo, por exemplo. Por outro lado, esses movimentos delineavam ideais de liberdade, indo além de meros questionamentos sobre as situações do presente, buscando “transformação social” (CARDOSO, 2005).

Os movimentos e manifestações de maior destaque foram o movimento estudantil e o movimento dos operários, com o auge de suas manifestações em 1968. O movimento estudantil reivindicava melhorias no ensino superior e lutava contra o regime instaurado com passeatas (“Passeata dos Cem Mil”⁸), greves e ocupações de faculdades. O movimento dos operários

⁸ A Passeata dos Cem Mil ocorreu em 26 de junho de 1968 no Rio de Janeiro em resposta a morte de estudantes em confronto com policiais durante as manifestações populares contra a ditadura militar. Contou com a

reivindicava melhores condições de trabalho, liberdade e autonomia sindicais, além da luta contra o regime ditatorial com greves deflagradas no mesmo ano. O AI-5 (“o golpe dentro do golpe”) foi decretado, em 1968, à luz desses acontecimentos, levando à cassação, à prisão, à tortura, à morte e ao exílio dos participantes desses movimentos (RODRIGUES, 2006; ANTUNES; RIDENTI, 2007; SANTOS, 2009).

A década de 1970 foi marcada pelo desmonte dos movimentos reivindicatórios devido à repressão ditatorial, levando à diminuição da visibilidade desses movimentos. Em contrapartida, ocorreu o “milagre econômico”, com crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), diversificação das atividades produtivas, concentração de renda e o surgimento da nova classe média com poder aquisitivo mais alto, além do fortalecimento da indústria cultural (RODRIGUES, 2006; SANTOS, 2009; GOHN, 2011).

A fim de controlar as ideologias oriundas dos campos da educação e da cultura, garantir valores culturais tradicionais e propiciar a cultura de massa advinda dos países capitalistas, o regime incentivou a indústria cultural, que popularizava toda a forma de arte, destituindo-a da criticidade e de qualquer conscientização, desprovida de utopias, atendendo às necessidades do militarismo (SANTOS, 2009).

A cultura de massa teve como principal veículo a indústria fonográfica, com a ascensão da televisão e divulgação da cultura estrangeira, modificando a cultura nacional. O mundo da música adaptou o *country* norte-americano para a música sertaneja, a *disco music* tornou-se modismo e tinha um estilo descompromissado. O *Rock* foi marginalizado pela ditadura e deu lugar ao Movimento *Punk*, um movimento anarquista que revolucionou as roupas e refletia o clima desesperançoso e conservador da época. O *Reggae* Jamaicano refletia sobre a pobreza e a exploração. A Jovem Guarda também fez parte da cultura de massa, com letras de estilo leve e isentas de críticas sociais, e trouxe consigo uma indumentária própria composta por calças boca-de-sino, amplamente comercializadas, assim como a indumentária *hippie* (calça jeans, pantalonas, batas, estampas coloridas), que acaba absorvida pela cultura de massa e uma aparência que incluía o cabelo comprido para os homens (SANTOS, 2009).

Enquanto, no campo político, adentrávamos um período de exceção, no que diz respeito à moda, ao contrário, o rumo era da libertação do corpo, principalmente na moda jovem. Foi um período de produção de roupas em série. Na segunda metade da década de 1960, surgiu o conceito de moda unissex como consequência da liberação comportamental e da moda *hippie*,

participação de estudantes, intelectuais, artistas, políticos e religiosos (RODRIGUES, 2006; ANTUNES; RIDENTI, 2007).

o que democratizava ao mesmo tempo que igualava as pessoas, inclusive em gêneros (PRADO; BRAGA, 2011).

A rebeldia da juventude dos anos de 1970 estava ligada à contracultura. As manifestações culturais foram levadas para dentro das universidades, por meio do teatro, como forma de fazer política dentro daquele grupo e não visavam mais à conscientização do povo (SANTOS, 2009). Assim, novas modas se impunham no Brasil com demandas de uma juventude sequiosa por voz e vestes próprias (PRADO; BRAGA, 2011).

Em 1973, o Brasil vivenciava o fim do “milagre econômico” em decorrência da dívida externa contraída para as obras governamentais, aumento da inflação, crise do petróleo, esta sentida mundialmente, e aumento do desemprego. Em 1974, o então presidente Ernesto Geisel iniciou um plano de abertura política que culminaria no retorno à democracia em 1985 (RODRIGUES, 2006).

10.1.1 (3.1.1) Recortando o tecido: a moda nas décadas de 1960 e 1970

A moda é um “reflexo mutável do que somos e do tempo em que vivemos” (CALLAN, 2007). Tem o potencial de transmitir as transformações sociais e as mudanças periódicas no estilo de vestimenta e ornamentação, sendo adotada pelos indivíduos numa mistura de comportamento social de uma época e de um grupo no qual se está inserido com o gosto pessoal (SOUZA, 2019).

O contexto histórico-social de ditadura, reivindicações e ideologias, como movimento *hippie*, *rock*, *punk rock*, feminismo, que pairaram nas décadas de 1960 e 1970, também ditaram moda para a sociedade brasileira.

Na década de 1960, a moda estava mais direcionada para o público jovem, com modelos que mudavam rapidamente, fato associado a um futuro incerto e um desejo de rebeldia, a espelho das mobilizações sociais do período. Os estilos variavam do ultrapsicodélico ao geométrico com materiais mais endurecidos. As saias passaram a ter o comprimento na altura das coxas um modelo *saint-tropez* (de cós baixo), levando a mudanças nas roupas íntimas femininas, com calcinhas menores para serem usadas com esse novo modelo de saia (LAVÉR, 1989; CALLAN, 2007).

Foram lançadas as jaquetas de couro preto, suéteres de gola rolê, botas de cano longo e vestidos Moundrian (inspirados no cubismo, com corte reto). Os decotes se aprofundaram, e as blusas eram mais transparentes. O uso de *smokings* femininos, terninhos e peças como *blazer* foram se tornando cada vez mais comuns nessa década. O ornamento, nesse período, ficou por

conta dos cabelos longos e lisos e brincos plásticos (LAVÉ, 1989; CALLAN, 2007). Com a estouro dos *mass media*⁹, houve dois grandes movimentos comportamentais marcantes na década de 1960: a Jovem Guarda, que reforçou, no mundo da moda, a redução do tamanho das saias em minissaias e microssaias ousadíssimas, e o movimento da Tropicália, que, em termos de estética, representaram uma transição bastante marcante de um movimento para o outro. Indo ao encontro desta liberação *hippie*, os cabelos passaram a cair soltos, longos e volumosos, fossem lisos ou cacheados, tanto para homens quanto para mulheres. De fato, tudo deveria ser *unissex* (PRADO; BRAGA, 2011).

Na medida em que as manifestações perdiam força no final da década de 1960, o ultrapsicodélico e o geométrico vão dando lugar ao estilo mais humanoide¹⁰, apesar da atmosfera social ainda ser de incertezas. A moda passou a ser baseada no Oriente ou na *flower-power-hippie*, com peças de tecidos finos, estampas indianas ou florais, jeans bordados ou com aplicação de flores, calças de algodão boca-de-sino, saias compridas, adornados por cabelos ondulados ou cacheados, cabendo ser acrescido de flores (LAVÉ, 1989).

A década de 1970 foi marcada por um forte trânsito entre os guarda-roupas masculino e feminino, movimento já iniciado na década anterior. Tal fato é reportado ao feminismo e à busca das mulheres pelas novas carreiras que antes eram tidas como masculinas e se descortinavam para elas como possibilidade naquela época, o que levou a indústria da moda a produzir modelos de roupa mais competitivos para as mulheres. Consequentemente, elas passaram a usar calças de forma mais frequente, *blazers*, sobretudos, capas de chuva, vestidos de coquetel preto, compostos por linhas simples e retas, comprimento até os joelhos ou abaixo deles, deixando ombros e braços de fora (LAVÉ, 1989).

Fora do âmbito formal e empregatício, o trânsito entre os guarda-roupas também se fazia presente. As mulheres usavam saias de corte masculino, camisas masculinas, calças largas, jaquetas aviador, coletes e paletós. No sentido oposto, as roupas masculinas tinham colarinhos de ponta comprida e arredondadas, camisas justas, jaquetas inspiradas nas fardas, calças esportivas coloridas e listradas (LAVÉ, 1989).

O tecido de destaque na década de 1970 foi malha, já introduzida no universo da moda no fim da década de 1960, mas agora (1970) amplamente utilizada, realçando o formato do corpo com roupas de malha cada vez mais colantes e jeans mais apertado. As saias ficaram mais compridas e eram usadas com calça de malha canelada ou meias coloridas (LAVÉ, 1989).

⁹ Mass media ou meios de comunicação de massa são meios de comunicação que visam fornecer informações ao maior número possível de pessoas simultaneamente.

¹⁰ Humanoide: que ou o que apresenta formas ou características humanas.

O movimento *punk* fez parte do mundo da moda, servindo de inspiração em trajes vandalizados, calças adornadas por correntes, cabelos eriçados e tingidos, alfinetes e ganchos no nariz e nas orelhas (LAVER, 1989).

10.2 (3.2) O TRAJAR-SE NA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY – O USO DO UNIFORME

O uso do uniforme na EEAN foi, desde sua implantação, objeto avaliado e reforçado pelas americanas como definidor de um comportamento para as alunas. Portanto, trajar-se ao longo do curso foi rigorosamente fiscalizado e implicava aprovação/reprovação da estudante no item Nitidez (Imagem 21), bem como era atribuída nota para comportamento e conduta, compondo, assim, uma parte da nota da disciplina de Fundamentos de Enfermagem (APERIBENSE, 2016).

Segundo Barthes (2005), trajar-se é o emprego da indumentária de um grupo carregado de individualidade e, por esse motivo, capaz de refletir a adesão do indivíduo a um grupo e às mudanças sociais e ideológicas da sociedade em que se encontra inserido.

Imagem 21 – Relatório de avaliação em campo de prática

UNIVERSIDADE DO BRASIL
ESCOLA DE ENFERMEIRAS ANA NERY

RELATÓRIO MENSAL
EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Classe: 605 Nome: Agosto de 1957
Aluna: [REDACTED] Matéria: Opticaologia
PERSONALIDADE

	Má	Sof.	Reg.	Bom	Super.	Excel.
ACETABILIDADE AO DOENTE: Os doentes apreciam a sua presença?				✓		
ADAPTABILIDADE: a) sua a meios evidências culturais? adapta-se: a) ao doente? b) à rotina? c) às emergências?				✓		
CORTESIA: Demonstra cortesia em todos e vos quando fala?					✓	
DIGNIDADE: a) digna e calma a) com os doentes? b) com os médicos c) com as colegas				✓		
INDUSTRIA: Demonstra ser diligente e constante no serviço? Trabalha com rapidez sem prejuízo da qualidade do trabalho				✓		
NITIDEZ: O uniforme é usado, completo?				✓		
GENIO: É alegre, agradável?				✓		
SIMPATIA: Demonstra simpatia e bondade para com os doentes e colegas?				✓		
SINCERIDADE: É sincera? Sincera?				✓		
DOMÍNIO PRÓPRIO: Domina-se em qualquer circunstância normal? a) calma? b) nervosa? c) impetuosa? d) inflexível?				✓		
SACUDE: É forte e vigorosa, fisicamente? mentalmente?				✓		
DESENVOLVIMENTO: Tem-se desenvolvido em serviço? Sua: <u>Sim</u>				✓		
OBSERVAÇÕES: <u>É boa aluna, muito interessada em aprender e muito</u>						

U. B. 130

Instrumento de avaliação de atividade em campo de atividade prática de agosto de 1957.
Fonte: CDOC/EEAN, 1957.
Localização: Módulo GR, Caixa 47, Ano 1960, Curso de Graduação.

O relatório mensal de experiência prática era um instrumento de avaliação das alunas no curso das atividades práticas. O presente relatório data de 1957 e registra aspectos da personalidade da estudante, determinando uma gradação em seis níveis: má, sofrível, regular, bom, superior e excelente (APERIBENSE, 2016). Infelizmente, não foi possível localizar um relatório do período estudado (1971-1974), contudo, é possível verificar a permanência deste instrumento de avaliação até o ano de 1961 com o critério Nitidez expresso no formulário (Imagem 22).

Imagem 22 – Relatório de avaliação em campo prático de 1961

UNIVERSIDADE DO BRASIL
ESCOLA DE ENFERMEIRAS ANA NÉRI

RELATÓRIO MENSAL
EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Classe: 62 I
Aluna: [REDACTED] PERSONALIDADE

Mês: Janeiro, 1961
Noite: [REDACTED] Dia: [REDACTED]

	Má	Sof.	Reg.	Bom	Super.	Excel.
ACEITABILIDADE AO DOENTE:						
Os doentes apreciam a sua presença?					✓	
A voz e modos evidenciam cultura?					✓	
ADAPTABILIDADE:						
adapta-se: a) ao doente?				✓		
b) à rotina?				✓		
c) às emergências?				✓		
CORTESIA:						
Demonstra cortesia em modos e voz quando fala?					✓	
DIGNIDADE:						
É digna e calma a) com os doentes?					✓	
b) com os médicos?					✓	
c) com as colegas?					✓	
INDUSTRIA:						
Demonstra ser diligente e constante no serviço?				✓		
Trabalha com rapidez sem prejuízo da qualidade do trabalho?				✓		
NITIDEZ:						
O uniforme é nítido, completo?				✓		
GENIO:						
É alegre, agradável?						✓
SIMPATIA:						
Demonstra simpatia e bondade para com os doentes e família?					✓	
SINCERIDADE:						
É sincera?						
Honesta?						
DOMINIO PRÓPRIO:						
Domina-se em qualquer circunstância normal?				✓		
É calma?				✓		
Nervosa?						
Impulsiva?						
Infantil?						
SAÚDE:						
É forte e vigorosa, fisicamente?				✓		
mentalmente?				✓		
DESENVOLVIMENTO:						
Tem se desenvolvido em serviço?						✓
Sua atitude?						✓
trabalho?						✓
OBSERVAÇÕES:						
<p>Aluna: [REDACTED] Nota: 10,00</p> <p>Assinatura: [REDACTED]</p> <p>U. B. 134</p> <p>al. Ana Maria Trivellato</p>						

Instrumento de avaliação de atividade em campo de atividade prática de janeiro de 1961.

Fonte: CDOC/EEAN, 1960.

Localização: Módulo GR, Caixa 47, Ano 1960, Curso de Graduação.

A partir de 1963, foram encontrados instrumentos de avaliação sem o critério Nitidez expresso, mas com o critério “Aparência Pessoal”, no qual eram avaliados os quesitos “uniforme” e “postura” (Imagem 23), permanecendo assim até 1965 (Imagem 24), ficando o ano de 1962 sem identificação de um instrumento de avaliação.

Imagem 23 – Relatório de avaliação em campo prático de 1963

Universidade do Brasil
Escola de Enfermeiras Ana Neri

Relatório de eficiência no Centro Cirúrgico do Hospital-Escola

Classe: 1965 Aluna: [REDACTED]

Data: 10/7/63

	Ótima	Bom	Satisfatória	Medíocre
1. Aparência pessoal:				
Uniforme		✓		
Postura		✓		
2. Relações humanas:				
contacto com as colegas		✓		
" " os pacientes	✓			
" " as supervisoras	✓			
" " os médicos		✓		
" " os funcionários		✓		
3. Responsabilidade com relação a:				
Pontualidade	✓			
Assiduidade		✓		
Interesse em aprender	✓			
" em ensinar		✓		
Iniciativa		✓		
Trabalho em equipe		✓		
Dedicação pelo trabalho	✓			
4. Desempenho das funções como:				
Circulante		✓		
Instrumentadora		✓		
Recebendo material no C.M.	✓			
Entregando material no C.M.	✓			
Preparando material no C.M.	✓			
Preparando soluções		✓		
Manejando aparelhos de esterilização.		✓		
5. Espírito de observação:				
Capacidade de observar o que é mais importante na S.O.		✓		
6. Registros:				
Anotações nas papeletas e registros		✓		
7. Observações: <i>Aprovisionou bem a rotatória</i>				

Instrumento de avaliação de atividade em campo de atividade prática de 1963.

Fonte: CDOC/EEAN, 1963.

Localização: Módulo GR, Caixa 55, Ano 1964-1965, Curso de Graduação.

Imagem 24 – Relatório de avaliação em campo prático de 1965

RELATÓRIO MENSAL

ALUNA: [REDACTED] CLASSE: 6.5

DATA: 27.8.65 ESTÁGIO: Plantão ENF: S.A.P.

	MÁ	SOF.	BOM	SUPER.
1) Aparência pessoal				
a) Uniforme			<input checked="" type="checkbox"/>	
b) Postura			<input checked="" type="checkbox"/>	
2) Relações humanas				
a) com as colegas ;;;			<input checked="" type="checkbox"/>	
b) com os doentes			<input checked="" type="checkbox"/>	
c) com a família dos doentes			<input checked="" type="checkbox"/>	
d) com as supervisoras			<input checked="" type="checkbox"/>	
e) com os médicos			<input checked="" type="checkbox"/>	
f) com os funcionários			<input checked="" type="checkbox"/>	
3) Responsabilidades com relação a				
a) Pontualidade			<input checked="" type="checkbox"/>	
b) Assiduidade			<input checked="" type="checkbox"/>	
c) Interesse em aprender			<input checked="" type="checkbox"/>	
d) Interesse em ensinar			<input checked="" type="checkbox"/>	
e) Iniciativa			<input checked="" type="checkbox"/>	
f) Trabalho em equipe			<input checked="" type="checkbox"/>	
g) Dedicção pelo trabalho ;;;			<input checked="" type="checkbox"/>	
h) Prevenção de acidentes			<input checked="" type="checkbox"/>	
4) Preparo clínico e profissional				
a) Apreciação das necessidades:				
1. Sociais ;;;			<input checked="" type="checkbox"/>	
2. Espirituais			<input checked="" type="checkbox"/>	
3. Mentais			<input checked="" type="checkbox"/>	
4. Físicas			<input checked="" type="checkbox"/>	
b) Atenção ao conforto e à segurança dos doentes			<input checked="" type="checkbox"/>	
c) Observação de sintomas			<input checked="" type="checkbox"/>	
d) Adaptação às necessidades individuais			<input checked="" type="checkbox"/>	
e) Execução técnica			<input checked="" type="checkbox"/>	
f) Anotações nas papelotas e impressos			<input checked="" type="checkbox"/>	

cont....

Instrumento de avaliação de atividade em campo de atividade prática de 1965.

Fonte: CDOC/EEAN, 1965.

Localização: Módulo GR, Caixa 55, Ano 1964-1965, Curso de Graduação.

Apesar da ausência de identificação de um instrumento que pontuasse o uniforme como item avaliativo referente ao recorte de 1971-1974, os colaboradores da pesquisa referiram que o uniforme era avaliado por nota. A fim de garantir o cumprimento dos quesitos avaliativos no uso dele, a chefe de disciplina do curso verificava a altura do vestido, que tinha um padrão

estipulado, conferia se as estudantes estavam usando a rede nos cabelos e a meia-calça. Esta prática era comum no processo disciplinar desde as décadas anteriores, assim como no início década de 1970, como apontam os colaboradores.

Era bem pontuado para a gente: 4 dedos abaixo da curva de trás do joelho. A professora ia lá e colocava a gente em um lugarzinho no vestiário, assim tipo um tapume, que tinha uma régua e media [media a saia]. Passava a mão na nossa perna para ver se a gente estava de meia, para a gente não dizer que estava de meia invisível. (SÁ, 2022).

Elas exigiam que a gente colocasse uma rede para proteger, para não cair cabelo em algum tratamento. Usava-se uma rede. E aí tinha gente que usava a rede importada, invisível [...]. Algumas professoras questionavam “cadê a rede? Você está sem rede!”. E colocavam [as professoras] a mão no cabelo das meninas para ver se estavam com a rede. (MARINHO, 2022).

A dona Elvira [Elvira de Felice e Sousa] chegava a medir o tamanho da roupa no joelho [o vestido] e a calça dos meninos. (VALLE, 2022).

No que tange ao uso do uniforme hospitalar, este era feito no momento do estágio, na presença dos estudantes de medicina que cursaram o ciclo básico junto com os estudantes da EEAN usando roupa comum e que, nesse ambiente de aprendizado, usavam branco.

Cabe ressaltar que a maioria dos estudantes da Escola escolheram medicina como primeira opção no vestibular unificado, ficando intrínseco o desejo de usar o “branco”, associado com a representação social carregada por ele. Não obstante, estudantes de ambos os sexos, desejosos ou não da carreira de enfermagem, atrelam as repercussões negativas do uso do uniforme com o modelo desatualizado e com a postura exigida dos estudantes no ambiente hospitalar, não cabendo a eles responder, questionar ou argumentar outros profissionais e estudantes naquele momento.

Com relação ao uniforme hospitalar, algumas repercussões negativas foram apontadas no seu uso pelos colaboradores da pesquisa, sendo mencionado como segregacionista, opressivo e submisso.

Em situações de aula, de estágio, tinha constrangimento. Tinha constrangimento mesmo! A gente se sentiu humilhado por causa da roupa. Aquela cor azul, a roupa muito abaixo do joelho, pareciam mais freiras. Tirou o brilho de uma juventude. (GRIVET, 2022).

Eu acho que se não tivesse tido todas essas opressões, que me fizeram sentir perante os outros, inferiorizada, desvalorizada, não sendo respeitada pelo outro profissional [...] eu acho que se elas não tivessem sido tão rigorosas com isso, eu talvez não teria feito medicina. (NETTO, 2022).

Eu acho que o uniforme contribuiu para formar uma identidade. Só que para pior. Eu acho que o uniforme foi elemento de submissão da equipe de enfermagem à equipe médica. Um comportamento subserviente, submisso, inculcado pelos próprios professores. (TORRICELLI FILHO, 2022).

A gente percebia, quando chegava no hospital de azul, que não era muito simpático. Parecia que estava chegando uma classe subalterna (VALLE, 2022).

É possível evidenciar que o uniforme hospitalar da época não contribuiu para a formação de uma imagem/identidade de maneira positiva no transcorrer do curso, porém a rigorosidade exigida no trajar-se causou repercussões positivas para a formação profissional dos estudantes, conforme destacado pelos colaboradores.

O tipo de uniforme não contribuiu para a construção de uma identidade. Mas a existência do uniforme, eu acho que é importante, coisa que agora [nos idos de 2022] não tem. (SÁ, 2022).

O uniforme azul?! O uniforme azul não contribuiu para a formação da identidade. Ele [o uniforme] deixava a gente para baixo. (VALLE, 2022).

Estruturou o nosso caráter profissional. E quando eu virei professora, eu sinto que eu também passava isso pros meus alunos da dignidade, da apresentação, da postura. Eu sinto que tudo isso acabou levando a gente a um caráter profissional. (GRIVET, 2022).

Contudo, não foi possível localizar outras fotos de estudantes desse período usando o uniforme hospitalar, além da Imagem 9, para que fosse possível averiguar possíveis desvios no trajar-se, tendo em vista as repercussões negativas causadas pelo modelo e uso.

Na ocasião da formatura, algumas estudantes mulheres não foram tão minuciosas no cumprimento das normas para vestimenta (Imagem 25), confeccionando seus vestidos com diferentes comprimentos das saias (destaque na seta amarela), mais curto do que o estabelecido de, pelo menos, 3 dedos abaixo da curvatura do joelho, da mesma forma que o uniforme hospitalar, tendendo para a moda da época que estabelecia saias mais curtas.

Imagem 25 – Estudantes mulheres com uniformes de formatura customizados



Foto posada de um grupo de formandas da turma de 1971.
Fonte: Acervo da colaboradora.

As alterações nos moldes do uniforme de formatura das estudantes são pontuadas pelas colaboradoras sob a escusa de que, àquela ocasião, não haveria repercussões maiores em virtude da transgressão, já que estavam graduando-se.

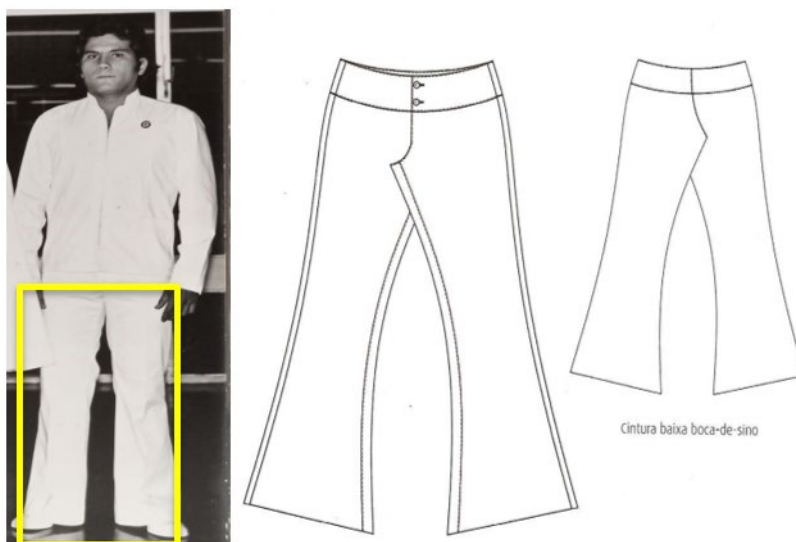
Eu fui experimentar meu uniforme de formatura e tinha um erro da costureira, porque naquela época todo mundo usava saia curta, e ela colocou uma saia curta. E foi a primeira coisa que eu ouvi quando cheguei na formatura, foi a dona Ivone [Ivone Chaves Mauro] falar para mim assim “essa roupa está muito curta”. [...] Eu já estava com ela, eu fui com ela assim mesmo, até porque a pelerine cobria. (SÁ, 2022).

No dia da formatura, que a gente começou a “ficar metida” [ficarem ousadas]. E falamos “Ah, não vamos fazer abaixo do joelho, não!” [...] Nós não obedecemos muito no dia da formatura, não. (GRIVETT, 2022).

Pode-se inferir que o não cumprimento das regras de confecção dos uniformes de formatura está relacionado à desatualização frente à moda da época (1974). Como mencionado anteriormente, a moda estipulava o uso de vestidos de corte reto com ombros e braços à mostra (vestido coquetel), saias e camisas de corte masculino e, ainda que as saias tivessem aumentado um pouco em comprimento com relação às saias *saint-tropez*, o comprimento da saia do vestido do uniforme permanecia mais comprido do que o estabelecido socialmente (LAVÉR, 1989).

É possível evidenciar que os estudantes homens tenderam também à moda da época ao confeccionarem suas calças em modelos mais largos, seguindo a moda da época das calças boca-de-sino, em desacordo com o modelo estabelecido para homens, que deveria ser igual ao modelo do uniforme hospitalar, sofrendo alteração da cor azul para a cor branca (Imagem 24).

Imagem 26 – Estudante homem com uniforme de formatura customizado



Composição de foto posada de estudante homem com uniforme de formatura com um modelo de calça.

Fonte: Acervo do colaborador; elaborado pela autora.

A partir da atitude dos estudantes em relação ao uso do uniforme de formatura da EEAN, é possível identificar uma contestação do valor do sistema indumentário da EEAN, já que é possível avaliar o grau de participação de um indivíduo em um grupo pela adesão ao sistema indumentário estabelecido para o grupo. Assim sendo, quanto mais aderido ao grupo, mais completo é o uso da indumentária estabelecida (BARTHES, 2005, p. 278).

Para a década de 1970, a indumentária da Escola à época pode ser considerada desatualizada da moda em vigor, tanto no âmbito social quanto no trabalhista, resguardando seu rigor e padrão indumentário, a fim de manter a credibilidade na formação de uma profissional qualificada, que viesse a ter reconhecimento social e profissional.

A moda estabelecida na década de 1970 tinha a intenção de modificar a atmosfera social de incerteza e temor pelo futuro incerto devido ao desmonte das mobilizações reivindicatórias e a ditadura ainda vigente, porém já caminhando para o seu fim. Isto posto, a moda seguiu a atmosfera do sonho, da suavidade, com as estampas florais do movimento *flower-power-hippie*, e estampas orientais, com tecidos leves. Contudo, a moda também se manifestou como escape frente à incerteza e medo do futuro, com as roupas extravagantes da *disco music* (LAVÉR, 1989; REED, 2013).

No âmbito da moda profissional da década de 1970, o modelo das roupas e os tecidos se tornaram mais práticos, prevendo peças de corte reto e masculinizados para o guarda-roupa feminino, uso de calças, ternos, paletós de maneira mais frequente, ampliação das roupas unissex (LAVÉR, 1989). Isso porque a mulher começa a inserir-se no mercado de trabalho de maneira mais efetiva e, principalmente, em carreiras que antes eram estabelecidas como masculinas, podendo ser considerado um reflexo do Estatuto da Mulher Casada¹¹ de agosto de 1962, que isentava as mulheres de serem autorizadas pelos maridos a trabalhar entre outras deliberações. Dessa forma, firma-se o trânsito entre os modelos feminino e masculino, passando esse a usar camisas mais justas.

A moda é um fenômeno sociocultural capaz de transmitir crenças, disposições, sentimentos e ideologias, sejam sociais, políticas e/ou religiosas de uma época. Por meio do vestuário e do traje, a moda tem o potencial de construir a identidade social e assume o papel de “linguagem silenciosa”, tornando possível a comunicação da identidade dos indivíduos na sociedade em que está inserido (BARTHES, 2005, p. 74; CARCIOLA, 2018; ORSI, 2020).

A adoção do vestuário vigente em uma determinada época e por determinados grupos (“estar na moda”) promove integração social. Assim sendo, os indivíduos buscam por

¹¹ Lei nº 4.121/1962. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Disponível em: L4121 (planalto.gov.br).

pertencimento e aceitação social, ao mesmo tempo em que criam uma identidade imagética individual (CARCIOLA, 2018; DULCI, 2019). À vista disso, as modificações feitas pelos estudantes de ambos os sexos, a fim de estarem condizentes com o contexto social vivenciado, inferem a existência de uma necessidade de pertencimento à sociedade em que se encontram inseridos.

As alterações na indumentária da EEAN, realizadas pelos estudantes, tornaram-se possíveis mediante a fragilização do sistema indumentário ao permitir a confecção dos uniformes por costureiras à escolha dos estudantes, e não mais por costureiras da Escola, como ocorria outrora. Além disso, a ideologia social questionadora e de busca por liberdade em diversos âmbitos da vida pode ter constituído outro fator estimulante à transgressão das normas de confecção dos uniformes, sob a justificativa de que não mais sofreriam repreensões punitivas no momento da formatura.

10.3 (3.3) A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA ALÉM DO USO DO UNIFORME – O PROFISSIONAL ENFERMEIRO POR TRÁS DA ROUPA

A identidade é o resultado do equilíbrio entre a identidade social real (identidade de si) e a identidade social virtual (identidade para o outro), sendo permeada pelo *habitus*, que compreende a cultura do grupo em que se está inserido e a trajetória individual (processo relacional) (DUBAR, 2005, p. 141).

O *habitus* é uma estrutura geradora de práticas que assegura uma “espécie de submissão imediata à ordem que inclina a fazer da necessidade virtude”, levando a uma adesão dos agentes por meio da socialização, culminando na incorporação de um “senso comum”, com a função de conservar ou aumentar o patrimônio cultural, manter ou melhorar a posição do grupo (DUBAR, 2005, p. 77-81).

O *habitus* institucional criado na EEAN foi bem demarcado por meio do uso de uniforme, disciplina rigorosa, cerimônias e premiações. Como resultado desse processo de incorporação do *habitus* institucional, tem-se o que Dubar (2005) conceitua como a “rotulagem”, por meio do qual ocorreu a identificação de “enfermeira Anna Nery” atribuída aos egressos da Escola por terceiros em ambientes de trabalho.

Acrescentou muito ter estudado na Escola de Enfermagem Anna Nery. Porque você dizer que é da “annaneri” até hoje [2022] é reconhecido. (SÁ, 2022).

Eu lembro que na Praça Quinze [Hospital Maternidade Praça XV], de manhã de 07:30hs às 12hs, eu usava o uniforme da Escola de Enfermagem Anna Nery [pois era professora da Escola estando como preceptora em ambiente de estágio] de noite eu fazia o meu plantão de enfermeira como funcionária do INAMPS [Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência] [...]. Os médicos, nutricionistas, psicólogos,

assistente social, e minhas colegas passavam por mim e diziam “oi você Ivis, você está linda”, “como é bom te ver assim”. E à noite as colegas do dia, os plantonistas, a maioria deles estavam. Então quando eu subia à noite, 00hs pra fazer a ceia no restaurante, que era no último andar, eles falavam assim “Ih chegou a Ivis que não é a enfermeira Anna Neri”, porque a roupa do INAMPS era um terninho branco. (SOUZA, 2022).

Quando eu voltei para o Ceará e fui trabalhar, eu sofri muito bullying por causa disso [por ter estudado na EEAN] tinha uma colega que era formada pelo Ceará [pela Universidade Federal do Ceará] que por qualquer coisa dizia assim “é porque a enfermeira annaneri está se achando”. (SILVA, 2022).

Tal situação ocorreu porque o processo de socialização foi regido por “relações de força” e legitimação das ações pelos atores envolvidos, fazendo com que o *habitus* se impusesse coletivamente, culminando na “rotulagem”, que equivale a “identidade para o outro” ou identidade social virtual.

Enquanto a “identidade para si” ou identidade social real é construída pelo próprio indivíduo pautado “no que se quer ser”, mediante vivências dentro do meio de origem (família, escola, clã, religião, etc.), compondo-se por atos de pertencimento. A identidade social virtual é aquela atribuída pelo outro para um indivíduo ou atribuída por uma instituição (grupo) para um indivíduo, levando à rotulagem (DUBAR, 2005).

O equilíbrio entre as identidades sociais real e virtual ocorre por meio de “estratégias identitárias”, que têm o objetivo de diminuir a distância entre ambas as identidades, levando o indivíduo a acomodar a identidade social real à identidade social virtual (transação externa/objetiva), ou fazendo com que o indivíduo resguarde a identidade social virtual e construa uma nova identidade ao assimilar as identidades real e virtual (DUBAR, 2005, p. 140).

Por outro lado, quando não é possível esse equilíbrio entre as identidades, ou seja, quando a identidade virtual é rejeitada pelo indivíduo, quando é imposta uma identidade não desejada, ou, ainda, quando há a recusa de uma identidade reivindicada, ocorre uma crise identitária (DUBAR, 2006; 2011).

Não se pode dizer que houve crise de identidade para a maioria dos estudantes da primeira turma mista, ainda que estes fossem desejosos da carreira de Medicina. Isso porque a negociação a ser feita para o equilíbrio entre as identidades (real e virtual) leva em consideração a qualidade da relação com o outro, e, para essa turma mista, a qualidade relacional mostrou-se preponderante.

Cabe dizer que a vivência de situações adversas no contexto acadêmico, assim como mediações de conflito, principalmente nos ambientes de prática, fizeram com que os estudantes reconhecessem o potencial positivo da identidade que se queria transplantar, possibilitando uso

de uma estratégia identitária subjetiva, ao resguardar a identidade de si e construindo uma identidade visada, a tal ponto que os colaboradores que fizeram Medicina após a graduação de Enfermagem referirem que a disciplina e o respeito transplantados pela Escola foram importantes para a profissão médica.

A maioria dos meninos que entraram, fizeram medicina depois. E eles dizem no grupo de WhatsApp [grupo de egressos da turma de 1971] que ter feito Anna Nery [graduação na Escola de Enfermagem Anna Nery] foi um divisor de águas para medicina porque eles têm outro olhar como médico, por terem sido primeiro enfermeiros, e enfermeiros de Anna Nery. (SILVA, M. J., 2022).

Naquela época, eu tive uma impressão muito ruim da enfermagem em técnica, porque eu vi que aquela maneira de ensinar a enfermagem no Brasil, na Anna Nery [EEAN], estava totalmente desfocada da realidade. [...] Mas anos depois e reencontrando os colegas, vendo profissionais habilidosos, dedicados. Eu tive a oportunidade de ver os enfermeiros já formados, que tiveram sua carreira posta à prova, eu passei a admirá-los também, pelo trabalho que fizeram. Então a minha cisma, de certa forma, ela se desvaneceu. (TORRICELLI FILHO, 2022).

Algumas atividades laborais têm o potencial de desenvolver uma identificação positiva por aqueles que a escolhem. Isso ocorre porque determinadas atividades são produtoras ou criadores de algo de si, oriundas do intelecto e criatividade (arte, artesanato, ciências, etc.), ou produtoras de serviços úteis (médicos, advogados, educadores), dando sentido à existência de quem as exerce, promovendo realização pessoal e reconhecimento social, indo além da troca financeira (DUBAR, 2012).

Ainda que a carreira de enfermagem seja uma profissão que produza serviço útil e tenha potencial de promover realização pessoal, ela não produz reconhecimento social por estar atrelada à realização de atividades laborais consideradas como um “serviço sujo”. Ainda dentro do contexto profissional, pode-se evidenciar a inversão de valores/dominação por se tratar de uma profissão essencialmente feminina, pertencente a uma área de conhecimento de dominação masculina (área biomédica), e, para além disso, uma relação assimétrica entre o normal e o estigmatizado (DUBAR, 2012; SOUZA et al., 2021).

À luz desse contexto, é possível identificar estratégias para evitarem ser vistos pelos demais estudantes de outras carreiras ou, ainda, negociar, com a família, a transferência de curso, da Enfermagem para Medicina, após o ciclo básico.

Na época, os meninos escondiam que faziam enfermagem porque a maioria deles tinha feito vestibular para medicina. (SILVA, M. J., 2022).

Minha família não gostou não, mas eu os convenci de que ia terminar o ciclo básico em enfermagem e entraria para medicina depois do biomédico feito, mas eu não consegui chegar lá [referindo-se a não ter conseguido concluir o ciclo básico para então tentar transferência para o curso de medicina]. (TORRICELLI FILHO, 2022).

Nos hospitais, quando chegávamos para fazer estágio com os outros alunos [referindo-se aos outros alunos da área biomédica]. Às vezes encontrava um rapaz que estudou

comigo no vestibular, eu me escondia para ele não me ver. Assim como outros colegas meus. Os meninos diziam que faziam medicina mas a família não sabia por que eles escondiam o uniforme. (SÁ, 2022).

No processo de construção identitária, o pouco reconhecimento social da enfermagem, a natureza de tal atividade e a inversão de valor de dominação, do masculino para o feminino, podem ser apontados como fatores com o potencial de dificultar a acomodação das identidades (real e virtual), tendo em vista a necessidade do indivíduo de ser reconhecido pelo outro (sociedade) e, assim, desenvolver sua autoestima (DUBAR, 2011; 2012).

Associado ao contexto de escolha de carreira está o uso do uniforme, evidenciado como desatualizado frente ao contexto social e à vigência ditatorial, aludindo o uso de uniformes como repressivo, as ideologias de liberdade e reivindicação, e a moda da época, e ainda pelo desejo em usar o branco, devido ao vislumbre pela carreira médica e pelo desejo de se igualar aos demais estudantes dos cursos da área biomédica.

O uniforme da escola causava um impacto muito grande, ainda mais quando íamos a algum lugar que tinham outros acadêmicos de enfermagem que não que usavam branco. Porque nas outras escolas não tinham uniforme. Eles tinham que ir de branco. (SÁ, 2022).

Na verdade, o país virou um quartel. Você tinha que fazer, tinha que obedecer e acabou, é assim que funciona. Então, o contexto do uniforme era um contexto assim também. (TORRICELLI FILHO, 2022).

Nós, que estávamos pensando em depois mudar e se sentir universitário. Nós queríamos ser unificados no mesmo nível que o pessoal [acadêmicos] da odontologia que usava branco mesmo sendo aluno. O pessoal [acadêmicos] de outras profissões da área da saúde usava branco, por que que o aluno da enfermagem tinha que se destacar com azul? (VALLE, 2022).

Cabe esclarecer que o uniforme branco só foi usado pelos alunos da EEAN no dia da formatura, enquanto os estudantes do curso de medicina já usam durante a formação, no ambiente de estágio.

Por conseguinte, o uso do uniforme da EEAN explicitava que aquele era o uniforme de estudantes, portanto, pessoas ainda em formação, que só seriam reconhecidas como enfermeiros, portanto, preparados profissionalmente, no dia da formatura, quando passariam a usar o branco. Ademais, no ambiente social em que os estudantes conviviam com seus pares (professores, estudantes de outras áreas da saúde, pacientes), havia uma forma pejorativa de tratamento mediante a diferença entre os uniformes utilizados.

Ao passo que havia uma crítica da identidade visual do aluno em formação, em contrapartida, ao trazermos as questões que forjaram a identidade profissional destes estudantes, percebe-se que o processo de socialização e convivência entre o corpo docente e o discente, a exposição prolongada a um uniforme desejado (uniforme branco/uniforme de

enfermeira diplomada) e a trajetória vivenciada ao longo da academia levaram os estudantes de ambos os sexos a uma identificação positiva por meio da disciplina, conhecimento científico do corpo docente e o respeito entre as partes, sendo esses pontuados como ferramentas construtoras de identidade para a turma de 1971.

A gente tinha que se posicionar bem [referindo-se as situações de discriminação durante o estágio], por isso que eu me apaixonei pelas professoras, Vilma de Carvalho, a dona Clarice [Clarice de La Torre Ferrarini], uma senhora que dava clínica médica, que começamos a ver e sentir que o uniforme não era assim tão importante. O importante era o conhecimento. Então essas professoras se posicionavam para os profissionais da medicina no mesmo nível. Isso foi muito bacana! Eram elas que faziam com que nós tivéssemos mais autonomia. (VALLE, 2022).

Ter estudado na Escola de Enfermagem Anna Nery, para mim é um motivo de orgulho. Eu fui uma privilegiada por ter estudado lá, por conta dos professores, que eram de primeira linha. Muito bons, muito capazes. A Escola prezava muito pela tradição, responsabilidade, respeito, hierarquia. (SILVA, M. J., 2022).

A relação docente-aluno de hoje é diferente da relação docente-aluno da minha época. Moldou o caráter da gente, moldou o senso de responsabilidade [referindo-se a relação com as professoras da EEAN na época de sua graduação]. (SILVA, M. J., 2022).

Tinham muita sabedoria![referindo-se às professoras da época] Cleonice Vicente Ribeiro, poxa, aquela mulher era "o bicho" [gíria popular para referir-se a uma pessoa muito boa em alguma coisa]. Eu não ia guardar o nome de professoras, como não vão guardar o meu nome [...] Eles [referindo-se a seus ex-alunos aos longo dos anos] não vão lembrar os nomes dos professores que se destacaram, mas eu vou lembrar de todos os nomes que contribuíram com a minha formação. Teresa de Jesus Sena, Vilma de Carvalho, e eu digo o nome completo porque isso retrata a importância dessas professora, elas deixaram um rastro no construto do aluno, criaram "braços" delas. Quando um professor deixa "braços" a gente assume a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho que elas plantaram, as sementes que elas plantaram. (MARINHO, 2022).

A socialização entre os componentes de um grupo promove a incorporação do pensar, do agir, dos valores e das normas características desse grupo, passando a tangenciar atitudes, condutas e comportamentos (FIGUEIREDO; PERES, 2019). Ao mesmo tempo, o reconhecimento das identidades associadas aos saberes, competências e imagens de si propostos e/ou expressos pelos indivíduos nos sistemas de ação, é conferido por meio dos processos relacionais (trajetórias individuais) em espaços legitimados e num determinado tempo (DUBAR, 2005, p 156).

Podemos inferir, a partir das fontes consultadas, principalmente as fontes orais, que a socialização promovida pelo convívio com as professoras da EEAN nas salas de aula, laboratórios, Pavilhão de Aulas, bem como a interação entre alunos de diferentes períodos do curso de enfermagem determinou a incorporação de valores e normas esperados para os enfermeiros da EEAN. Ao mesmo tempo, o contexto político-social da época emergia a reflexões dialéticas, que fizeram o grupo questionar o que, de fato, determinava o

reconhecimento da identidade da enfermeira ananeriana, principalmente o papel da indumentária neste processo. De maneira que as atitudes, condutas e comportamentos incorporadas por meio desta socialização foram internalizados atribuindo maior importância aos saberes, competências do que para a imagem de si propostos e/ou expressos no campo social em que estavam inseridos.

Foi possível observar que, ao serem estimulados a falar a respeito deste assunto, os colaboradores puderam resgatar memórias sobre o tempo vivido, as carreiras escolhidas e o caminho profissional realizado. Observando a íntegra das entrevistas, por ter sido eu mesma a entrevistadora, posso afirmar, a partir dos extratos de seus relatos, que estes colaboradores puderam elaborar internamente o reconhecimento desta identidade ananeriana a partir da recordação de suas trajetórias individuais, nos espaços legitimados dos empregos onde atuaram (como enfermeiros ou como médicos), ao longo destes 50 anos de formados.

11 CONCLUSÃO

Resultante do contexto político-social da época, a Reforma Universitária de 1968 imprimiu mudanças significativas no ensino superior brasileiro e, principalmente, na EEAN. O vestibular unificado, oriundo da reforma, representou um marco na história da EEAN/UFRJ, que, possuindo seu próprio processo seletivo e ensino voltado exclusivamente para o público feminino, passou a ter, a partir de 1971, o homem no seu corpo discente e a forma de ingresso na instituição não mais controlada pelas próprias dirigentes da Escola.

O modelo unificado de prestar o vestibular evidenciou a preferência pelas carreiras na área da saúde. Por ter se tornado um sistema unificado para escolha, houve um prejuízo significativo na formação de turmas para a Enfermagem, uma vez que preencheram as vagas muito mais candidatos que não haviam passado para medicina como primeira opção do que estudantes que escolheram enfermagem por convicção e desejo de seguir na profissão. Ademais, o aumento da concorrência elevou a nota de corte, e muitos candidatos utilizaram-se da estratégia de “segurar a vaga”, matriculando-se mesmo com o intento de não concluir o curso.

A entrada de homens obrigou a gestão da EEAN a realizar mudanças estruturais e administrativas do funcionamento da escola. No que diz respeito ao uso do uniforme, ponto muito prezado no processo de formação da estudante, foi necessário estruturar um modelo masculino para cada ocasião. Cabe destacar que o rigor e a disciplina que envolviam o seu uso continuaram sendo cobrados com a mesma veemência de então.

Entretanto, o contexto político e social vivido no Brasil na década de 1970 implicou mudanças na forma de lidar com o rigor, a disciplina, a hierarquia e as ordens predefinidas, pois os jovens estavam se defrontando com a necessidade premente da luta por direitos e por liberdade de expressão, uma questão muito mais ampla para a sociedade da época. Naquela ocasião, as questões geradoras dos motivos de desagrado entre os estudantes, que envolviam o uso do uniforme, não questionadas até então por outras gerações de estudantes, foram postas “em xeque” tanto pela tendência da moda vigente, que vinha se modernizando, quanto pela ideologia da época, que lutava por liberdade de expressão. A presença da figura masculina no grupo foi interpretada, pelos colaboradores deste estudo, como um fator que contribuiu para realizar as reivindicações, sendo estas atendidas.

Os rituais e cerimônias que solenizavam o uso do uniforme também sofreram adaptações devido à presença dos homens. Na Cerimônia de Recepção de Toucas e Imposição de Insígnias, os estudantes homens não recebiam a touca, apenas as insígnias. A premiação da Dama da Vela,

antes definida por critérios que incluíam subjetividade, passou a considerar apenas o dado objetivo do Coeficiente de Rendimento (CR) dos estudantes, permitindo, no caso desta turma, que houvesse três premiados por apresentarem valores iguais, e o CR e a subjetividade não puderam ser usadas como critério de desempate. A Premiação de Dama da Lâmpada não foi conflituosa nem alterada quanto a sua estrutura nem à indicação da aluna a ser premiada naquele ano, mas teve seu nome alterado nos convites de formatura dessa turma para “Prêmio Florence Nightingale”.

A transformação mais notória ocorreu no uniforme da formatura: tanto os homens quanto as mulheres ousaram seguir tendências da moda internacional e, indiretamente, expressar seus pensamentos a respeito da forma como percebiam a formação na Escola, não seguindo integralmente o padrão preestabelecido pela EEAN para a solenidade. Assim, é possível observar que a escola foi adaptando-se aos novos tempos e às demandas surgidas entre os estudantes, avançando em reconhecimento acadêmico e intelectual e podendo reduzir a atribuição que a roupa tinha de marcante na definição de uma identidade ananeriana.

No que diz respeito à construção de uma identidade a partir da indumentária, observa-se que a disciplina, a rigorosidade, a tradição, os rituais e solenidades que envolveram o uso do uniforme ao longo da formação acadêmica foram mantidos, mesmo com as mudanças impostas pelo vestibular unificado, e os colaboradores reconhecem como pontos fortes na formação da identidade profissional deles. Entretanto, se, por um lado, estes pontos forjaram o caráter e os valores que sustentaram a formação de uma identidade profissional destacada na fala dos colaboradores (quando se referiram ao fato de terem incorporado um espírito de corpo diante das situações vivenciadas ao longo da graduação), por outro lado, estas estratégias e mudanças não foram suficientes para determinar que os estudantes se identificassem com a profissão a ponto de desejar atuar exclusivamente como enfermeiros, buscando (a maioria deles) cursar medicina.

Os colaboradores pontuam ter feito diferença estudar na EEAN devido ao conhecimento adquirido, à disciplina rigorosa e ao respeito mútuo entre docentes e discentes, destacando-se ainda que, mesmo aqueles que foram cursar medicina posteriormente, atribuíram a postura profissional desenvolvida nesta segunda carreira ao aprendizado recebido na EEAN.

REFERÊNCIAS

- AKAOUI, R. C.; FERREIRA, M. T. Entre crise global e crises ordinárias: a crise das identidades, de Claude Dubar. **Plural**, 18(1), 175-184, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2011.74528>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- ANTUNES, I. C. B.; SILVA, R. O.; BANDEIRA, T. S. **A Reforma Universitária de 1968 e as transformações nas instituições de ensino superior**. Departamento de História – UFRN, 2018. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT29/A%20REFORMA%20UNIVERSIT%C1RIA%20DE%201968%20E%20AS%20TRANSFORMA%C7%D5ES%20NAS%20INSTITUI%C7%D5ES%20DE%20ENSINO%20SUPERIOR.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- ANTUNES, R.; RIDENTI, M. Operários e estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil. **Mediações**, v. 12, n. 2, p. 78-89, Jul/Dez. 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/3319/2719>. Acesso em: mar. 2021.
- APERIBENSE, P. G. G. S. **Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985)**. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- APERIBENSE, P. G. G. S.; SILVA, C. P. G.; SANTOS, T. C. F.; FILHO, A. J. A.; NELSON, S.; PERES, M. A. A. Uniforme de alunas de enfermagem: estratégia para a construção da identidade profissional. **Texto contexto – enferm.**, Florianópolis vol. 28, Epub, maio 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072019000100324&tlng=en. Acesso em: 27 mar. 2021.
- ARAGON, D.P.B; GRIMBERG G. INTERPRETAÇÃO E OPERATIVIDADE DA RESOLUÇÃO N.º 04/72 (25/02) DO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA E CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Rev. Bras. Enferm** [Internet], 1973 26(4-5):273–92. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-716719730005000007>. Acesso em: 28 set. 2022.
- ARAUJO, M. de. Esquerdo sobre direito: uma investigação sobre a semiótica do abotoamento de paletós masculinos. **dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 68–76, 2012. DOI: 10.26563/dobras.v5i12.116. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/116>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- BAPTISTA, S. S. **A luta por um espaço na universidade: o caso da Escola de Enfermagem Anna Nery**. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/10967/1/108312.pdf>. Acesso em: 06 set. 2021.
- BAPTISTA, S. S; BARREIRA, I. A. Repercussões da Reforma Universitária de 1968 nas Escolas de enfermagem brasileiras. **Acta Paul. Enf.**, v.12, n. 3, set./dez. 1999. Disponível em: https://acta-ape.org/wp-content/uploads/articles_xml/1982-0194-ape-S0103-

2100199900012000316/1982-0194-ape-S0103-2100199900012000316.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

BARROS, J. A. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020

BARROS, J. A. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão – SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.33662/ctp.v11i02.15006>. Acesso em:

BARROS, J. A. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BARTHES, R. **Imagem e Moda**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, R. **Sistema da Moda**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BATISTA, N. D. A figura masculina nas escolas de enfermagem brasileiras. SAJES – **Revista da Saúde da AJES**, Juína/MT, v. 4, n. 8, p. 1 – 7, Jul/Dez. 2018. Disponível em: <http://revista.ajes.edu.br/index.php/sajes/article/view/297/233>. Acesso em:

BENARUSH, M. K. **Termos básicos para a catalogação de vestuário**. Secretaria de Estado de Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Imprensa Oficial do estado do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.museusdoestado.rj.gov.br/termos_basicos/termos_basicos.pdf. Acesso em: 30 ago 2022.

CACCAVO, P. V. **A arte da enfermagem: efêmera, graciosa e perene**. Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2000.

CALDAS, N. P. **Os caminhos da lembrança: um olhar retrospectivo sobre a memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ**. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Centro Biomédico, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

CALLAN, G. O. **Enciclopédia da moda: de 1840 à década de 90**. Verbetes brasileiras. Cynthia Garcia. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

CARCIOLA, C. B. (2019). A influência da Moda na Sociedade Contemporânea. **Arquivos Do CMD**, 6(2), 79–93. <https://doi.org/10.26512/cmd.v6i2.22220>. Acesso em:

CARDOSO, I. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança, pp. 93-107. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ts/a/BSVVw9SLHbrnnYNRgGtMjJp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CARLOS, D.J.D.; BELLAGUARDA, M.L.R.; PADILHA, M.I. O documento como fonte primária nos estudos da enfermagem e da saúde: uma reflexão. **Esc. Anna Nery** [Internet]. 2022;26 (Esc. Anna Nery, 2022 26). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0312>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CARVALHO, V. Por uma epistemologia do cuidado de enfermagem e a formação dos sujeitos do conhecimento na área da enfermagem – do ângulo de uma visão filosófica. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** 13 (2): 406-14, abr. / jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a24>. Acesso em: 28 mar. 2021.

COSTA, R.; PADILHA, M. I.; AMANTE, L. N.; et all. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Rev. Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis. 2009 out-dez; 18(4):661-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/07.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

DUARTE G.; SPINELLI, L.M. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Rev. Sociais & Humanas**, 2019 [cited 2022 apr]; 32(2): 126-44. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/36316>. Acesso em: 05 set. 2021.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v.42 n.146 p.351-367 maio/ago.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/zrnhPNJ4DzKqd3Y3nq7mKKH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2021.

DUBAR, C. **A Crise das identidades**: A interpretação de uma mutação. Edições Afrontamento. Edição Gráfica Rainho e Neves Ltda, 2006. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/09/Livro-dubar_claude_a_crise_das_identidades.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Título original: La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DULCI, L. C. Moda e modas no vestuário: Da teoria clássica ao pluralismo do tempo presente. **Revista de História**, [S. l.], n. 178, p. 1-27, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2019.137649. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/137649>. Acesso em:

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Edgard Blücher, 2006. Disponível em: <https://ia800409.us.archive.org/26/items/PsicodinamicaDasCoresEmComunicacaoModestoFarina/psicodinamica%20das%20cores%20em%20comunicacao%20%modesto%20farina.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

FÁVERO, M. L. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

FERREIRA, C. R. V; SILVA, F. A.; ARAÚJO, M.S.; SOUZA, U. S. Divisão de gênero e social do trabalho: o trabalho da mulher no século XXI. **Rev. Facisa On-line**, 2021 [cited 2022 apr]; 10(2): 56-76. Disponível em: <https://periodicos.unicathedral.edu.br/?journal=revistafacisa&page=article&op=view&path%5B%5D=590>. Acesso em: 05 set. 2021.

FERREIRA, L. O.; SALLES, R. B. B. A origem social da enfermeira padrão: o recrutamento e a imagem pública da enfermeira no Brasil, 1920-1960. **Nuevo Mundo/Mundos Nuevos** [En

ligne], Questions du temps présent, 08 octobre 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/77966>. Acesso em: 05 set. 2021.

FIGUEIREDO, M. A. G.; PERES, M. A. A. Identidade da enfermeira: uma reflexão iluminada pela perspectiva de Dubar. **Revista de Enfermagem Referência**, vol. IV, núm. 20, pp. 149-154, 2019 Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/3882/388259318017/html/index.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

FRAGA, M. D.; SIANO, L. M. F. A ideia de Universidade na Reforma Universitária de 1968. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, 25(3): 155-71, jul./set. 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8945>. Acesso em: 12 mar. 2021.

FRANZON, S. Os acordos MEC_USAID e a Reforma Universitária de 1968 – As garras da águia na legislação de ensino brasileira. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 12, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21202_9057.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

FREITAS, M. T. S. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200002>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GALLEGUILLOS, T. G. B.; OLIVEIRA, M. A. C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 35, n. 1, p. 80-7, mar. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342001000100013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 27 mar. 2021.

GARCIA, T. C. Tudo Bem e o nacional-popular no Brasil dos anos 70. **História., São Paulo**, v. 26, nº2, p. 182-200, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742007000200010&lng=pt&nrm=isso. Acesso em 27 set 2022.

GASTALDO, D. M.; MEYER, D. E. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. **R. Bras. Enferm.**, Brasília, 42 (1 , 2, 3/4): 7 - 13 , jan./dez. 1989. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671989000100002. Acesso em: 27 mar. 2021.

GOHN, M. da G. Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. Ana Claudia S. Figueired – RESENHA-**Revista Desigualdade & Diversidade** [n . 2 0 | 2 0 2 1 | pp. 1 6 4 - 1 7 3].

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/?format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

HADDAD, V. C. N.; SANTOS, T. C. F. A teoria ambientalista de Florence Nightingale no ensino da Escola de Enfermagem Anna Nery (1962-1968). **Esc Anna Nery**, 15 (4):755-761, out. /-dez. (impr.)2011. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000400014. Acesso em: 27 mar. 2021.

JÚNIOR, O. C. S.; LOURENÇO, L. H. S. A história da história da enfermagem. *In*: Figueiredo NMA. **Fundamentos, conceitos, situações e exercícios**. São Paulo: Yendis Editora; 2005.

KAULING, G. B. **Nomenclaturas de modelos e desenho técnico manual**. Instituto Federal de Santa Catarina, S/d. Disponível em: wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/9/9b/Apostila_Desenho_Técnico_Parte_01.pdf e Disponível em: bitiscursos.com/costura-biblioteca-modelos/file/121-nomenclaturas-de-modelos-edesenhos-tecnicos-manual-02. Acesso em: 24 ago 2022.

KLETEMBERG, D. F.; SIQUEIRA, M. T. A. D. A criação do ensino de enfermagem no Brasil. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 8 n. 2, p. 61-67, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/06/185188/a-criacao.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

KRIPCA, R. M. L.; SHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. Atas CIAIQ2015. **Investigação Qualitativa em Educação/Investigación Cualitativa en Educación/V.2**. 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>. Acesso em: 17 jul. 2021.

LASSALA, M. L. G. **A reconfiguração do espaço social da Escola de Enfermagem Anna Nery no contexto da reforma universitária de 1968**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LAVIER, J. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACEDO, A. R.; TREVISAN, L. M. V.; TREVISAN, P.; MACEDO, C. S. Educação superior no século XXI e a Reforma Universitária. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.13, n.47, p. 127-148, abr./jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n47/v13n47a02.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

MACHADO, M. H., coord. **Os médicos no Brasil: um retrato da realidade**. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 244 p. ISBN: 85-85471-05-0. Available from SciELO Books. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bm9qp/pdf/machado-9788575412695-03.pdf>. Acesso em: 20 set 2022.

MARQUES, M. G. M. M. **Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa: da implantação à inauguração (1943-1945)**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MARTINS, C. J.; MARTINS, C. F. O uniforme enquanto objeto de signico na área da saúde. **Revista Unisinos**, v. 25, n. 59, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/ver.2011.25.59.03>. Acesso em: 26 mar. 2021.

MASCARENHAS, N. B.; MELO, C. M. M.; SILVA, L. A. Gênese do trabalho profissional da enfermeira no Brasil (1920-1925). **Esc Anna Nery**, 2016;20(2):220-227. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/b5cfrY9svCnvMf9M5L6rMRs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ, Rio Grande**, 2 (1): 95-108, 2011. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>. Acesso em: 24 jul 2021.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 303-309p.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA – Conselho Federal de Educação PARECER N.º - 163/72 APROVADO EM : 28/01/72. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 1972, v. 25, n. 1-2, pp. 152-158. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-716719720002000015>. Acesso em: 28 set. 2022.

MOREIRA, A. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto- 100 anos de história. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

MOREIRA, A. Escola profissional de enfermeiros e enfermeiras (1906). **Rev. Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 1181-1183. 2010. Disponível em www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/693/pdf_57). Acesso em: 19 ago. 2022.

NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem da enfermeira: revisão de literatura. **Rev. Bras Enferm.**, 2005, jan-fev; 58(1):74-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/LRkG4T8rfb5LFHjmVHXkYRv/?format=pdf>. Acesso em: 09 mai. 2022.

NIGHTINGALE, F. **Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é**. Tradução de Amália Correa de Carvalho. São Paulo: Cortez; 1989.

NIGHTINGALE, F. **Notes on Hospitals in Seymer, Lucy Ridgely**. The Selected Writings of Florence Nightingale (First printing). New York: Macmillan, 1954.

ORSI, V. A Estação: considerações sobre a moda e seu léxico no século XIX no Brasil. **Revista Linguagem em Foco**, v.12, n.3, 2020. p. 67-88. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4165>. Acesso em:

PADILHA, M. I. C. S.; BORESTEIN, M. S. O método de Pesquisa Histórica na Enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**. 2005, Out/Dez; 14 (4): 575-84. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/c7c1/4252960367605295e423a36b5b84128f7c69.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PADILHA, M. I.; BELLAGUARDA, M. L. D. R.; NELSON, S.; MAIA, A. R. C. et al. O uso das fontes na condução da pesquisa histórica. **Texto & Contexto – Enfermagem**, 26, n. 4, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/mZfqXZJKM7B7tMRpnKqWcjf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PERES, M. A. A.; PADILHA, M. I. C. S. Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermeira no Brasil (1923-1931). **Esc Anna Nery**, 2014;18(1):112-121. Doi: 10.5935/1414-8145.20140017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ean/a/jy8hxjWhPY77DDgLkHFyLCP/?format=pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

PERES, M.A.A.; BARREIEA, I.A. Significado dos uniformes de enfermeira nos primórdios da enfermagem moderna. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 7, n. 1, abril, 2003, pp. 25-38 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127717968004>. Acesso em: 30 ago. 2021.

PORTO, F.; CAMPOS, P. F. S.; OGUISSO, T. C. Vermelha Brasileira (filial São Paulo) na imprensa (1916-1930). **Esc. Anna Nery** [online]. 2009, vol.13, n.3, p.492-499. ISSN 1414-8145. Disponível em:

www.scielo.br/j/ean/a/WL7MtGsNRPHtyzGk9JXBQt/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 ago. 2022.

PRADO, L.A.; BRAGA, J. **História da Moda no Brasil – Das Influências às Autorreferências**. 2ª Ed: Disal, 2011.

REED, P. **50 ícones que inspiraram a moda**:1970. Paula Reed [tradução Laura Schichvarger]. São Paulo: Publifolha, 2014.

RODRIGUES, O. A. A. O amor, o sorriso e o povo brasileiro: Vinícius de Moraes e os movimentos culturais do brasil contemporâneo. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88200/273664.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 set. 2022.

SAGGIORATO, A. Rock brasileiro na década de 1970: contracultura e filosofia hippie. **Revista História: Debates e Tendências**, ISSN-e 2238-8885, vVol. 12, Nº. 2, 2012 (Exemplar dedicado a: Dossiê História e Cultura), págs. 293-302. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5965864>. Acesso em: 27 set. 2022.

SANTOS, B. P.; FERREIRA, G. B.; SOARES, M. C.; MEINCKE, S. M. K. Ensino de enfermagem no Brasil: do advento do sistema Nightingale ao cenário científico. **HIST. ENF. REV. ELETR (HERE)**, 5(2): 310-322, ago./dez. 2014. Disponível em:

<http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num2artigo21.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SANTOS, J. S. O papel dos movimentos sócio-culturais nos “anos de chumbo”. **Baleia na Rede**, v. 1 n. 6, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1808-8473.2009.v1n6.1470>. Acesso em: 27 set. 2022.

SANTOS, N. L. P.; SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A. Estilo de vida e saúde: o cotidiano das alunas da escola de enfermagem Anna Nery na década de 20. **R. Bras. Enferm.** Brasília, v. 51, n. 1, p. 165-176, jan./mar., 1998. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/C5fq6prKw3BwDkXkDL5gSkr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

SANTOS, T. C. F. ; BARREIRA, I. A. ; SAUTHIER, J. A fotografia como fonte primária na pesquisa em história da enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 72-84, 1999. Disponível em: http://revistaenfermagem.eean.edu.br/2017/detalhe_artigo.asp?id=1977. Acesso em: em 30 jul. 2021.

SANTOS, T. C. F. Significado dos emblemas e rituais na formação da identidade da enfermeira brasileira: uma reflexão após oitenta anos. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 8, núm. 1, abril, 2004, pp. 81-86 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127717725011>. Acesso em:

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A.; FONTE, A. S.; OLIVEIRA, A. B. Participação americana na formação de um modelo de enfermagem na sociedade brasileira na década de 1920. **Rev Esc Enferm USP**, 45(4):966-73, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n4/v45n4a25.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SANTOS, T. N. F.; BARREIRA, I. A. A Escola Anna Nery como Centro Difusor de Tradições Nativas. **Esc. Anna Nery R. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, ago. 1999. Disponível em: http://www.revistaenfermagem.eean.edu.br/2017/detalhe_artigo.asp?id=1984. Acesso em: 31 ago. 2021.

SAUTHIER, J.; BARREIRA, I. A. **As Enfermeiras norte-americanas e o ensino de enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931**. Rio de Janeiro, Editora Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, 1999.

SILVEIRA, C. A.; PAIVA, S. M. A. A evolução do ensino de enfermagem no Brasil: uma revisão histórica. **Cienc Cuid Saude**, 10 (1):176-183, Jan. /Mar. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/6967>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SOUZA, H. S.; TRAPÉ, C. A.; CAMPOS, C. M. S.; SOARES, C. B. A força de trabalho de enfermagem brasileira às tendências internacionais: uma análise no Ano Internacional da Enfermagem. **Physis: Rev de Saúde Col**, Rio de Janeiro, 2021 [cited 2022 apr]; 31(1), e310111. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312021310111>. Acesso em: 05 set. 2021.

SOUZA, G. M. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

SOUZA, H. A. N. **Enfermeiros na capital do brasil: do perfil de estudantes aos efeitos do masculino na enfermagem (1921-1942)**, 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SOUZA, M. L.; SARTOR, V. V. B.; PADILHA, M. I. C. S.; PRADO, M. L. O cuidado em enfermagem – uma aproximação teórica. **Rev. Texto Contexto Enferm.** 2005; 14 (2): 266-70. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v14n2/a15v14n2.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

TEIXEIRA, K. R. B. **Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas Seção do Distrito Federal: Criação e Implantação (1946 – 1949)**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) –

Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/51/teses/837524.pdf>. Acesso em: 09 set. 2021.

WALDOW, V. R. **Cuidar**: expressão humanizadora da enfermagem. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ORÇAMENTO DA PESQUISA

Nome do Projeto: Repercussões da entrada do homem para a imagem e identidade dos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery

Pesquisador Responsável: Vanessa Costa de Souza

Orientadora: Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense

Instituição/Unidade/Departamento: EEAN/UFRJ

	DESCRIÇÃO	VALOR
Material permanente	Computador	R\$ 5.000,00
	Impressora	R\$ 1.300,00
	Livros	R\$ 1.000,00
Material de consumo	Papel A4 (4 resmas)	R\$ 100,00
	Caneta	R\$ 10,00
	Cartucho de impressora (3)	R\$ 200,00
	Mídia de gravação (pen drive)	R\$ 50,00
	Papelaria e correios (p/banca)	R\$ 300,00
Serviços de terceiros	Revisão ortográfica e gramatical	R\$ 2.000,00
	Tradução de textos	R\$ 500,00
Despesas com os sujeitos da pesquisa	Internet	R\$ 300,00
	Gasto com deslocamento	R\$ 500,00
TOTAL		R\$ 11.260

Outros: _____

Comentários: _____

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICES**A – INSTRUMENTO PARA CATALOGAÇÃO DE FONTES TEXTUAIS**

Nº de catalogação	Tipo de documento	Data	Assunto	Localização

Fonte: APERIBENSE, 2016.

B – INSTRUMENTO PARA CATALOGAÇÃO DE FONTES ICONOGRÁFICAS

Nº de catalogação	Identificação temática	Data	Localização	Elementos evidenciados	Autor

Fonte: APERIBENSE, 2016.

C – TERMO DE DOAÇÃO**TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E DE IMAGEM PARA PUBLICAÇÃO**

EU, [*nome completo*], [*nacionalidade*], [*estado civil*], [*cargo/profissão*], inscrito(a) no CPF/MF sob nº [*número*] , portador da cédula de identidade nº [*número*], expedida por [*órgão expedidor e UF*], pelo presente termo, autorizo Vanessa Costa de Souza a publicar, em periódicos e meios eletrônicos para fins educacionais, imagens e meu depoimento dado em função da pesquisa intitulada “Repercussões da entrada do homem para a imagem e a identidade dos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery”, em conformidade com a legislação vigente, cedendo-lhe, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos de divulgação exclusivamente para fins educacionais. Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

[*Local e data*]

[*nome completo*]

D – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES HOMENS QUE SE FORMARAM EM 1974

Nome:	Data:	Entrevista n°:
Horário de início:	Horário de término:	

Identificação/Formação

1. Nome, idade, breve biografia: nascimento, formação (graduação-período), titulação, atividade profissional.

A escolha pelo curso da EEAN e da Enfermagem como profissão

- 1- Conte-nos sobre a sua escolha pelo Curso de Enfermagem: o que você sabia sobre a enfermagem e qual a sua percepção sobre a profissão, à época?
- 2- Como foi o processo do vestibular naquele ano em que era a primeira vez que se unificava o processo? Como foi a sua preparação, realização das provas, expectativas com o resultado, ordem de prioridade na escolha das carreiras pretendidas?
- 3- Motivo para escolher Enfermagem: havia algum motivo pontual em optar por cursar Enfermagem na EEAN ou a escolha do curso independeria da universidade?
- 4- Após as reclassificações e convocações, quais eram as expectativas profissionais e pessoais com relação a cursar enfermagem? Qual foi a sua vivência em relação a estas reclassificações e o início das aulas?

A entrada na EEAN e o transcorrer do curso

- 5- A chegada na EEAN: como foi o processo de matrícula, a recepção, a entrada no Pavilhão de Aulas, o primeiro contato com a turma, com as professoras e com o universo da Escola como um todo?
- 6- Colaboradores de outras pesquisas relataram que não era permitido o uso de qualquer roupa nas dependências da Escola. Você lembra algo a respeito na sua época, algo como receber um manual de normas e regras para o uso da roupa e dos uniformes? Sobre restrições de roupas para os homens (uso de bermuda, sapatos, camisetas)?
- 7- A EEAN usava uniformes. Você tinha conhecimento disso antes da entrada na Escola?

- 8- Usar uniforme no ambiente universitário lhe causou algum tipo de estranheza? Comente.
- 9- Como foi para você a transferência do campo de estágio para o HUCFF, e não mais somente o HESFA para todas as atividades práticas? Ali foi o momento de um primeiro contato com mais estudantes de outras áreas da saúde? Comente.
- 10- Você acha que a presença dos estudantes homens ajudava nas reivindicações feitas pelas estudantes mulheres? Comente.
- 11- Você percebia alguma diferença/estranhamento por parte de outros estudantes da área da saúde? E na relação com os pacientes, equipe de enfermagem nos campos de estágios por ser homem cuidando?

O uso do uniforme pelos homens

- 12- Com a chegada dos homens, foi preciso criar um uniforme masculino correspondente ao feminino para todos os campos de estágio, para os rituais e cerimônias. Como foi esse processo? Como foi comunicado a vocês sobre a vestimenta? Havia modelos ou moldes, referência para a confecção ou a compra? Houve alguma participação dos estudantes nas decisões tomadas?
- 13- Quantos uniformes você usou ao longo da graduação, contando, inclusive, o da formatura? Poderia descrevê-los (cor, formato, material, regras de uso, aquisição)?
- 14- Você vivenciou, ao longo da graduação, alguma mudança no modelo dos uniformes (neste caso, tanto feminino quanto masculino) ou só a criação dos masculinos?
- 15- Um grande símbolo que compunha o uniforme feminino era a touca. Houve algum movimento para que vocês também utilizassem touca? (em pesquisas já realizadas, há o relato de uma touca similar ao barrete militar).
- 16- Durante a formatura, compunha a indumentária o uso da pelerine (capa branca). Esta peça foi incorporada ao uniforme de gala de vocês?
- 17- Você considera que o uso do uniforme contribuiu para a formação da sua identidade profissional? Comente.

Repercussões da entrada do homem

- 18- Como você percebia o uso de uniforme pela enfermagem naquela época? Qual significado tinha para você o uso do uniforme durante a graduação? O que representava usar o Uniforme da EEAN?

- 19- Você considera que a entrada do homem no ambiente social da EEAN, obrigando a realização de adaptação e mudanças, repercutiu na imagem e na identidade dos graduandos da EEAN? De que maneira?
- 20- Como foi para você, durante a graduação, ser da turma pioneira da entrada de homens na Escola?

Término da entrevista

- 21- A primeira pergunta que você respondeu foi sobre o que você sabia da enfermagem e qual a sua percepção sobre a profissão. Ter estudado na EEAN fez você mudar ou confirmar o pensamento que tinha sobre a enfermagem? Comente.
- 22- Você considera que ser homem ajudou ou atrapalhou na sua carreira profissional?
- 23- Caso queira, pode acrescentar quaisquer informações sobre sua experiência no curso de enfermagem, que não tenha sido perguntado e que você deseje falar para ficar guardado para a história.

E – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS COLABORADORAS ESTUDANTES MULHERES QUE VIVENCIARAM A ENTRADA DO HOMEM NA EEAN

Nome:	Data:	Entrevista n°:
Horário de início:	Horário de término:	

Identificação /formação

1. Nome, idade, breve biografia: nascimento, formação (graduação-período), titulação, atividade profissional.

A escolha pelo curso da EEAN e da enfermagem como profissão

- 1- Conte-nos sobre a sua escolha pelo Curso de Enfermagem: o que você sabia sobre a enfermagem e qual a sua percepção sobre a profissão, à época?
- 2- Como foi o processo do vestibular naquele ano em que era a primeira vez que se unificava o processo? Como foi a sua preparação, realização das provas, expectativas com o resultado, ordem de prioridade na escolha das carreiras pretendidas?
- 3- Motivo para escolher Enfermagem: havia algum motivo pontual em optar por cursar Enfermagem na EEAN ou a escolha do curso independeria da universidade?
- 4- Após as reclassificações e convocações, quais eram as expectativas profissionais e pessoais com relação a cursar Enfermagem? Qual foi a sua vivência em relação a estas reclassificações e o início das aulas?

A entrada na EEAN e a escolha pelo curso

- 5- A chegada na EEAN: como foi o processo de matrícula, a recepção, a entrada no Pavilhão de Aulas, o primeiro contato com a turma, com as professoras e com o universo da Escola como um todo? Você morou no internato?
- 6- Você tinha conhecimento prévio de que, na EEAN, até então, só estudavam mulheres? Como foi entrar e ver que, na turma, havia homens?
- 7- Você morou no internato? Sabe-se que os homens não podiam morar lá, mas como se dava a relação, o convívio com os homens da turma nas dependências do internato?

- 8- Colaboradores de outras pesquisas relataram que não era permitido o uso de qualquer roupa nas dependências da Escola. Você lembra algo a respeito na sua época, algo como receber um manual de normas e regras para o uso da roupa e dos uniformes? Sobre restrições de roupas?
- 9- A EEAN usava uniformes. Você tinha conhecimento disso antes da entrada na Escola?
- 10- Usar uniforme no ambiente universitário lhe causou algum tipo de estranheza? Comente.
- 11- Como foi para você a transferência do campo de estágio para o HUCFF, e não mais somente o HESFA para todas as atividades práticas? Ali foi o momento de um primeiro contato com mais estudantes de outras áreas da saúde? Comente.
- 12- Você acha que a presença dos estudantes homens ajudava nas reivindicações feitas pelas estudantes mulheres? Comente.
- 13- Você percebia alguma diferença/estranhamento por parte de outros estudantes da área da saúde por ver alunos homens cursando Enfermagem? E na relação com os pacientes, equipe de enfermagem nos campos de estágios por ser homem cuidando?

O uso do uniforme pelos homens

- 14- Com a chegada dos homens, foi preciso criar um uniforme masculino correspondente ao feminino para todos os campos de estágio, para os rituais e cerimônias. Como foi esse processo? Como foi comunicado a vocês sobre a vestimenta? Havia modelos ou moldes, referência para confecção ou compra? Houve alguma participação dos estudantes nas decisões tomadas?
- 15- Quantos uniformes você usou ao longo da graduação, contando, inclusive, o da formatura? Poderia descrevê-los (cor, formato, material, regras de uso, aquisição)?
- 16- Você vivenciou, ao longo da graduação, alguma mudança no modelo dos uniformes (neste caso, tanto feminino quanto masculino) ou só a criação dos masculinos?
- 17- Um grande símbolo que compunha o uniforme feminino era a touca. Houve algum movimento para que vocês também utilizassem touca? Em pesquisas já realizadas, há o relato de uma touca similar ao barrete militar.
- 18- Durante a formatura, compunha a indumentária o uso da pelerine (capa branca). Esta peça foi incorporada ao uniforme de gala de vocês?

19- Você considera que o uso do uniforme contribuiu para a formação da sua identidade profissional? E você acha que foi da mesma forma para os meninos da sua turma? Comente.

Repercussões da entrada do homem

20- Como você percebia o uso de uniforme pela enfermagem naquela época? Qual significado tinha para você o uso do uniforme durante a graduação? O que representava usar o uniforme da EEAN?

21- Você considera que a entrada do homem no ambiente social da EEAN, obrigando a realização de adaptação e mudanças, repercutiu na imagem e na identidade dos graduandos da EEAN? De que maneira?

22- Como foi para você, durante a graduação, ser da turma pioneira da entrada de homens na Escola?

Término da entrevista

23- A primeira pergunta que você respondeu foi sobre o que você sabia da Enfermagem e qual a sua percepção sobre a profissão. Ter estudado na EEAN fez você mudar ou confirmar o pensamento que tinha sobre a Enfermagem? Comente.

24- Caso queira, pode acrescentar quaisquer informações sobre sua experiência no curso de Enfermagem, que não tenha sido perguntado e que você deseje falar para ficar guardado para a história.

F – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES QUE ERAM DOCENTES NO PERÍODO DE 1971 A 1974

Nome:	Data:	Entrevista n°:
Horário de início:	Horário de término:	

Identificação/formação

Nome, idade, breve biografia: nascimento, formação (graduação-período), entrada na EEAN como professora e suas atividades até entrada do homem

A entrada do homem na EEAN

- 1- Como era realizado o processo seletivo de candidatas para o Curso de Enfermagem da EEAN antes da implementação do vestibular unificado? Você participou de algum ou de alguma etapa?
- 2- Qual era a percepção que as professoras da Escola tinham sobre o homem fazer enfermagem e a EEAN receber homens para cursar Enfermagem?
- 3- A RU de 1968 começou a anunciar várias mudanças que viriam a ocorrer na estrutura administrativa do Curso de Enfermagem. Em relação a não haver mais a seleção pela própria escola, como foram os preparativos para a chegada de candidatos a partir vestibular unificado? Como esta questão foi recebida pelo corpo docente da Escola?
- 4- A primeira lista de aprovados do primeiro vestibular unificado teve um número significativo de homens e passou por um processo de preenchimento de vagas que durou até março. Como o corpo social da escola lidou com este acontecimento?
- 5- Como foi a recepção, o “dia das bem-vindas” aos calouros do vestibular de 1971? Você esteve presente?

O uso do uniforme pelos homens

- 6- A Escola tinha uma tradição de disciplina e rigurosidade em relação ao uso do uniforme. Com a entrada do homem, como foi o processo de pensar em criar um uniforme para eles? Como eles foram pensados?

- 7- Com o avançar desta primeira turma em que havia homens, como foi ocorrendo o processo de adaptação aos rituais e cerimônias da EEAN? Quais e como?
- 8- Um grande símbolo que compunha o uniforme feminino era a touca. Houve algum movimento para que vocês também utilizassem touca? Em pesquisas já realizadas, há o relato de uma touca similar ao barrete militar.
- 9- Durante a formatura, compunha a indumentária o uso da pelerine (capa branca). Esta peça foi incorporada ao uniforme de gala de vocês?

Repercussões da entrada do homem

- 10- O que mais marcou, o que foi mais significativo para você com a entrada do homem na EEAN? Por quê?
- 11- Quais você considera que foram as maiores dificuldades enfrentadas pela Escola com a entrada de homem em seu corpo discente?
- 12- A RU também trouxe mudanças na organização do ciclo básico no currículo da Escola. As aulas passaram a ser ministradas na Ilha do Fundão e com turmas de cursos diferentes reunidas. Você considera que este foi um dos motivos para a adoção de roupa comum para os estudantes?
- 13- Com a chegada dos homens, foi preciso criar um uniforme masculino correspondente ao feminino para todos os campos de estágio, para os rituais e cerimônias. Como as professoras se organizaram para realizar isso? Houve ajuda externa? Houve a participação dos estudantes em alguma etapa? No que diz respeito aos rituais e às cerimônias, o que foi preciso modificar?
- 14- Até 1973, ainda existia o internato, e os homens já estavam presentes desde 1971. Como era a relação, como se dava a presença dos homens no internato?
- 15- A entrada do homem modificou, de alguma forma, a maneira de ministrar as aulas? Houve necessidade de modificações no campo de estágio?

Término da entrevista

- 16- Durante o tempo em que você permaneceu na escola após a entrada do homem, fazendo uma análise sobre o tempo, numa retrospectiva da presença de homens nas turmas a partir de então, você considera que a imagem da Escola sofreu alguma modificação por esta razão? Quais?

17- Caso queira, pode acrescentar quaisquer informações sobre sua experiência no curso de enfermagem, que não tenha sido perguntado e que você deseje falar para ficar guardado para a história.

G – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES HOMENS QUE CURSARAM, MAS NÃO CONCLUÍRAM O CURSO

Nome:	Data:	Entrevista n°:
Horário de início:	Horário de término:	

Identificação/formação

1. Nome, idade, breve biografia: nascimento, formação (graduação-período), titulação, atividade profissional.

A escolha pelo curso da EEAN e da enfermagem como profissão

2. Conte-nos sobre a sua escolha pelo Curso de Enfermagem: o que você sabia sobre a Enfermagem e qual a sua percepção sobre a profissão, à época?
3. Como foi o processo do vestibular naquele ano em que era a primeira vez que se unificava o processo? Como foi a sua preparação, realização das provas, expectativas com o resultado, ordem de prioridade na escolha das carreiras pretendidas?
4. Motivo para escolher Enfermagem: havia algum motivo pontual em optar por cursar Enfermagem na EEAN ou a escolha do curso independeria da universidade?
5. Após as reclassificações e convocações, quais eram as expectativas profissionais e pessoais com relação a cursar enfermagem? Qual foi a sua vivência em relação a estas reclassificações e o início das aulas?
6. Em que período você saiu do curso? Quais motivos levaram a sua desistência? O uso de uniforme foi um deles?

Período em que esteve no curso

7. A chegada na EEAN: como foi o processo de matrícula, a recepção, a entrada no Pavilhão de Aulas, o primeiro contato com a turma, com as professoras e com o universo da Escola como um todo?
8. Colaboradores de outras pesquisas relataram que não era permitido o uso de qualquer roupa nas dependências da Escola. Você lembra algo a respeito na sua época, algo como

- receber um manual de normas e regras para o uso da roupa e dos uniformes? Sobre restrições de roupas para os homens (uso de bermuda, sapatos, camisetas)?
9. A EEAN usava uniformes. Você tinha conhecimento disso antes da entrada na Escola?
 10. Usar uniforme no ambiente universitário lhe causou algum tipo de estranheza? Comente.
 11. Você chegou a vivenciar o estágio no HUCFF? Ali foi o momento de um primeiro contato com mais estudantes de outras áreas da saúde? Comente.
 12. Até o tempo que você participou das atividades na Escola, você acha que a presença dos estudantes homens ajudava nas reivindicações feitas pelas estudantes mulheres? Comente.
 13. Você percebia alguma diferença/estranhamento por parte de outros estudantes da área da saúde? E, na relação com os pacientes, equipe de enfermagem nos campos de estágios por ser homem cuidando?

Término da entrevista

14. A primeira pergunta que você respondeu foi sobre o que você sabia da Enfermagem e qual a sua percepção sobre a profissão. Ter estudado na EEAN fez você mudar ou confirmar o pensamento que tinha sobre a Enfermagem? Comente.
15. Caso queira, pode acrescentar quaisquer informações sobre sua experiência no curso de enfermagem, que não tenha sido perguntado e que você deseje falar para ficar guardado para a história.

H – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DAS FONTES TEXTUAIS

1. Identificação

Nº da catalogação:

Título:

Tipo de documento:

2. Análise da época

Data:

Local de origem:

Contexto social evidenciado:

3. Identificação do autor

Autor:

Cargo/função/atividade:

4. Conteúdo

Conteúdo identificado:

5. Presença de intertextualidade

Textos referenciados:

6. Identificação do objeto do estudo

Síntese dos elementos referentes ao objeto do estudo:

Fonte: Produzido pela própria autora da pesquisa baseada em TEIXEIRA (2015, p. 100) e BARROS (2012).

I – INSTRUMENTO DE VALIDAÇÃO DO CONTEÚDO DAS FONTES ORAIS

Eu, *[nome]*, portador(a) do Registro de Identidade *[número]* e participante, como respondente, na pesquisa “As repercussões da entrada do homem para a imagem e a identidade dos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery”, após realizar a leitura da transcrição da entrevista dada à pesquisadora Vanessa Costa de Souza, valido o conteúdo por mim informado, no que diz respeito à organização, à objetividade, à clareza, à facilidade de leitura, à compreensão do conteúdo e à fidedignidade do conteúdo, desde que obedecidas as sugestões de acréscimos e/ou modificações de itens.

Sugestões:

Acréscimos:

Data: ____ / ____ / _____

Nome

Assinatura do responsável pela validação das informações.

J – CARTA/CONVITE DE INTENÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

Prezado(a) Sr(a). [*nome*]

Eu, Vanessa Costa de Souza, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da Professora Doutora Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada **“Repercussões da entrada do homem para a imagem e a identidade dos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery”**, cujo objetivo geral é conhecer o processo de implementação do uniforme masculino e as repercussões do uso desse uniforme pelos estudantes. Para tanto, venho, por meio desta, expressar meu interesse em entrevistá-lo. A entrevista poderá ser marcada em dia, local e horário que melhor o(a) atenda, podendo ainda ocorrer em ambiente virtual. Ressalto que todos os aspectos relativos à ética na pesquisa com seres humanos estão sendo respeitados, e este projeto está registrado no CEP, sob o número de protocolo [*nº do protocolo*].

Deixo meus contatos para que possa tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento. Segue, em anexo, o roteiro da entrevista a ser realizada para uma apreciação prévia, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE a ser assinado, caso aceite participar.

No aguardo de uma resposta favorável, desde já, agradeço a atenção.

Contatos do pesquisador:

E-mail: nessacs@ufrj.br // Telefone: 21- 98280-5120

Cordialmente,

Vanessa Costa de Souza

K – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**



O(A) Senhor(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **“Repercussões da entrada do homem para a imagem e identidade dos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery”** cujo objetivo geral é conhecer o processo de implementação do uniforme masculino e as repercussões do uso desse uniforme pelos estudantes, tendo sido aprovada pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/ Universidade Federal do Rio de Janeiro) sob parecer nº 5.163.727. A sua participação é voluntária e consistirá em conceder uma entrevista, que será gravada e transcrita, retornado para sua validação e posterior cessão dos direitos sobre o depoimento.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer fase da pesquisa. Neste caso, os seus dados e informações não serão utilizados na mesma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O(A) Senhor(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.

Os riscos potenciais desta pesquisa estão atrelados ao risco mínimo individual de dano emocional durante a realização da entrevista, sendo consideradas as dimensões psíquica, física, moral, intelectual, social, cultural e espiritual dos colaboradores, não havendo riscos adicionais. Ainda assim, por envolver lembranças de vivências pessoais que podem levar a situações emotivas o responsável por esta pesquisa se compromete a zelar pela integridade e o bem-estar dos colaboradores. Como profissional enfermeira, tem competência para prestar uma assistência caso seja necessária, avaliando, inclusive, a possibilidade de interromper a entrevista e retomá-la em outro momento oportuno. O benefício relacionado à sua participação está em eternizar a memória das vivências do colaborador com vistas a contribuir para o registro histórico do fenômeno estudado o que também proporcionará um aumento científico na área da enfermagem e da história da enfermagem brasileira. Uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação sempre que desejar.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e que concordo em participar voluntariamente, podendo retirar-me da pesquisa a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo, bem como de meu nome e eventuais imagens em fotografia. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Endereço para contato com o CEP: Rua Afonso Cavalcanti, 275 - Cidade Nova/Rio de Janeiro-RJ Brasil. CEP: 20.211-110. E-mail: cepeeanhesfa@gmail.com - Tel: 21-3938-0962. Contatos do pesquisador: E-mail: nessacs@ufrj.br// Telefone: 21- 98280-5120.

_____	_____	Data: __/__/__
Nome	Ass. do participante	
_____	_____	Data: __/__/__
Pesquisadora	Ass. da pesquisadora	
_____	_____	Data: __/__/__
Testemunha	Ass. da testemunha	

ANEXOS

A – CONVITE ENVIADO PELO APLICATIVO DE MENSAGEM *WHATSAPP*

CONVITE

Repercussões da entrada do homem para imagem e identidade do graduando da Escola de Enfermagem Anna Nery

Eu, Vanessa Costa de Souza, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora Dra. Pacita Geovana Aperibense, estou desenvolvendo uma pesquisa sob registro no CEP 53693221.0.0000.5238 (CAAE) cujo objetivo geral é conhecer o processo de implementação do uniforme masculino e as repercussões do uso desse uniforme pelos estudantes. Para tanto, venho por meio desta, expressar meu interesse em entrevistá-lo tendo em vista a sua participação na primeira turma do curso com homens em seu corpo discente.

A entrevista poderá ser marcada em dia, local e horário que melhor lhe atenda podendo ainda ocorrer em ambiente virtual. Caso aceite participar, serão enviados o roteiro da entrevista a ser realizada assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE a ser assinado.

Deixo meus contatos para que possas tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento.

No aguardo de uma resposta favorável, desde já agradeço a atenção.

CONTATOS DO PESQUISADOR:
E-MAIL: NESSACS@UFRJ.BR // TELEFONE: 21- 98280-5120



B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ELABORADO EM MEIO ELETRÔNICO

URL Google Forms: <https://forms.gle/sJUC6mYyvTzeFKUT8>



Está com problemas para ver ou enviar este formulário?

PREENCHER NO FORMULÁRIOS GOOGLE

Este é um convite para você preencher o formulário:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
 ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
 Título da pesquisa (dissertação de mestrado): Repercussões da entrada do homem para a imagem e identidade dos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery

E-mail *

Nome completo *

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Senhor(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: “Repercussões da entrada do homem para a imagem e identidade dos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery”, cujo objetivo geral é conhecer o processo de implementação do uniforme masculino e as repercussões do uso desse uniforme pelos estudantes. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob o parecer nº 5.163.727.

A sua participação é voluntária e consistirá em conceder uma entrevista, que será gravada e transcrita, retornado para sua validação e posterior cessão dos direitos sobre o depoimento.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer fase da pesquisa. Neste caso, os seus dados e informações não serão utilizados na mesma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O(A) Sr (a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.

Os riscos potenciais desta pesquisa estão atrelados ao risco mínimo individual de dano emocional durante a realização da entrevista, sendo consideradas as dimensões psíquica, física, moral, intelectual, social, cultural e espiritual dos colaboradores, não havendo riscos adicionais. Ainda assim, por envolver lembranças de vivências pessoais que podem levar a situações emotivas o responsável por esta pesquisa se compromete a zelar pela integridade e o bem-estar dos colaboradores. Como profissional enfermeira, tem competência para prestar uma assistência caso seja necessária, avaliando, inclusive, a possibilidade de interromper a entrevista e retomá-la em outro momento oportuno.

O benefício relacionado à sua participação está em eternizar a memória das vivências do colaborador com vistas a contribuir para o registro histórico do fenômeno estudado o que também proporcionará um aumento científico na área da enfermagem e da história da enfermagem brasileira.

Uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será enviada automaticamente ao senhor(a) para o e-mail informado assim que finalizar o preenchimento desta página, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação sempre que desejar. Endereço para contato com a pesquisadora: e-mail: nessacs@ufrj.br // Telefone: 21- 98280-5120. Contatos do CEP da EEAN/UFRJ: Rua Afonso Cavalcanti, 275 - Cidade Nova/Rio de Janeiro-RJ Brasil. CEP: 20.211-110. E-mail: cepeeahesfa@gmail.com - Tel: 21-3938-0962.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar voluntariamente, podendo retirar-me da pesquisa a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. *

- () Sim
- () Não

O pesquisador informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/ Universidade Federal do Rio de Janeiro. *

- () Sim
- () Não

Autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo, bem como de meu nome e eventuais imagens em fotografia. *

- () Sim
- () Não

Uma via deste termo respondido será enviado para o meu e-mail após a finalização deste preenchimento. *

- Ciente
Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido
[Revisar e enviar]

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Powered by



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)